



Fundação Edson Queiroz
Universidade de Fortaleza – UNIFOR
Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação – VRPPG
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

MARIA IRACEMA MOREIRA SALES

**“IRACEMAS” E “MARTINS” NA TERRA DO SOL:
OS CASOS DE AMOR ROMÂNTICO ENTRE MULHERES
CEARENSES E HOMENS EUROPEUS**

**“IRACEMAS” AND “MARTINS” AT THE LAND OF THE SUN -
CONTEMPORARY ROMANTIC LOVE AFFAIRSS BETWEEN
WOMEN FROM CEARÁ AND THE EUROPEAN MEN**

Fortaleza - Ceará

2008

MARIA IRACEMA MOREIRA SALES

**“IRACEMAS” E “MARTINS” NA TERRA DO SOL:
OS CASOS DE AMOR ROMÂNTICO ENTRE MULHERES
CEARENSES E HOMENS EUROPEUS NA
CONTEMPORANEIDADE**

**“IRACEMAS” AND “MARTINS” AT THE LAND OF THE SUN -
CONTEMPORARY ROMANTIC LOVE AFFAIRSS BETWEEN
WOMEN FROM CEARÁ AND THE EUROPEAN MEN**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Psicologia da Universidade de Fortaleza – UNIFOR, como requisito parcial para à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia, Sociedade e Cultura

Orientador: Prof. Georges Daniel Janja Bloc Boris
Universidade de Fortaleza - UNIFOR

Fortaleza
Universidade de Fortaleza – UNIFOR
2008

S163i Sales, Maria Iracema Moreira.
“Iracemas” e “Martins” na terra do sol: os casos de amor romântico entre
mulheres cearenses e homens europeus na contemporaneidade / Maria Iracema
Moreira Sales. - 2008.
164 f.

Cópia de computador.

Dissertação (mestrado) – Universidade de Fortaleza, 2008.

“Orientação : Prof. Dr. Georges Daniel Janja Bloc Boris.”

1. Relações de gênero. 2. Amor. 3. Subjetividade. 4. Sexo(Psicologia).
I. Título.

CDU 159.922.1



Fundação Edson Queiroz

Universidade de Fortaleza – UNIFOR

Programa de Pós-Graduação em Psicologia: Psicologia, Sociedade e Cultura

Dissertação apresentada à Coordenação do Curso de Mestrado em Psicologia do Centro de Ciências Humanas da Universidade de Fortaleza - UNIFOR, como requisito parcial obtenção do título de Mestre, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Georges Daniel Janja Bloc Boris

Prof. Dr. Georges Daniel Janja Bloc Boris - UNIFOR - Orientador

De Luis Detsi de Andrade Santos

Profa. Dra. Maria Inês Detsi de Andrade Santos - UNIFOR - Examinadora

Adriana Garcia Piscitelli

Profa. Dra. Adriana Garcia Piscitelli – UNICAMP - Examinadora

Prof. Dr. Henrique Figueiredo Carneiro
Coordenador do Curso de Mestrado em Psicologia - UNIFOR

Fortaleza, 19 de dezembro de 2008.

À memória de meu pai, José Álbio Sales.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Georges, pelo respeito e a delicadeza como se porta diante do orientando, o que muito contribuiu para o desenvolvimento de meu projeto e opção metodológica.

Aos professores da banca de qualificação: Leônia Cavalcante, Inês Detsi de Andrade e Adriana Piscitelli pela valorosa contribuição.

À compreensão e apoio da direção e dos colegas do Diário do Nordeste, especialmente, durante a concretização deste trabalho. Foi realizando uma matéria que encontrei os elementos iniciais do objeto desta pesquisa.

Ao Salim (Albio Sales), irmão querido e companheiro de todas as horas, principalmente, pelo apoio nas mais difíceis, pelo incentivo e sugestões sempre pertinentes e cheias de coragem.

À minha mãe, meus irmãos e demais familiares.

Um agradecimento todo especial às “Iracemas”, minhas entrevistadas, pela disponibilidade, compreensão, atenção e troca de experiências. Elas me fizeram compreender o que é ser aprendiz de pesquisadora mundana.

RESUMO

O presente trabalho discute como são construídas as relações afetivo-sexuais entre mulheres cearenses e homens europeus na contemporaneidade tendo como amostra mulheres da cidade de Fortaleza. Como pano de fundo, utilizo o livro “Iracema - Lenda do Ceará” (1865-2006), escrito pelo romancista cearense, José de Alencar, no qual o autor narra a história de amor vivida entre uma índia chamada Iracema, da tribo Tabajara, que se apaixona pelo colonizador português, Martim Soares Moreno, chamado no romance de “guerreiro branco”. No texto, denomino as mulheres de “Iracemas” e os homens de “guerreiros brancos” ou “Martins”. Para discutir e analisar tais relações, que envolvem aspectos simbólicos, sedução, desejo, paixão, além de estarem permeadas por preconceitos, questões econômicas e valores culturais, optei por uma pesquisa essencialmente qualitativa e de base fenomenológica crítica mundana, baseada na fenomenologia de Merleau-Ponty (1945-1999). Os dados empíricos da pesquisa foram coletados através de entrevistas com oito mulheres, na faixa etária compreendida entre 27 e 43 anos, a partir da seguinte pergunta disparadora: “Como você conheceu o seu namorado ou companheiro?” Como achado da pesquisa foi possível constatar que as mulheres entrevistadas conservam alguns traços do amor romântico, dentre outros, o desejo de casar e formar uma família, mesmo que tenham que abrir mão de sua profissionalização e passem a viver apenas dos afazeres domésticos. O desejo de viver uma relação com um homem estrangeiro que, no primeiro momento, o principal elemento a impulsionar a relação é o econômico, também faz com que algumas aceitem ficar com o parceiro mesmo sem estarem apaixonadas, afirmando que o amor virá depois, com a convivência. A fascinação pelo estrangeiro, no caso, o europeu, as faz percebê-los como o modelo ideal de parceiro, admirando o aspecto físico e as suas qualidades subjetivas. Outro traço marcante a permear o discurso das mulheres entrevistadas é o desejo de ir embora de Fortaleza a qualquer custo, o que dá um caráter dinâmico a essas relações. Diferentes da índia Iracema, cujo preço do amor-paixão vivido com o “guerreiro branco”, ao abandonar sua tribo e seu povo foi a morte, as “Iracemas” atuais veem estes relacionamentos como a única forma de deixar a vida dura que levam. Algumas são marcadas por dificuldades tanto no aspecto socioeconômico quanto no afetivo, daí, estes relacionamentos terem como característica, a troca que acontece no universo do simbólico. São relações que se desenvolvem no contexto do turismo e das migrações transnacionais caracterizando assim a contemporaneidade. Elas buscam, ainda, com estas relações, um certo encantamento para suas vidas, que passa pelo universo da subjetividade, através das trocas afetivas, como também pelo material, o consumo, outra característica desses relacionamentos, que podem ser pautados pelo amor e pela paixão ou, simplesmente, por um projeto de mudança de vida.

Palavras-chave: amor, subjetividade, sexualidade, relações de gênero, ideal de amor romântico, consumo.

ABSTRACT

This work discusses how the affective-sexual relations between women from Fortaleza (Ceará, Brazil) and European men are built. As background, I use the book "Iracema – A Legend of Ceará" (1865-2006), written by Ceará born novelist José de Alencar, in which the author narrates the love story between a native called Iracema, a woman of the tribe Tabajara, and the Portuguese colonizer Martim Soares Moreno, called in the novel "the white warrior". In my work, I call the women "Iracema" and the men are called "white warriors" or "Martin". To discuss and analyze such relationships involving symbolic aspects, seduction, desire, passion, all of them permeated by prejudice, economic issues and cultural values, I primarily chose the qualitative research method and phenomenological critique mundane, based on the phenomenology of Merleau-Ponty. Empirical data was collected through interviews with eight women, aged between 27 and 43 years, from the following starter question: "How did you meet your boyfriend or partner?" . I found that the women interviewed retain traces of romantic love as the desire to marry and raise a family, even if they have to give up their professionalism and strive to live only for household chores. The desire to live a relationship with a foreign man who, at first, the main element is the economic boost, it also causes some to accept to stay with the same partner without being in love, saying that love will come later with the living. The fascination with the stranger men, in this case, European, makes them perceive them as the ideal model of partner, admiring the physical aspect and its subjective qualities. Another striking feature to permeate the discourse of the women is the desire to go away from Fortaleza at any cost, which gives a dynamic character to this relationship. Different Tabajara India, whose price of love lived with the "white warrior" by abandoning his tribe and betray his people was death, "Iracema" today they see these relationships the only way out of the hard life they lead. Some are marked by difficulties, both in terms of socioeconomic and affective, these relationships have as another feature, the exchange that takes place in the symbolic universe. Are relationships that develop in context of tourism and transnational migrations characterizing the contemporary. The women seek also to these relations, a certain charm to their lives so that passes through the universe of subjectivity through the emotional exchanges, as the material consumption, another characteristic of these relationships that can be guided by love and passion, or simply by a change project of life.

Keywords: love, subjectivity, sexuality, gender relations, the ideal of romantic love, consume.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 – OS DISCURSOS AMOROSOS AO LONGO DA HISTÓRIA	18
1.1 Amor - Uma Construção Sociocultural: Do Sagrado ao Profano e os Trovadores do Amor Cortês	22
1.2 Civilização e Instinto: O Caro Preço do Progresso	28
1.3 O Amor Romântico está no Ar	33
1.4 Ambiente Sociocultural do Romantismo: Casamento e Família	35
1.5 Fim do Casamento Patriarcal	44
1.6 As Relações Amorosas na Sociedade de Consumo: As “Iracemas” Contemporâneas	47
1.7 Paraísos nos Trópicos: O Estrangeiro como “Martin” e a Mulher Nativa como “Iracema”	58
1.8 O Romantismo no Brasil	64
CAPÍTULO 2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	71
2.1 Sujeitos	73
2.2 Aplicação do Método	80
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE E DISCUSSÃO FENOMENOLÓGICAS DAS EXPERIÊNCIAS AFETIVO-SEXUAIS VIVIDAS ENTRE MULHERES CEARENSES E HOMENS EUROPEUS NA CONTEMPORANEIDADE	87
3.1 Quem são as Mulheres	87
3.1.1 Quem são as mulheres que vivem experiências afetivo-sexuais com europeus em Fortaleza?	88
3.2 Análise Fenomenológica	92
3.3 Discussão	95
3.3.1 O que as mulheres cearenses buscam em suas relações com homens europeus: o que diferencia o homem cearense do estrangeiro, no caso, o europeu	96

3.3.2 Questões relacionadas à percepção da mulher cearense acerca do homem europeu	102
3.3.2.1 Como são estabelecidas as relações de gênero	108
3.3.2.2 Primeira vez no Brasil	116
3.3.2.3 Superiores	118
3.3.2.4 Sonho de morar fora do país	120
3.3.3 Questões sobre casamento, religião e preconceito	122
3.3.3.1 Amores de férias, sem compromisso	127
3.3.3.2 Idade não importa	129
3.3.3.3 Preconceito	130
3.3.4 Questões sobre sexo, amor, dinheiro e afetividade	131
3.3.4.1 Meu namorado	140
3.3.4.2 Amores sem idealizações	140
3.3.4.3 Desejo masculino	141
3.3.5 Questões relacionadas ao contexto do turismo e ao “choque cultural” com a Europa: como elas vêem o Brasil e a miscigenação	143
CONSIDERAÇÕES FINAIS	153
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	157
ANEXOS	164
Carta de Informação e Termo de Compromisso	165
Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa	167
Declaração de Revisão Gramatical	168

INTRODUÇÃO

Lúcia, Vera, Karla, Suely e Sílvia: elas são mulheres comuns, que trabalham, algumas estudam, mas que, também, sonham em encontrar alguém para amar e, quem sabe, mudar de vida. O sonho de encontrar um namorado ou alguém com quem possam dividir sonhos, viver dias melhores e deixar de lado uma vida marcada por dificuldades tem levado muitas cearenses a se aventurar em busca de homens estrangeiros para se relacionar afetiva e sexualmente. Embora algumas façam dessa busca um meio de vida, ou seja, vivam do que ganham nos “programas”, outras trabalham normalmente durante o dia, e, à noite, aproveitam para buscar aquele homem que poderá ser o seu “príncipe encantado”. Mesmo com estilos de vida diferentes, num aspecto elas convergem: na busca de um amor, que, além de afeto possa oferecer uma vida segura, quer seja material, quer seja subjetivamente. Muitas passam até por três terminais de ônibus para chegar à praia de Iracema, um dos principais locais de concentração de homens estrangeiros que visitam Fortaleza. Algumas vão lá para se divertir, enquanto outras fazem da “programa” uma forma de ganhar a vida. Há aquelas, também, que já encontraram o seu “guerreiro branco”.

Tentar desvendar as experiências afetivo-sexuais das “Iracemas” contemporâneas, no sentido de desnudar uma realidade que, à primeira vista, parece óbvia, seria uma pretensão muito reducionista, defende a coordenadora da Pesquisa sobre Tráfico de Mulheres, Crianças e Adolescentes para Fins de Exploração Sexual Comercial (PESTRAF), Maria Lúcia Leal (2001) que compreende o problema dentro de uma perspectiva mais ampla, no campo das relações transnacionais e de gênero. A coordenadora do PAGU - Núcleo de Gênero da

Universidade de Campinas (UNICAMP), Adriana Piscitelli, que realizou pesquisa, em 1999, com garotas que frequentavam a praia de Iracema, confirma que algumas saíram daqui para a Itália convidadas por seus namorados que depois se tornaram seus maridos. Piscitelli foi uma das primeiras estudiosas, na atualidade, a lançar um novo olhar sobre o delicado tema, analisando-o não apenas sob a ótica da troca de um serviço sexual por dinheiro, e, sem cair no maniqueísmo de considerar o problema apenas uma relação de submissão dessas mulheres a homens em condições sócio-econômicas diferenciadas. Portanto, suas análises tornaram possível usar uma nova lente para investigar as nuances subjetivas desta realidade, com a qual tive meu primeiro contato através do jornalismo.

Na condição de repórter escrevi diversas matérias enfocando o assunto que, até então, antes de ter entrado em contato com o pensamento das pesquisadoras citadas, minha abordagem sobre o tema era reduzida ao universo do “turismo sexual”, em outras palavras, apenas numa perspectiva sócio-econômica. As pesquisas de Piscitelli, realizadas em 1999 e em 2002, com garotas que freqüentavam o Bar Desigual, localizado na praia de Iracema, e as repercussões na mídia sobre o seu trabalho, me fizeram lançar um novo olhar sobre o tema. A antropóloga, que realizou pesquisas no Brasil e, também, na Itália, com mulheres que saíram daqui acompanhadas ou que foram convidadas por seus namorados, a viver com eles, destacou um aspecto fundamental da situação: a afetividade que permeava tais relações, com resquícios do amor romântico. De acordo com Piscitelli (2007), não se pode negar que, nas relações entre homens europeus e mulheres cearenses, no contexto do turismo, pelo menos nos seus primeiros momentos, sejam importantes os fatores sócio-econômicos. Mas tais relações “são tingidas por noções de gênero e etnia, podendo envolver também romantismo e uma certa

idealização” (p. 6). A própria mídia passou a tratar o assunto sob outras óticas, obrigando os jornalistas a ampliar suas fontes sobre o tema. Além dos dados relativos ao controle da migração, encontrados na Polícia Federal e nos consulados, o “trade” turístico, as opiniões e os estudos de psicólogos, antropólogos e sociólogos passaram a integrar tais fontes. Foi, então, que decidi investigar o fenômeno sob outro ângulo, ao perceber que o assunto era delicado e complexo demais para ser analisado apenas sob a ótica jornalística. Vale lembrar que a PESTRAF, pesquisa realizada por Leal (2001), serviu também, para a ampliação dos meus horizontes acerca do assunto, além das entrevistas com psicólogos e sociólogos, entre outros estudiosos que destacavam a subjetividade que perpassava as relações afetivo-sexuais que aconteciam no contexto do turismo.

Ainda na condição de jornalista, o contato com garotas que freqüentavam os bares e as boates da praia de Iracema e as observações nas salas de embarque e desembarque no aeroporto Internacional Pinto Martins serviram para aguçar a minha curiosidade sobre o fenômeno, especialmente, nos momentos de chegada e de partida, quando foi possível constatar as trocas de afeto entre os casais. Até então, não conseguia perceber este traço, que ficava escondido atrás da visão do senso comum: a de uma relação entre o dominador e dominada, na qual ela saía perdendo, enquanto ele se aproveitava de uma situação, seja financeira, seja afetiva e sexualmente. O contato com tais aspectos do fenômeno me fez ampliar o enfoque da pesquisa, abandonando a concepção de turismo sexual devido ao seu caráter reducionista e controverso e por limitar o universo dessas relações.

Tomando como pano de fundo o romance “Iracema – Lenda do Ceará” escrito pelo cearense José de Alencar (1865/2006), um dos representantes do romantismo brasileiro, busco traçar uma articulação entre a índia Tabajara, fruto da

criação poética de Alencar, e as “Iracemas” atuais. O romance narra a história de amor entre a índia tabajara Iracema e o colonizador português, Martim Soares Moreno, conhecido como o “guerreiro branco” (p. 127). Depois de se apaixonar por Martim, de quem fica grávida, ela traiu o seu povo, ao deixar sua tribo, indo ao encontro do estrangeiro, Iracema morre de saudade do guerreiro branco, que decide voltar a Portugal para encontrar sua noiva. Apesar de indígena e nascida na nos trópicos, a personagem teve destino semelhante ao de muitas protagonistas de histórias vivenciadas na Europa ocidental, berço do amor romântico, surgido no final do século XVIII e início do século XIX. Considerado o amor da impossibilidade, já que o objeto amado jamais é alcançado, resta apenas o sofrimento. No Brasil, este movimento coincide com a discussão em torno de identidade nacional.

Entretanto, minha pesquisa não tem a pretensão de analisar a obra de Alencar (1865/2006) no que diz respeito a sua literatura romântica, mas usar a história de Iracema e de Martim como um recurso para discutir as transformações do amor desde os séculos XVIII e XIX até hoje. O que ainda persiste do mito de Iracema, uma criação de Alencar, no imaginário das mulheres cearenses que buscam como namorados, companheiros ou clientes homens europeus? O principal objetivo desta pesquisa é investigar como são vivenciadas as relações afetivo-sexuais entre mulheres cearenses e homens europeus, na contemporaneidade, no contexto do turismo. Minha pesquisa pretende romper com a análise reducionista do tema, que limita a discussão dessas relações à mera troca de serviços sexuais por dinheiro. Pretendo, portanto, enveredar para uma investigação voltada ao campo simbólico, envolvendo elementos psicológicos, sociais e culturais em torno do fenômeno. São relações delicadas que envolvem trocas afetivas e o desejo tanto de encontrar um amor quanto mudar de *status* social. Muitas vezes, além da esperança

de ver realizado um sonho, acalentado no imaginário desde criança que é encontrar o “príncipe” encantado, casar e ter filhos, desejam, também, mudar de vida. Embora a “olho nu”, apenas seja possível perceber uma relação de compra e venda, num mercado no qual tudo tem um preço ditado pela lei da oferta e da procura, busco usar outras lentes para identificar quem e o quê está por trás deste fenômeno. Assim, pretendo investigar quais outros elementos compõem tais relações que misturam sedução, poder, desejo, afetividade e sonho.

Num tom provocativo e instigante Leal (2008) indaga: onde o capitalismo toca que não vira ouro, se referindo à complexidade das relações afetivo-sexuais construídas no contexto do turismo ou mesmo na perspectiva da transnacionalidade. Para ela, tais relações não têm fronteiras, ocorrendo num mundo cada vez mais globalizado. Também percebe, nestas relações, afeto, sedução, desejo e sonho. Na realidade, as “Iracemas” optam por acompanhar seus “Martins” na expectativa tanto de viverem um grande amor quanto encontrar uma vida melhor. Se algumas são impulsionadas pelos fatores materiais – segurança ou certeza de ter casa e comida –, outras têm como principais motivações fatores subjetivos como, por exemplo, o desejo de viver uma história de amor ou mesmo o medo da solidão. Piscitelli (2007) discutindo os resultados de sua pesquisa realizada com garotas da Praia de Iracema, em 1999, admite que cultivam o amor romântico, reproduzindo o modelo das mães, acreditando que o amor vem depois, pois é mais importante a garantia da sobrevivência e que o parceiro seja bom e responsável. No entanto, o aspecto subjetivo desta realidade é reforçado com um outro elemento: a sedução.

Para Baudrillard (2007), “‘o universo da sedução’ é o que se contrapõe ‘radicalmente ao lado da produção’” (p. 24). Neste sentido, o filósofo francês reforça a posição defendida por Leal (2008), que percebe no afeto, e, porque não dizer, na

sedução, um dos pontos ou uma das brechas que o “Midas” do capitalismo não conseguiu ainda transformar em ouro. Ou seja, não é possível mensurar quanto vale um afeto tanto para quem o dá, quanto para quem o recebe, já que o amor está no campo, denominado por Baudrillard (2007), das trocas simbólicas ou impossíveis que, segundo ele: “é o lugar estratégico em que todas as modalidades de valor confluem pra uma zona que eu chamaria de cega, em que tudo é reposto em questão” (p. 17). No campo do simbólico e do imaginário, a relação entre sujeito e objeto é alterada, ou seja, não acontece da mesma forma em que se apresenta no mundo real, marcada pelas trocas objetivas, nas quais o sujeito paga por um objeto ou serviço. Nas trocas entre os amantes, os objetos desejados são o corpo e a afetividade, dois elementos que não têm valor de mercado, pelo menos no mundo real (Baudrillard, 1992, 2007). Assim, pretendo discutir como o fenômeno acontece no contexto do turismo e numa sociedade marcada por profundas transformações socioculturais, políticas e econômicas.

No primeiro capítulo, descrevo a história do amor no Ocidente, desde as mais antigas culturas às contemporâneas. Cada uma, à sua maneira, definiu e acrescentou suas peculiaridades ao discurso sobre o amor, que permanece, até hoje, aberto. As diferentes épocas e culturas desenvolveram seus discursos amorosos até o surgimento do amor romântico, no final do século XVIII e início do século XIX. Desta forma, antes de discutir as diversas expressões do amor romântico na contemporaneidade, um dos objetivos de minha investigação, descrevo as formas anteriores de amor: o amor-Eros, o amor-*philia*, o amor-*caritas* e o amor cortês.

Até chegar à contemporaneidade, o amor romântico fez um longo percurso e passou por transformações. Tais mudanças se tornaram mais evidentes

nas últimas décadas do século XX, com a entrada em cena das tecnologias de informação e comunicação e da concretização do processo de globalização, iniciado na época das grandes navegações, por volta do século XVI e a década de 1970, sendo acentuado nos anos 1990, principalmente, com a expansão da *Internet*, ferramenta que, neste início de século XXI, vem sendo utilizada, também, para que as pessoas viabilizem encontros afetivos sexuais, inclusive no contexto do turismo sexual, como destaca Piscitelli (2005).

Hoje, destacam-se as contradições do amor romântico, pois, ao contrário do que demonstrava a literatura romântica, na vida real, o amor não é cego. Como é vivido num contexto socioeconômico e cultural, claramente, delimitado no amor romântico, a razão, muitas vezes, era mais forte do que a paixão que era desmedida, louca e arrebatadora, apenas nos folhetins. Os amantes de classes sociais diferentes, por exemplo, dificilmente, se apaixonavam, mas caso isso acontecesse, as famílias não permitiam tal união.

No Brasil Colonial, também foram desenvolvidas relações afetivo-sexuais românticas nas casas-grandes, no século XVI, e nos sobrados, no início do século XVIII, quando o País começou sua urbanização. Foi quando as pessoas começaram a deixar o campo em procura de trabalho nos centros urbanos, já que com a abolição dos escravos, em 1888, os então senhores de engenho e os “barões” do café começaram a sua derrocada econômica. Tais relações afetivo-sexuais se constituíram em uma sociedade colonial, escravocrata e patriarcal, na qual a divisão entre vida pública e privada, os casamentos arranjados e sobre a influência do colonizador foram determinantes no desenvolvimento da vida social e amorosa do povo brasileiro. Pretendo investigar como as relações afetivo-sexuais vêm sendo

desenvolvidas, hoje, em um contexto globalizado e de transnacionalidade (Costa, 1998; Del Priore, 2006; Freyre, 1936/2005).

No segundo capítulo, descrevo e discuto as opções metodológicas da pesquisa que tem por base o método fenomenológico pautado, sobretudo, na fenomenologia antropológica de Merleau-Ponty (1945/1999, 1964/2007) e Moreira (2004) que propõe uma análise crítica “mundana” dos dados da pesquisa, a partir das falas dos colaboradores, negando qualquer pretensão de neutralidade científica, porém respeitando o rigor metodológico. Assim, justifico a opção por uma pesquisa essencialmente qualitativa e de base fenomenológica crítica mundana, baseada na fenomenologia de Merleau-Ponty (1945-199), acreditando que possa atender às peculiaridades do meu objeto de estudo: as relações afetivo-sexuais entre mulheres cearenses e homens europeus na contemporaneidade. O método fenomenológico consiste em colocar a experiência vivida ou o vivido no centro da investigação. Criado por Husserl (1931/2006), a fenomenologia contribuiu de forma decisiva para a transformação da filosofia do século XX, até então bastante influenciada pelo pensamento positivista. Husserl (1931/2006) afirma que “o conhecimento natural começa pela experiência e permanece na experiência” (p. 33), destacando a importância do estar no mundo, no sentido de possibilitar a experiência vivida. Como ressalta Moreira (2004), a busca do significado da experiência será sempre o fim da pesquisa fenomenológica que diferente da fenomenologia husserliana, idealista, que se debruça na investigação da essência dos fenômenos, a de Merleau-Ponty (1931/2006), busca a experiência vivida, ou seja, através da experiência do estar no mundo.

No terceiro capítulo, descrevo fenomenologicamente as entrevistas feitas com mulheres cearenses que se relacionam com homens europeus, na

contemporaneidade, tendo como universo a cidade de Fortaleza, para num segundo momento, desenvolver a análise dos dados coletados nas entrevistas tendo como base a metodologia fenomenológica “mundana”, a partir das falas dos sujeitos colaboradores. Isto é, como as mulheres experimentam estas relações dentro de um contexto no qual estão entrelaçados elementos socioeconômicos, culturais, subjetivos e questões de gênero. Pela complexidade do fenômeno e pela relação que o mesmo mantém com outras áreas do conhecimento, a análise do fenômeno será feita de maneira interdisciplinar, como o objetivo de ampliar a discussão em torno do tema. Assim, proponho discutir como são vivenciadas as relações afetivo-sexuais entre mulheres cearenses e homens europeus a partir de diversos teóricos ou pensadores sociais, a exemplo de Baudrillard (1992,1998,2004), Bauman (2001, 2004, 2005^a), Costa (1998), Del Priore (2006, 2007), Freyre (1936/2005), Merleau Ponty (1945/1999,1964/2007), Parker (1991), Piscitelli (2001, 2005., 2007) e Ribeiro (2006), entre outros, que me possibilitaram fazer uma ligação com o objeto de estudo desta pesquisa e as falas das entrevistadas que funcionaram como o fio condutor do trabalho.

Por fim, apresento algumas considerações finais sobre a experiência e o significado das relações afetivo-sexuais vividas por mulheres cearenses com homens europeus na contemporaneidade, na cidade de Fortaleza.

Capítulo 1

OS DISCURSOS AMOROSOS AO LONGO DA HISTÓRIA

Cada período da história desenvolve seu próprio modelo de amor e de tratar dele, ou seja, constrói o seu discurso em torno de tal sentimento que tanto seduz quanto desperta inquietação nas pessoas. Assim, cada civilização – de acordo com o seu contexto socioeconômico e cultural – inventa o seu discurso amoroso, isto é, sua linguagem própria de vivenciar e contar suas histórias amorosas. Algumas se tornaram famosas pelo mundo afora sendo contadas de geração em geração. Quem já não ouviu falar do amor impossível de Romeu e Julieta? Ou da história de Tristão e Isolda? Ou, ainda, do sofrimento do jovem Werther que se apaixonou por Carlota? Todas estas histórias têm em comum o sofrimento, um dos principais ingredientes do amor romântico, caracterizado, também, pela impossibilidade de sua concretização, muitas vezes, associado à morte. Foi justamente este o destino dos protagonistas das histórias acontecidas sob o signo desta concepção de amor como aconteceu com Romeu e Julieta, Tristão e Isolda e Werther e sua amada Carlota, conforme foi descrito nos romances dos séculos XVI e XVII e XVIII. O drama do jovem Werther, por exemplo, que acabou se matando por não ter seu amor correspondido, é um marco do romantismo Ocidental. Passados vários séculos, o que ainda resta, hoje, do amor romântico? (Borges, 2004).

Barthes (1997/2003) admite que o amor pode ser uma viagem interminável ou uma busca sem fim. Desta maneira, não existe um porto seguro para

aqueles que se aventuram trilhar sobre o terreno de areias movediças que formam este sentimento. “Eu me abismo, eu sucumbo [...]” (p. 3). É assim que ele reconhece ser também protagonista deste sentimento, e desta maneira Barthes descreve como o jovem Werther se sentia quando perdido nos seus pensamentos, imaginava a amada. É com este desabafo que Barthes (1997/2003) inicia o seu livro “Fragmentos de um Discurso Amoroso”, no qual faz um verdadeiro passeio pelo amor romântico, colhendo pedaços de histórias e tentando mostrar como alguns escritores construíram um discurso sobre algo que, muitas vezes, foi incompreendido ou até zombado, como admite o autor, que utiliza o amor romântico como fio condutor de sua narrativa. “Este tipo de amor é caracterizado pelo desejo, não necessariamente o desejo carnal, mas o desejo do que falta” (Borges, 2004, p. 9).

Assim, o amor romântico que se encontra na perspectiva do amor Eros, retratado por Platão (347 a.C./2003b), no livro “O Banquete”, ficava no mundo ideal onde residem a beleza e a verdade. Daí o objeto amado ser apenas venerado, não chegando a ser concretizado. Conforme Platão, o amor liberta o homem da sua condição humana de escravidão da alma e o levaria à verdade. Platão foi o primeiro pensador ocidental a elaborar uma reflexão sobre o tema e continua sendo uma referência para aqueles que estudam o amor. Daí, pergunto: o que ainda resta dessa concepção de amor nos dias atuais, principalmente, numa relação marcada pelas diferenças culturais. É um dos meus objetos de estudo. Atualmente, o amor continua sendo considerado como uma eterna busca de um sentimento ideal? Ou seja, na contemporaneidade, as pessoas acreditam neste tipo de amor que busca a perfeição e a verdade como defendia Platão? Apesar de ser próximo do amor Eros, a visão que Platão tinha sobre o amor, era filosófica, diferenciando-se de uma

concepção mais próxima da relação entre duas pessoas, levando em conta os aspectos afetivos e sexuais, como pretendo investigar nesta pesquisa.

Na concepção de Barthes (1997/2003), abismar-se significa uma “onda de aniquilamento que sobrevém ao sujeito amoroso por desespero ou plenitude” (p. 3). Ele se referia ao amor do jovem Werther pela bela Carlota, cujo coração já estava comprometido, como narra Goethe (1775/2007) no “Os Sofrimentos do Jovem Werther”, marcado pelo amor mais passional. Era diferente da visão platônica, na qual o ser humano buscava a verdade absoluta através do amor, que era um ideal de perfeição, se referindo ao campo do sensível e não do amor sexual. O significado do abismar-se tanto poderia ter a conotação de fantasia, do sair deste mundo e passear pelo universo do amor no sentido de sua plenitude, quando de morte, como foi o destino do jovem Werther que se suicidou por não ter o seu amor correspondido. Ao matar-se levou consigo o desejo do objeto amado, que na visão dos românticos, era o próprio amor. Era diferente um pouco do amor platônico marcado pelo inteligível ou pela razão, embora seja importante a contribuição de Eros para fazer a ligação entre razão e sentimentos através da paixão.

Segundo Bodei (1991), a paixão no sentido de amor é uma perturbação da alma. Platão (347 a. C./2003b) também reconhece ser o tipo de paixão mais voltado para Eros, perigosa, chegando a causar cegueira, ou seja, a pessoa podia perder a razão. Mas o amor, ao longo da história, passou por outras concepções. Da necessidade de ter alguém para compartilhar as caçadas, ou mesmo, trocar os excedentes da caça ou das colheitas, o homem queria mais. Assim começou a sentir vontade de ter companhia para dividir os seus medos e buscar segurança. Desta forma, foi construindo o seu discurso amoroso que não ficou restrito apenas ao instinto sexual. Pelo menos quatro tipos de amor podem ser identificados, na história

ocidental. O “amor-*philia*” significava “um desejo de partilhar a companhia do outro, seja pelo prazer, pelo útil, ou pela virtude” (Borges, 2004). O “amor-*philia*”, se aproximava da concepção aristotélica de amizade, levando em consideração, sobretudo a ética, como destaca Aristóteles (393 a.C/2008)

Não se pode ser amigo de muitas pessoas no sentido de ter com elas uma amizade perfeita, da mesma maneira que não se pode amar muitas pessoas ao mesmo tempo (pois o amor é de certo modo, um sentimento exacerbado, e é de sua natureza dirigir-se a uma única pessoa; e não ocorre facilmente que muitas pessoas agradem ao mesmo tempo a um indivíduo só, ou mesmo que, talvez, pareçam boas aos olhos deste indivíduo (p.180).

Ao contrário do “amor-Eros”, por sua concepção mais voltada ao sentido do desejo afetivo-sexual e pelo caráter passional, fazendo com que o amante perdesse a razão, o “amor-*philia*” é calmo e prima pelo prazer da presença da companhia do outro. É como o ditado que diz: depois da tempestade, vem a bonança”. Isto é, depois da paixão, considerada perturbadora, resta a amizade, segundo a concepção aristotélica. O “amor-Eros” é o que mais se aproxima do amor romântico, que começa pela paixão, se tornando amizade depois. A amizade tem o sentido da “*philia*” de Aristóteles, que ao defender a ética nas relações, fala do respeito entre os amantes, ou entre os amigos. Aliás, para ele, a amizade está acima do amor erótico. Para Aristóteles (393 a.C-2008), a “*philia*” constitui uma relação mais duradoura tendo como base o prazer de fazer o outro feliz, através da convivência e dos pequenos atos e das trocas cotidianas, a partir do respeito.

Continuando esta viagem pela história do amor no Ocidente, destacamos um outro tipo: o “amor-*caritas*” ou “*ágape*”, que está mais próximo da “*philia*”, amor

marcado pelo respeito e pela ética entre as pessoas, no sentido de amizade sincera defendido por Aristóteles (393 a.C-2008) do que do “amor-Eros”, primo-irmão do amor romântico. É um amor benevolente, não por uma pessoa em particular, mas por toda a humanidade, desinteressado e marcado pelo discurso religioso. Desta maneira, o “amor-ágape” está mais próximo do amor “philia”, que se aproxima da concepção aristotélica, baseada não numa relação marcada pelo prazer recíproco da convivência com o outro (Borges, 2004). Além do amor-paixão marcado pela idealização romântica, a exemplo do amor vivido entre a índia Iracema e o colonizador português, Martim Soares Moreno, segundo a criação de Alencar (1865/2006), no romance Iracema.

1.1 Amor - Uma Construção Sociocultural: Do Sagrado ao Profano e os Trovadores do Amor Cortês

O amor é, também, uma construção sociocultural e histórica. Em “As Paixões da Alma” Descartes (1649/2005) mostra as reações físico-químicas dos efeitos da paixão no corpo humano, numa visão mecânica, cartesiana de um sentimento que não poderia ser reduzido a um estado puramente físico do corpo. Assim, na paixão, o sangue ferve. Das seis paixões primitivas, segundo Aristóteles, o amor surge em segundo lugar. “O amor é uma emoção da alma, causada pelo movimento dos espíritos, que a incita a unir-se voluntariamente aos objetos que lhe parecem ser convenientes” (p. 81). Ele distingue dois tipos de amor, um deles, “o amor de benevolência, isto é, que incita a querer o bem ao que se ama; o outro é denominado amor de concupiscência, isto é, que faz desejar a coisa a que se ama” (p. 83).

Conforme Santo Agostinho (430 d. C./1987), apenas o amor divino, ou seja, o amor a Deus era verdadeiro, sendo considerado fundamento da ordem e da justiça. Reconhecendo a importância do amor, Agostinho (430 d.C-1987) afirma que só através do seu conhecimento o homem é capaz de distinguir duas realidades, às quais denominou: Cidade de Deus, fonte do amor divino e a Cidade terrena, onde habita o amor egoísta. Mas é no homem que ele prefere concentrar seu olhar, afirmando que somente o amor é capaz explicar a vida espiritual e o conhecimento divino, ou seja, o encontro com Deus. Para Agostinho), o belo estava em Deus: “se te agradam os corpos, louva neles a Deus e retribui o teu amor ao divino Artista para Lhe não desagrades nas coisas que te agradam” (p. 110). Ele distinguia dois tipos de amor: um ficava na Cidade de Deus, e, o outro, na Cidade mundana. O amor divino, pregado por Agostinho (430 d.C-2007) se aproximava mais do amor caritas ou ágape, principalmente, aquele que ficava na Cidade de Deus. O amor da Cidade terrena era considerado egoísta, estava ligado aos prazeres do mundo, se identificando com o amor Eros, pela conotação profana. Para Agostinho), o que estava fora da Cidade de Deus, não fazia parte do divino, era pecaminoso, portanto, não engrandecia o homem. Santo Agostinho considera que o verdadeiro amor seria a medida entre o amor a Deus e ao próximo, justificando que o amor do mundo e o amor divino eram incompatíveis.

São Tomás de Aquino (1264-2000) pregava o “amor/amizade”, assemelhando-se à concepção de amor defendida por Aristóteles, possuindo uma ligação mais próxima com o afeto, afastando qualquer conotação erótica, ou de qualquer interesse, exceto fazer o bem. E este fazer o bem poderia ser, ainda, estar próximo de Deus. Segundo ele, quando as pessoas amam, estão expressando o amor que sentem por Deus. Na Antigüidade e durante a Idade Média, o amor esteve

ligado ao culto do divino, ao sublime, algo que ficava além do plano terreno. O amor era o caminho mais curto para chegar a Deus, ao sagrado. Assim Deus incorporava o objeto amado. Desta maneira, as variações desses objetos se davam de acordo com a visão de cada pensador, sempre levando em consideração os valores da época. Para Platão (347 a.C 2003b) mais racional, embora tenha se aproximado mais do amor romântico, o amor era a porta que libertava o ser humano para a verdade. Com um discurso mais religioso, Santo Agostinho, embora admitisse um Eros celeste e outro vulgar, defendia que só o amor a Deus seria capaz de conduzir à justiça. Caminho semelhante traça São Tomás de Aquino (1264-2000) mais radical do que Santo Agostinho e Platão, afirmando que o amor divino era a condição do homem expressar este sentimento com os seus semelhantes.

A dicotomia entre corpo e espírito permeia o discurso do “amor Eros”, justamente pela diferenciação estabelecida entre o “Eros vulgar”, que incita o corpo, o sexo; e, o “Eros celeste” direcionado ao espírito. Assim como a concepção de que o amor é perigoso, sobretudo, a paixão, sentimento capaz de levar ao engano, ou à loucura, já que os amantes acabam perdendo a razão. A concepção do “Eros vulgar” está ligada diretamente à mulher, ser considerado perigoso, assim como a paixão, daí o amor poder conduzir tanto à verdade, ao belo, no caso do amor divino ou “Eros celeste”; quanto ao inferno, principalmente, pelo caráter de engano da paixão, considerada uma metamorfose da figura feminina. O discurso misógino em torno da mulher, verificado com maior intensidade durante a Idade Média, reflete esta visão de “amor Eros”, não no sentido de vida, mas sim do amor sensual, ligado ao prazer sexual. Por seu caráter enganador, tanto a paixão quanto a mulher, durante muito tempo, foram tidos como perigosos justamente pela associação ao “Eros vulgar” visão de amor mais voltado para o desejo sexual, remetendo ao pecado.

A concepção de amor no Ocidente é marcada pela visão cristã, cujos primeiros indícios datam do século XII, com a entrada em cena do amor cortês que tentou desvincular a relação entre o santo e o profano verificada no amor. É quando a mulher ou a dama, personagem das histórias trovadorescas da Idade Média, que pela visão cristã representava o pecado, começa a assumir o lugar da “Igreja”, considerada a esposa de Cristo. No entanto, durante a Idade Média, a mulher foi vista mesmo como o “Portão do Diabo”, (Bloch, 1995, p.17), pela visão deturpada do sexo feminino naquele período da História, quando ela foi decantada “em tratados teológicos, científicos e filosóficos; na literatura, lenda, mito e folclore” (p. 23). Até os padres da Igreja do século XIX faziam questão de retratar a mulher de forma pejorativa. As esposas eram apresentadas como briguentas, orgulhosas e insaciáveis. De acordo com Bloch (1995): “Deparamos aqui com uma das pedras de toque do gênero que, naturalmente, já está latente muito antes do século XIX e mesmo antes da era cristã: a ligação do feminino com as seduções e ardis da fala” (p. 22). A mulher é acusada de ter semeado a discórdia entre Deus e o homem, responsável pela Queda ou pecado, que pela visão cristã, resultou na expulsão de Adão e Eva do Paraíso.

O aspecto divino do amor sofre modificações ao longo de sua história, sobretudo no Ocidente, berço do amor romântico. Se o amor “philia” e “ágape” estavam mais próximos da visão divina do amor, ou seja, que levava à verdade, o amor “Eros” abria caminho para o tipo de amor mais voltado para o passional, confrontando razão e sentimento. Aos poucos, o discurso amoroso vai deixando a conotação divina, isto é, de ser o caminho para aproximar o homem de Deus, ou mesmo, levar à verdade ou conduzi-lo ao paraíso. Também, de uma forma lenta, o amor deixava para trás a Idade das Trevas, quando este sentimento, exceto o

voltado para o celestial, era visto como pecado, tendo a mulher como a personificação deste mal, que podia conduzir ao inferno. “A mulher é um caso-limite do homem, e, como no pensamento platônico, ela permanece presa pela matéria, pela carne e o desejo” (Bloch, 1995, p. 36). Pela própria visão do cristianismo, a mulher era vista como um apêndice do homem, já que segundo o texto de Gênesis, Deus fez com que Adão dormisse um sono profundo para retirar-lhe uma das costelas e conceber a mulher. Surge daí a diferença entre os sexos e Eva corporifica o caráter de inferioridade, pela ótica cristã do sexo feminino, ligado à sedução, vindo daí a atribuição à mulher de alguém cheia de subterfúgios e ardilosa, pela astúcia de ter persuadido Adão a provar do fruto proibido, provocando a discórdia entre Deus e o homem. Nesta concepção de subjetividade feminina, a mulher assume papel de inferioridade, sendo incapaz de agir por si mesma e considerada fonte do pecado. De acordo com Bloch (1995),

Vimos assim que, entre os Padres da Igreja nos primeiros séculos do cristianismo, a carne se torna sexualizada como especificamente feminina, e o sexo feminino é estetizado de um modo, e até um ponto, como nunca tinha sido na tradição anterior. Ao mesmo tempo, o domínio da estética é teologizado, com o resultado de que pertence ao domínio do feminino ou da estética é desvalorizado dentro de uma perspectiva ontológica segundo a qual somente aquilo concebido como existindo para além da carne portanto rotulado de masculino, é que pode reivindicar uma Existência completa (p. 64).

Assim, a noção de pecado surge com o cristianismo que, segundo Péret, (1985), “foi reservado a essa religião opor à sexualidade um amor inteiramente desencarnado, transladado para uma única divindade” (p. 46). A moral cristã ensinava que a mulher era submissa ao marido e que o sexo só era permitido dentro

do casamento, não com o objetivo de prazer, mas sim de procriar, garantindo a perpetuação da espécie. Desta maneira, tanto o homem quanto a mulher irão sofrer em decorrência da moral cristã com a noção de que o sexo é pecado. Para a mulher, a angústia é ainda maior, já que carrega consigo a culpa de ter provocado a discórdia entre o homem e o criador. Com a Idade Média, a Igreja usa o pulso ainda mais forte contra o homem e a mulher, acusados do pecado original, por isso trata de afastar um do outro. Ao mesmo tempo em que o Cristianismo transformava a mulher em tentadora e a sexualidade em pecado, ele protegia seu dogma e fortificava a Igreja, reforça Furtado (2008):

O culto da Virgem Mãe, por exemplo, instituído pela Igreja a partir do século XII, foi uma forma de tentar converter para si o culto místico do Amor e da Mulher idealizados, em sua forma pagã, na alma coletiva da época, de encerrá-lo na corrente da ortodoxia católica (p. 60).

Esta conotação acerca da mulher como divindade, criando sobre ela uma mística, foi fundamental para o surgimento do amor cortês cujas características são: trovadoresco e cavalheiresco. Vem dele a divinização do feminino já que pela ótica do amor cortês, a dama era jamais possuída pelo cavaleiro. Daí a noção de pecado continuar impregnando este tipo de amor, surgido por volta do século XII. A dama era sempre inatingível, por isso, não importava se fosse casada, uma vez que o caráter da pureza em torno da dela, uma personificação da Virgem mãe, permanecia. O amor da mulher continuava no campo da imaginação, era como um jogo, que envolvia toda uma visão simbólica. Como o amor, no sentido do desejo físico, era algo sujo, pecaminoso, a dama era apenas idealizada, assim o homem ficava longe do pecado. Mesmo assim, podemos observar que, o amor cortês

constitui um importante capítulo na história do amor cristão ocidental, onde o sagrado e o profano eram faces da mesma moeda. Como destaca Péret (1985), “no começo do século XII, o amor cortês está em voga em todas as cortes feudais da França” (p. 53). Mas reconhece que o início deste tipo de amor pode ser situado bem antes, mas devido ao poder que a Igreja exercia, impossibilitou a expansão deste tipo de amor que preparou o terreno para o surgimento do amor romântico.

O amor cortês inaugura uma nova etapa no discurso amoroso ocidental. A partir dele há um deslocamento do objeto amado, que sai do campo do divino, ganhando um corpo mundano, isto é, a mulher passa a ocupar o lugar da Virgem Mãe, antes ocupada pela Igreja ou por Deus. O amor cortês também tinha como característica o segredo, não podia ser revelado e, nem tampouco, concretizado. “Assim, a perfeição idealizada da mulher amada no amor cortês exclui o seu desejo” (Furtado, 2008, p. 67). Mesmo assim, a retórica do amor cortês é sentida, um pouco, no amor romântico, marcado, sobretudo, pelo sofrimento e pela falta de concretização. O amor romântico era marcado justamente pela falta do objeto amado.

1.2 Civilização e Instinto: O Caro Preço do Progresso

Eros, o deus do amor, pela sua própria natureza, é um ser paradoxal, assim como o amor. Filho de Penia, que significa pobreza ou necessidade, e de Poros, que quer dizer recurso, não é nem mortal e nem imortal, muito menos rico ou carente por completo. Sua essência é sempre marcada pela incerteza. Pode ser manipulador e assumir diferentes faces, uma vez que guarda características da mãe

e do pai. Nunca está completamente satisfeito, já que carrega a ambigüidade consigo. A mitologia utiliza sua riqueza simbólica para traçar o perfil psicológico de “Eros”, porém, não apenas dele, mas também do ser humano, que se depara com sua própria existência e não sabe o que fazer (Schoeplin, 2004). Assim como “Eros”, as pessoas também têm uma natureza paradoxal e ambígua, e, portanto, nunca estão completamente seguras ou satisfeitas, tal qual a acontece com o amor, que incorpora este deus, marcado pela dualidade e não pela unidade.

Freud (1929-1930-2006) reforça este raciocínio acerca do caráter ambíguo de Eros, portanto, responsável pelo medo que acaba sendo gerado nos amantes, diante do objeto amado temendo perdê-lo: “é que nunca nos achamos tão indefesos contra o sofrimento como quando amamos, nunca tão desamparadamente infelizes como quando perdemos o nosso objeto amado ou o seu amor” (p. 90). Este sentimento de perda do objeto pode ser levado para um campo mais amplo, como sugere Bauman (2001), ao se referir a Freud (1929-1930/2006), quando discutiu o dilema do homem moderno diante da civilização ou cultura. Segundo Freud (1929-1930/2006), “o que chamamos de nossa civilização é em grande parte responsável por nossa desgraça e que seríamos muito mais felizes se retornássemos às condições primitivas” (p. 93).

Seguindo este raciocínio, Bauman (2001) completa: “os prazeres da vida civilizada, e Freud insiste nisso, vêm num pacote fechado com os sofrimentos, a satisfação com o mal-estar, a submissão com a rebelião” (p. 8). Assim, o homem que, antes, se sentia apavorado diante dos mistérios da natureza, com o alvorecer do século XIX, época que marca a consolidação do pensamento científico como uma verdade absoluta, começa a perceber que seria capaz de dominá-la, graças à crença de que o progresso tecnológico seria a chave para afastar, definitivamente, o

homem das trevas ou das antigas concepções cultivadas ao longo da Idade Média, quando o homem trocou o instinto pela civilização, ou seja, sua condição primitiva geradora do princípio do prazer, sem levar em consideração tabus, leis, mas a sua satisfação pessoal, pela segurança, tomou consciência da sua realidade que pela ótica da civilização tinham como principais exigências: “a ordem e a limpeza” (Freud 1929-1930/2006, p. 103). Só que o homem teve de pagar um preço alto, já que, em troca, recebeu uma caixa, que pode ser comparada à de Pandora. Nela não havia somente segurança, conforto e outras benesses, mas, também, angústia, insegurança e amor.

E este medo não era apenas da morte. O homem, que saía do seu estado primitivo, passando a construir sua história a partir de elementos culturais e subjetivos, passou a sentir outras paixões ou sentimentos. Um deles, o amor, que substituiu o instinto sexual. A partir desta descoberta sente medo de perder a mulher amada, começando a ser caracterizado o amor, a afetividade em relação à companheira, que ganha status de objeto amado, e, não apenas de fonte de prazer, gerado a partir de um instinto ou necessidade biológica. O homem teme a perda da amada. Conforme Freud (1929-1930/2006): “Na realidade, o homem primitivo se achava em situação melhor, sem conhecer restrições de instinto. O homem civilizado trocou uma parcela de possibilidades de felicidade por uma de segurança” (p. 119). Neste contexto de discussão entre instinto e civilização - por ser o amor uma construção sociocultural – desenvolveu-se o amor romântico surgido, no final do século XVIII e no início do século XIX, na atmosfera eufórica da modernidade, quando o homem sentia-se encantado com as descobertas científico-tecnológicas e pensava ter descoberto todos os segredos do mundo.

As trevas tinham acabado graças à entrada em cena dos bons ventos do humanismo pregado pelo Renascimento, movimento filosófico surgido no início do século XV, dentro das transformações culturais, sociais, políticas, religiosas e econômicas pelas quais passava a civilização ocidental, sobretudo no Europa, berço do amor romântico. O homem se encontrava no centro do universo, portanto, dominava a natureza. Assim, o homem moderno se sentia como Adão, após a “queda”. Ao mesmo tempo em que descobria que Deus não havia terminado o seu projeto, o mundo, sentia um misto de medo e de satisfação ao descobrir que podia continuar o trabalho iniciado pelo arquiteto divino. Apostou todas as suas cartas na ciência, acreditando que o progresso tecnológico poderia lhe conduzir de volta ao paraíso perdido, daí, ser possível observar que, mesmo numa perspectiva puramente científica do mundo, o homem não se afastava da sua subjetividade, criando uma nova utopia: aperfeiçoar e dominar o mundo.

Ele não tinha mais medo das trevas, como quando pensava que o universo era governando por seres mistos de homens e deuses (Marcuse, 1966/1999). As novas descobertas – dinheiro como valor de compra substituindo o escambo, o que trouxe o conceito de segurança às transações comerciais, medidas de distância, como os mapas, a criação do relógio que modificou a medida do tempo, a noção do espaço com a entrada da perspectiva, o surgimento da imprensa e as grandes navegações – influenciaram diretamente na forma de pensar, agir e de enfrentar a realidade do homem moderno (Duarte Jr., 2006). O homem, supersticioso, que tinha medo dos bichos da floresta, dos fenômenos sobrenaturais e dos castigos divinos se encontrava, então, no centro do mundo. Ele se sentia poderoso e achava que podia dominar a Terra: “e o passado continua a reclamar o futuro: gera o desejo de que o paraíso seja recriado na base das realizações da

civilização” (Marcuse, 1966/1999, p. 38). Assim, o homem moderno acreditava que poderia recriar o paraíso a partir do conhecimento científico. Sua crença aumentava, à medida que fazia novas descobertas.

O caro preço do progresso foi mesmo o sofrimento. Como a vida não é feita só de ganhos, assim aconteceu com o homem ao se deslumbrar com as benesses do progresso, acabando por abrir mão do prazer e da felicidade para se tornar um ser civilizado ou cultural. No século XX, ele se depara com o caso desta civilização que, ao invés de felicidade, trouxe sofrimento. A corrida ao progresso acabou resultando em duas desastrosas guerras, de 1914-1918 e de 1939-1945, fazendo com que a tão propalada felicidade fosse substituída pela frustração. Conforme Bauman (2001, p. 13), “Os grandes crimes, freqüentemente, partem de grandes idéias”, fazendo alusão ao que ele chamou de “sonho de pureza”, ao se referir à modernidade, citando o nazismo e o comunismo como movimentos cuja ideologia pregada era a pureza: de raça e de classe.

O amor romântico é criado neste universo marcado pela ideologia da ordem e da limpeza. Hoje, na visão do sociólogo polonês, a versão contemporânea da pureza se dá pelo consumismo, ou seja, aquelas pessoas incapazes de serem inseridas no mercado consumidor viram refugos e são os novos “impuros” (p. 24). Entretanto a fragilidade deste projeto começava a ser percebido e questionado. O fracasso das duas guerras serviu para desmascarar o projeto de sociedade alicerçado no racionalismo. Além de denunciar uma decepção deste homem que, meio atordoado, tentava acordar de um sonho, no qual apostou as últimas cartas. E, assim, o romantismo renasce como um movimento de reação ao desencanto do homem civilizado. Ambientado em plena modernidade, caracterizada pela

supremacia do princípio da realidade sobre o princípio de prazer, o amor romântico vai funcionar como uma válvula de escape.

1.3 O Amor Romântico está no Ar

O terreno estava preparado para a construção de mais uma dentre as múltiplas linguagens que formam o interminável e enigmático discurso amoroso: o amor romântico que encontra, no Ocidente, o berço para o seu desenvolvimento. Seu surgimento coincide com a criação do movimento artístico do romantismo, nascido no final do século XVIII e tendo o seu apogeu no final do século XIX. O cenário do amor romântico foi desenvolvido no ocidente pré-moderno, que acabava de sair da Idade Média, passando pelo Renascimento, que afirmava ser o homem o centro do universo (Lasch, 1999). O amor romântico vinha como tentar fazer uma nova aliança entre o homem e a natureza, já que o progresso prometido pela modernidade, que ensaiava seus primeiros passos, havia aberto um fosso nesta relação. Os românticos pregavam essa volta do homem ao seu estágio primitivo, apontando como um dos caminhos: a paixão ou o amor. De acordo com Shelley (1890-2008) o amor está “no movimento de cada folhagem da primavera, no azul do céu, há então uma correspondência secreta revelada ao nosso coração” (p. 11). O poeta inglês discorre sobre o amor numa perspectiva bem característica do amor romântico, propondo uma re-ligação do homem com a natureza, condição para viver um grande amor. Pela ótica do romantismo, o amor era algo que ficava no campo da idealização e, não, do mundo concreto, daí seu caráter ambíguo, por ser vivido no campo da subjetividade, não da racionalidade.

Mas não são apenas os poetas, dentre outros artistas que percebem no amor romântico um alento. Rousseau (1755-2007) define este sentimento como sendo filho da natureza e da liberdade. A afirmação denota bem a relação entre o instinto, caracterizada pela natureza do ser humano; e, a civilização, representado pelo progresso, o que significa a liberdade de escolha do objeto amado também. Rousseau consegue identificar não apenas o lado instintivo do amor, mas também o aspecto moral. “Ora, é fácil ver que o moral do amor é um sentimento fictício nascido dos costumes da sociedade e celebrado pelas mulheres com muita habilidade e cuidado para estabelecerem o seu império e tornar dominante o sexo que deveria obedecer” (p. 55). O físico, para Rousseau, é representado pelo desejo que leva um sexo a se unir ao outro. Enquanto que o “moral é o que determina esse desejo e o fixa sobre um único objeto”. No centro do pensamento de Rousseau está a crítica ao progresso, acreditando que o homem é corrompido pelas regras sociais, assim como o amor, sentimento considerado por ele, filho da liberdade.

Assim como Bauman (2001), Rousseau (1755/2007) não poupava críticas ao progresso, principalmente, quanto às promessas de felicidade que vinham no bojo da modernidade. Rousseau (1755/2007) colocava nas costas do progresso, ou, como Bauman (2001) prefere, da modernidade, a origem de todos os males que afligem a humanidade até hoje. Para Rousseau (1755/2007), o ser humano nasce bom, sendo pervertido pela vida social e pelo desenvolvimento cultural.

Com tão poucas fontes de males, o homem no estado de natureza não tem, pois, necessidade de remédios, e ainda menos de médicos; a espécie humana, a esse respeito, não está em piores condições do que todas as outras, e é fácil saber dos caçadores se nas suas caçadas encontram muitos animais enfermos (p. 39).

Conforme Rousseau (1755/2007), as pessoas precisam tentar reencontrar a dimensão sublime do amor, ou seja, sua forma mais primitiva, no sentido de deixar o instinto, representado pela paixão, recuperar o seu lugar, que foi tomado pelas convenções sociais. Para ele, o caráter perigoso da paixão foi criado pela civilização, com o objetivo de privar as pessoas de expressar os seus sentimentos.

1.4 Ambiente Sociocultural do Romantismo: Casamento e Família

O amor romântico encontra um ambiente sociocultural e econômico para se desenvolver. Até à revolução industrial, no final do século XVIII, a maior parte da população européia vivia no campo. A urbanização, fenômeno que surge na esteira da industrialização, foi responsável por profundas transformações na sociedade da época, interferindo inclusive, nas relações afetivo-sexuais. Diferente das populações urbanas, as do campo viviam em aglomerados familiares próximos. Este aconchego funcionava como uma válvula de escape para os casamentos arranjados. Assim, quando o príncipe se transformava em sapo, a mulher contava com o apoio da família, que funcionava como seu amparo. A mudança atingiu também o comportamento da família e demais grupos sociais. Até o período da revolução industrial, a população se concentrava no campo, formando aglomerados constituídos basicamente de familiares (Lasch, 1999).

Os vizinhos se conheciam. O trabalho ocorria na terra e a mão-de-obra era recrutada na família que também ajudava a cuidar dos filhos que nasciam de casamentos arranjados nos quais o amor não era necessário. A mulher era protegida pela família e, portanto, não se sentia sozinha ou rejeitada (Perrot, 1988). Tudo caminhava bem, até que, com a industrialização, o quadro se inverteu. As

indústrias eram instaladas nos centros urbanos. Assim, os candidatos a operários tiveram que abandonar o campo e, conseqüentemente, o aconchego da família, além de perder a vida em comunidade, como era no campo, onde as pessoas se conheciam, e mantinham suas relações de amizade e vizinhança. Os laços familiares foram desfeitos e, portanto, os casais passam a viver sozinhos. É o período da constituição da família nuclear: pai, mãe e filhos, sem convivência domiciliar com outros parentes. Surge também a noção de espaços sociais, que desde a Antigüidade, predominava a idéia do espaço público, a partir da polis romana. No início da era moderna, estes dois tipos de espaços são confrontados, nascendo assim a noção de espaço privado, representado pela casa, diferente, do público, composto pela rua e pela cidade. No âmbito do espaço privado ficava localizado algo, até então, desconhecido, a intimidade, componente fundamental e diferenciador da vida urbana da camponesa ou rural. Neste cenário, no qual se insere o amor romântico, o então sagrado sacramento ou contrato social, o casamento, é questionado.

Longe dos olhos dos parentes e da vida simples do campo, onde os valores eram outros, a começar pelo próprio trabalho que não era medido por hora e por um salário definido, os casais descobrem que o casamento é mais do que um contrato ou uma obrigação moral, sendo necessários ingredientes subjetivos como o amor, a cumplicidade, o respeito e a amizade, além de satisfação sexual. Tanto o homem quanto a mulher começam a sentir certo mal-estar, originado pelas novas relações sociais, afetivas e sexuais, que a vida urbana ou moderna impõe. Freud (1929-1930-2006) defendia que a civilização é construída sobre uma renúncia ao instinto. Tal sentimento começou a fazer parte da vida do homem moderno, que saía do “paraíso”, representada pela vida no campo, caracterizada, pela simplicidade

para se deparar com a urbana, marcada por regras rígidas de convivência em sociedade e pelas transformações no mundo do trabalho e na própria intimidade. Foi assim que o amor romântico “matou” o casamento tradicional, até então, considerado eterno. A base da família passou a ser o amor-paixão (Lasch, 1999). A revolução industrial foi um componente importante para a transformação do espaço público e privado, influenciando nas relações afetivas. De acordo com Perrot (1988), “as fronteiras entre o público e o privado nem sempre existiram” (p. 176), fazendo referência à vida no campo, antes da urbanização, provocada pela industrialização, no século XIX, marcando não apenas o desenho das cidades, mas das relações socioeconômicas, culturais e afetivas da população.

Até então, os casamentos eram contratos regidos por regras de conveniência políticas ou econômicas. A mulher apenas idealizava um amor que nem sempre correspondia à realidade. A Igreja funcionava como uma válvula de escape às frustrações, ansiedades e mal-estar aos quais as mulheres começaram a sentir. A mulher não tinha expectativa de satisfação sexual, assim cabia à ela a obrigação de satisfazer o marido que, em troca, cumpria com a obrigação de prover as necessidades da família. Geralmente, procurava uma prostituta para satisfazer seus desejos, já que cabia à mulher, mãe dos seus filhos, o recato. Conforme Simmel (2001), “num ponto, não há ilusão alguma a se ter: enquanto o casamento existir, a prostituição existirá” (p. 10). Mesmo com a revolução sexual a prostituição continuou existindo, contrariando a tese do pensador alemão de que só com o amor plenamente livre, a prostituição seria banida da sociedade.

No Brasil pós-colonial, as sinhazinhas respiravam os ares românticos que tinham invadido o Velho Mundo e aportavam também por aqui. Como um dos ingredientes fundamentais do amor romântico, o casamento, continuou fazendo

parte do imaginário das mulheres, e sendo guiados mais pela razão do que pela paixão ou amor. Algumas uniões serviam para melhorar a posição da família ou referendar o status já adquirido. Assim sendo, água e vinho não se misturavam. As escolhas não eram feitas pelo coração, embora as moças vivessem suspirando por seus príncipes encantados que chegariam em carruagens, puxadas por cavalos brancos. Naquela época, os pais das moças tinham pressa uma vez que só restava à mulher o casamento. Sem muita instrução e com poucas oportunidades no mundo do trabalho, ainda fechado à mão-de-obra feminina, restava à mulher casar e ter filhos. Só que poucas eram as escolhidas, assim como os noivos. Os mulatos ou mestiços tinham poucas chances, já que os pais levavam em consideração a linhagem da família. O preconceito racial era visível, bem como o social e econômico, pondo em questão o amor romântico.

O Nordeste, marcado pela cultura patriarcal, aconteceram muitos raptos de donzelas por parte de jovens mulatos devido à recusa dos pais em aceitar o casamento (Del Priore, 2006). Enquanto jovens mulatos e mestiços tinham dificuldade para obter o consentimento dos pais de suas amadas, os homens brancos, olhos claros, feitos à imagem e semelhança do colonizador, eram motivos de cobiça e, até de orgulho por parte de algumas famílias. Fazendo um paralelo com o que ocorre hoje, os estrangeiros continuam sendo vistos como bons partidos.

Bourdieu (1990), ao investigar as relações de parentesco e de transmissão, como fez no “Três estudos de etnologia cabila”, no livro “Coisas Ditas”, abordou sob a ótica etnológica a questão da escolha do cônjuge no interior de uma população francesa, destacando a correlação entre o modo de transmissão de bens e a lógica das alianças. Para o sociólogo francês, toda transação matrimonial deve ser compreendida como “resultado de uma estratégia” e pode ser definida “como um

momento em uma série de trocas materiais e simbólicas [...] que depende em grande parte da posição que essa troca ocupa na história matrimonial da família” (Bourdieu, 1990, p. 77). Neste sentido, é possível observar que, o casamento antes de se tornar um sacramento, ocorre no século XII, na Europa, funcionava como um contrato civil, portanto, não acontecia por acaso, e nem o amor era determinante para a sua realização. Os interesses socioeconômicos e políticos determinavam estas uniões. Aliás, como mostra Bourdieu (1990) em seu estudo, até mesmo nas sociedades menos complexas, os casamentos possuíam regras e estratégias para as suas realizações. Assim, Bourdieu (1990) comparou estas regras e estratégias a um jogo “O jogo social é regrado, ele é lugar de regularidade. Nele, as coisas se passam de modo regular, ou seja, os herdeiros ricos se casam regularmente com caçulas ricas” (p. 83). Desta forma, ficam claras as influências, quer políticas, econômicas ou de sangue que regiam e continuam determinando os casamentos, sobretudo, nas classes mais favorecidas. Nas classes populares, estes critérios são menos observados.

No entanto, é preciso esclarecer que, estas regras e estratégias que formavam este jogo social, como bem definiu Bourdieu (1990), não ficavam ligadas apenas ao aspecto econômico. Entravam em cena também elementos como reputação, renome e glória que, aos olhos da comunidade cabila, eram mais importantes do que o capital econômico, como a terra, por exemplo. O fato demonstra a diferenciação dos elementos considerados importantes, para a celebração das uniões que, dependendo da cultura de cada uma, o valor econômico pode significar menos do que a linhagem, por exemplo. As estratégias matrimoniais estavam também ligadas à reprodução, o que valorizava outra instituição: Daí, família, casamento e reprodução de bens materiais ou simbólicos estarem sempre

ligados. Dois destes elementos, a família e o casamento são fundamentais para o amor romântico.

Bourdieu (1990) destaca: “não se pode dissociar as estratégias matrimoniais do conjunto das estratégias” (p. 87), citando, por exemplo, as relacionadas à reprodução, educação, cultural e econômica. O sociólogo tenta explicar que, antes de o casamento se tornar por amor, como veio acontecer com o advento do amor romântico, cujo berço foi o ocidente do final do século XVIII e início do século XIX, ele nunca foi uma operação pontual e abstrata, daí outorgar ao casamento o caráter de ser “[...], mas um ato que integra o conjunto de necessidades inerentes a uma posição na estrutura social [...]” (p. 88), incorporando, mais uma vez, o aspecto de jogo social ao matrimônio. Para Bourdieu (1990), os grandes negociadores são aqueles que sabem tirar proveito deste jogo social que envolvia aspectos políticos, sociais e de família. Por isso, assim como na escolha da pessoa amada, a do cônjuge nunca acontece de forma aleatória, são levados em consideração critérios da ordem da subjetividade e do mundo material.

Conforme sua característica de jogo, envolvendo estratégias, onde nenhuma das partes que sair perdendo, é possível reconhecer o casamento como negócios, nos primórdios de sua história, quando eram considerados para a vida toda, portanto, a escolha do cônjuge deveria ser criteriosa e não passar pelos aspectos subjetivos como, por exemplo, beleza física e ficar distante do amor-paixão ou de outro sentimento semelhante. Antes de se tornar um sacramento, o casamento assumiu o papel de um contrato civil, sendo condição básica para a transmissão de patrimônio, tendo origem em acordos entre famílias e, não, na escolha individual dos cônjuges. Somente em meados do século XII, o casamento assumiria a condição de sacramento. A garantia da igualdade era um ponto

fundamental para impedir a dispersão de fortunas acumuladas. É importante destacar o casamento no contexto do amor romântico, atentando para o fato de que no século XVIII, início do Romantismo, ocorre a reforma da legislação sobre o casamento entre nobres, por determinação do marquês de Pombal, em Portugal, reforçando a autoridade paterna a fim de impedir os chamados casamentos desiguais (Del Priore, 2006). Segundo a Igreja, os cônjuges se uniam por dever, e, não por amor, cabendo à mulher o recato, procriar e pagar o débito conjugal. Assim, o amor-paixão era inimigo do casamento, por ser considerado perigoso, já que despertava desejo e perturbava a alma.

No Brasil, estes casamentos arranjados eram típicos da sociedade que se desenvolveu no período colonial, centrada na figura do pai, o senhor de engenho, que controlava a casa e a senzala. Eram os casamentos patriarcais, frutos de arranjos baseados em critérios políticos, econômicos para unir as riquezas de duas famílias da mesma classe. Com a entrada em cena do amor romântico, o casamento patriarcal não resistiu, pois acabou sendo considerado incompatível com o amor. Conforme D'Inco (2007), “a vida urbana no início do século XIX praticamente inexistia no Brasil, então um enorme país rural” (p. 223). Em outras palavras, o que predominava era a presença da família patriarcal brasileira cujo poder estava centrado na figura do pai, denotando a questão de gênero que permeou a sociedade brasileira e continua até hoje. O pai exercia um poder exacerbado sobre a mulher, os filhos e os escravos.

Para Trigo (1989), “considerado na ordem patriarcal como engrenagem essencial de uma política voltada para a manutenção e transmissão do patrimônio, o casamento não deixava espaço para interesses pessoais” (p.88). Outro aspecto importante é que o casamento surgia para conter a luxúria e pôr ordem no chamado

paraíso, visão da sociedade brasileira encontrada à época do descobrimento, segundo descrição dos colonizadores. Desta forma, a primeira finalidade do matrimônio era de ordem social, o que significava o fortalecimento de grupos de parentesco e de status, além de preservar a transmissão de bens e do poder político ou econômico. Vale ressaltar que o casamento patriarcal, quando os cônjuges não tinham liberdade de escolha e os sentimentos não eram levados em consideração, serviram para a formação de um sistema de dominação política e econômica no Brasil. É importante lembrar que, mesmo na contemporaneidade, os casamentos, sobretudo, entre as classes mais abastadas são vistos desta forma, ou seja, conservam traços das uniões arranjadas, mostrando que o amor romântico não conseguiu solucionar o dilema entre casamento, amor e questões socioeconômicas que envolvem as relações, mesmo aquelas que envolvem intimidade e afetividade. Vale ressaltar que o casamento é um elemento importante nas relações afetivo-sexuais construídas entre mulheres cearenses e homens europeus, na contemporaneidade. Neste aspecto, o casamento representa uma estratégia no jogo da sedução entre estas mulheres e estes homens ao viverem suas relações afetivo-sexuais. Daí, ser possível perceber o caráter de jogo com regras e estratégias estabelecidas, nestas relações, como definiu o sociólogo francês (Bourdieu, 1990).

Vale lembrar que os casamentos eram arranjados e indissolúveis, como aconteceu no Brasil colônia e até o final do século XVIII. Mas a partir do século XIX, na Europa ocidental, e das primeiras décadas do século XX, no Brasil, mudanças sociais começam acontecer, influenciando de maneira significativa na ordem familiar e, conseqüentemente, nos casamentos. Novos conceitos começam a dominar o universo do País que passava a abandonar a sua condição de sociedade rural, sendo o de individualidade um deles. A escolha matrimonial começa sair da esfera

familiar e se tornar mais livre, passando pela expectativa do amor como base da relação. Foi criado um tipo de expectativa entre fusão de amor e casamento, elevando assim a valorização da mulher, que ganha destaque em relação ao mundo da sociedade patriarcal, onde o pai era a figura central. Concepções de amor: maternal, conjugal ou filial eram especificidades concedidas à mulher. A literatura se encarregou de difundir os ideais deste novo tipo de amor que brotava, o amor romântico que, à primeira vista, era incompatível com o casamento, por não ter uma linearidade, se alimentava de obstáculos, sofria breves separações para reconciliações ainda mais ardentes (Bourdieu, 1990; Trigo, 1989).

A partir do início do século XIX, aos poucos, o Brasil foi saindo do contexto rural para ingressar no urbano. As transformações ocorridas neste período atingiram também os sentimentos, ora chamado de amor, ora de sexualidade. É quando o amor romântico começa a ser delineado na sociedade brasileira. Surge a diferenciação entre espaço público e privado, assim como a emergência da família burguesa, fatores responsáveis pelo aumento das atribuições da mulher em cuidar da educação dos filhos, ser guardiã do lar e da família. Antes, o seu espaço era o privado, ou seja, a casa, em especial a cozinha e o quarto, já que a rua era espaço masculino, assim como a sala de estar, provando que esta dicotomia não ficava restrita apenas ao mundo social. A divisão atingia também a esfera íntima representada pela casa, que refletia essa diferença que marcava não apenas o espaço geográfico, mas também o de papéis sociais desempenhados por homens e mulheres. O período coincide com o surgimento do romantismo no País. O amor está no ar, mas apenas no aspecto do ideal, já que as regras prescritas pelos códigos religiosos e morais não deixavam que o amor se concretizasse (D'Inco, 2007).

Mesmo com a chegada do amor romântico, as escolhas dos cônjuges não eram tão aleatórias, marcadas apenas pela paixão, como a literatura romântica tentava mostrar. As escolhas amorosas tanto para o casamento quanto para outros relacionamentos, como namoros, por exemplo, obedeciam a regras e estratégias, que vão além do universo amoroso, marcado apenas pela emoção. Costa (1998) destaca que o amor romântico foi uma invenção do Ocidente, criada no cenário da Revolução Industrial, portanto, marca o individualismo, elemento presente nas sociedades contemporâneas, questionando que as escolhas não eram tão subjetivas. O amor romântico acontece dentro de um espaço socioeconômico bem determinado.

1.5 Fim do Casamento Patriarcal

Com o surgimento do amor romântico, o casamento patriarcal - típico do Brasil colonial, caracterizado por arranjos políticos e econômicos nos quais, muitas vezes, os cônjuges sequer se conheciam, quanto menos mantinham qualquer relação afetiva ou sexual antes de serem assinados os contratos que eram eternos -, não resistiu, pois acabou por ser considerado incompatível com o amor. Até por volta do século XVIII, os casamentos eram eternos e arranjados pelos pais, sem amor, frutos de negociatas, alguns por razões políticas, outros por motivações econômicas. De acordo com Del Priore (2006), a indissolubilidade do matrimônio, estabelecida pela doutrina da Igreja Católica, era usada como principal argumento a favor de uma escolha cuidadosa visando ao futuro do que um entusiasmo presente ditado pelo interesse físico do outro. Isto significava que o casamento funcionava como uma

instituição cuja finalidade era a transmissão do patrimônio, acordado entre as famílias dos cônjuges. Longo foi o percurso do casamento até chegar aos dias atuais. Vale lembrar que os casamentos entre as classes menos abastadas se davam de formas mais livres. A situação se inverte a partir do século XIX, quando o casamento passa a ser uma escolha seguindo as regras do amor romântico, nas quais sentimentos como afeto, amizade e companheirismo eram mais importantes do que satisfazer a vontade do pai baseada, quase sempre, em interesses políticos ou econômicos.

Na época, a sexualidade feminina não era levada em consideração, já que as mulheres eram proibidas de viverem experiências sexuais, principalmente, as de família burguesa.

A interpretação dominante da história da família na Europa e na América é a de que a visão dinástica do casamento – segundo a qual o amor romântico e o casamento eram considerados incompatíveis – foi substituída, por volta do século XIX, pela glorificação da escolha do companheiro, com base no amor romântico (Lasch, 1999, p.14).

Mas o amor romântico não gerou mudanças na relação entre homem e mulher que continua marcada pela submissão feminina. Se a paixão romântica e a atração sexual eram suficientes para definir o casamento burguês, no início dos tempos modernos, o casamento, ainda era um contrato hierárquico que impunha nas entrelinhas que a mulher fosse submetida à autoridade do marido (Lasch, 1999). Os dotes da Idade Média, bens que os pais ofereciam aos noivos para que casassem com suas filhas, foram substituídos pela beleza, e a mulher passa a ser vista como um objeto de enfeite. Assim, as mais jovens e bonitas tinham maior probabilidade de encontrar o seu “príncipe encantado”. Stendhal (1822/2007) reforçava esta tese: “A

imensa maioria dos homens, sobretudo na França, deseja e possui uma mulher da moda, como se tem um belo cavalo, como algo necessário ao luxo de um jovem” (p. 12). Destaca entre outros aspectos, a vaidade masculina, ao exibir uma mulher jovem e bonita, como um prêmio. Em alguns casos, revela o autor, não existia nem mesmo o amor físico, apenas o sentimento de vaidade. Pelo lado feminino, o desejo de ser arrebatada por um “príncipe” jovem, bonito e forte, embalava o sonho das jovens donzelas que protagonizavam as histórias românticas do período. Logo, tais contos de fadas começaram a povoar o imaginário do mundo real e as jovens sonhavam em encontrar, realmente, o seu Romeu. É certo que tais histórias, dificilmente aconteciam na realidade devido a diferenças de classe social ou mesmo à dificuldade de escola do “príncipe” que podia não corresponder ao sonho de amor da amada e vice-versa.

Costa (1998) questiona a visão de amor romântico, pautada no amor à primeira vista, ou mesmo do “príncipe encantado” que foi incorporada ao amor romântico, como se esse tipo de expressão amorosa fosse isenta de componentes socioculturais e econômicos. “Como todo ideal, o amor tem endereços nobres e salas de espera ‘vip’. Não circula a esmo num vácuo de intenções e propósitos” (p. 18). Se, por um lado, ele trouxe liberdade de escolha aos amantes, diminuindo o caráter de pecado da sua sexualidade, o amor romântico não era desprovido de uma carga social. O homem moderno acreditava que poderia dominar o mundo e que o progresso o conduziria à felicidade. Neste sentido, o romantismo, que trouxe no seu bojo o amor romântico, funcionou como uma força contrária, capaz de temperar, com um pouco de afeto, o coração do homem, que se encantara com o discurso racional da modernidade. Costa (1998) destaca tal dicotomia do discurso do amor romântico ao advertir que “amamos com sentimentos, mas, também com razões e

julgamentos” (p. 17). Este amor, livre de qualquer amarra, era apenas mais um ideal do romantismo, já que o amor escolhe, lugares, classes sociais; portanto, não é tão cego quanto pregavam os ideais românticos. Nunca houve casos na história em que o amor romântico fosse tão cego a ponto de misturar classes sociais: “o amor romântico é fruto de uma concepção da privacidade e da autonomia individuais, pouco conhecidas em período anteriores” (Costa, 1998, p. 202). Ou seja, tal concepção de amor se desenvolveu num período histórico bastante particular tanto para a vida sociocultural quanto econômica da sociedade, o início do século XIX marcado pela urbanização, impulsionada pela mudança no trabalho que sai do campo para a cidade com a industrialização. Essas transformações vão marcar, profundamente, as relações sociais das pessoas.

1.6 As Relações Amorosas na Sociedade de Consumo: As “Iracemas” Contemporâneas

Apesar de os amantes atuais não morrerem mais por amor nem, tampouco, se contentarem apenas em sonhar ou com a contemplação do objeto amado, não significa dizer que o discurso do amor romântico foi abandonado totalmente. O casamento, por exemplo, continua fazendo parte da imaginação das pessoas na atualidade, assim como das “Iracemas” contemporâneas, mulheres que constituem o objeto de investigação desta pesquisa, uma vez que projetam encontrar um homem estrangeiro, no caso em estudo, europeu, pela alusão que faço ao colonizador cearense, o português, Martim Soares Moreno, para realizar o sonho de viverem uma relação afetivo-sexual. Ou, quem sabe, concretizar a fantasia de encontrar um homem para casar, ou, ainda, um grande amor, tal como aconteceu

com a Índia tabajara, fruto da imaginação de Alencar (1865/2006), ao descrever no romance “Iracema – Lenda do Ceará” a história de amor vivida por Iracema e o colonizador português Martim Soares Moreno.

Na contemporaneidade, as relações são consideradas fluídas, leves, inventadas já que ninguém quer ser uma Julieta ou uma Isolda, nem muito menos ter o destino do jovem Werther que morreu por não ter o seu amor correspondido. Já se foi o tempo em que amar significava dar um voto de confiança ou entregar sua vida de olhos fechados a alguém. Passageiros deste mundo atual têm medo de caminhar ou de dar um salto sobre o “terreno movediço” das emoções, posto que, é preciso ter coragem para amar. Imersos num mundo no qual todos estão na “corda bamba”, e ninguém tem segurança no amanhã, os amantes preferem viver relações menos pesadas no que diz respeito a compromissos ou riscos. O filósofo francês Baudrillard (2004) faz relação ao estuque - pó de mármore utilizado no período barroco, estilo artístico desenvolvido no Ocidente, durante os séculos XVII e XVIII, para imitar desde ambientes a obras de arte - às relações sociais. Assim, usamos a metáfora para designar as relações afetivo-sexuais da atualidade no que diz respeito ao caráter, não de imitação ou fingimento, mas de fragilidade em relação aos sentimentos. Se os românticos rejeitaram o estuque da Renascença e do Barroco, os contemporâneos recuperaram esta característica da arte barroca, não no sentido de enganar, fingir aquilo que não é real, mas de seduzir ou simular. Neste aspecto, o medo das pessoas de se relacionarem, temendo decepções e sofrimentos, faz com que criem simulacros de relações, dada à fragilidade.

De acordo com Baudrillard (1992), “dissimular é fingir não ter o que se tem. Simular é fingir ter o que não se tem. O primeiro refere-se a uma presença, o segundo a uma ausência. Mas é complicado, pois simular não é fingir” (p. 9).

Transpondo esta análise do filósofo francês ao campo das relações afetivo-sexuais vividas na contemporaneidade, é possível perceber que elas se inserem no campo da simulação, isto é, não se trata de fingir ou dissimular simplesmente. São dois lados da mesma moeda, uma vez que não interferem na realidade. Está claro que, em ambos os casos, nada é real, uma vez que, sequer o princípio da realidade é posto em questão. “É, portanto, na Renascença que o falso surgiu como natural. Isso vai do falso colete ao garfo, prótese artificial, aos interiores de estuque e ao grande maquinário teatral barroco” (Baudrillard, 1996, p. 66). Só que, na contemporaneidade, este conceito cai por terra, a exemplo do que fizeram os artistas modernos ao reivindicar o caráter único da obra de arte, diferentes dos artistas da Renascença que começaram a criar ateliês colocando auxiliares ou mestres para ajudar a executar os trabalhos. A simulação, ao contrário, põe em questão a diferença entre o falso e o verdadeiro; o real e o imaginário.

Desta forma, é difícil fazer comparações ou afirmar que o discurso amoroso que está sendo construído na contemporaneidade é menos intenso do que os vividos pelos românticos do final do século XVIII e início do século XIX. Até que ponto a imagem e as alegorias do amor romântico continuam povoando o imaginário dos amantes contemporâneos, que estão mais na esfera da simulação, do simulacro do que do fingimento? Isto significa que as imagens dos ideais do amor romântico ainda continuam povoando o novo discurso amoroso que está em construção, nem que seja sob a forma de simulacros do que ficou na memória, ou seja, a essência, porque nunca é possível se retirar tudo, fica sempre o resto. No contexto destas relações, o sentimento surge apenas como uma leve camada de estuque dada à sua fragilidade. Por isso se torna difícil construir um projeto de amor, uma vez que implica numa relação de risco, podendo significar perda ou ganho.

Inseridos num mundo, no qual as pessoas vivem no limite - mercado de trabalho precário, ameaças de catástrofes ambientais são constantes, a violência urbana e a falta de um projeto de vida e de um amanhã deixam as pessoas ainda mais desconfiadas - isso faz com que as relações passam a ser consideradas meras conexões, uma vez que a sociedade atual é formada por redes; levando em consideração os relacionamentos construídos a partir das tecnologias de comunicação. Na contemporaneidade, as pessoas vivem no tempo da “pós-orgia” (Baudrillard, 1996, p. 9). Para ele, a orgia é o momento explosivo da modernidade, da liberação em todos os domínios. No campo do amor e dos sentimentos, também houve tal liberação, principalmente, com a descoberta do prazer e da compreensão de que o sexo não era só destinado á procriação como pregava a Igreja. Bauman (2004) defende a tese de que as pessoas na contemporaneidade temem uma relação afetiva por medo do sofrimento. Poucos querem se arriscar a sentir a dor de um amor não correspondido, como os românticos de outrora. “Sem humildade e coragem não há amor” (Bauman, 2004, p. 22), provoca. É neste cenário da “pós-orgia” que se delineia um novo discurso sobre o amor, no contexto da liberação: política, sexual, das forças produtivas e destrutivas, da mulher, da criança, das pulsações inconscientes e liberação da arte (Baudrillard, 1990).

Depois de o homem ter conhecido a sociedade baseada na produção, como aconteceu no final do século XVIII e início do século XIX, agora, na contemporaneidade, se depara com a sociedade do consumo que não é mais baseada na produção e no trabalho. No entanto Lipovetski (2007) defende que o mundo vive não mais a sociedade de consumo, e, sim, de hiperconsumo. Portanto, o risco de levar uma mercadoria sem o direito de troca é quase impossível. Acredita ser cada vez mais difícil para as pessoas, na atualidade, a entrega em relações de

risco. Entretanto, isto não significa que o amor ou pelo menos o desejo de encontrar alguém para viver uma paixão, tenha desaparecido do mundo contemporâneo. Segundo Lipovetski (2007), “a promoção do Homo eroticus não provocou, de modo algum, o naufrágio das expectativas e do discurso amoroso” (p. 294). Apesar dos desencontros, das várias performances assumidas pelo discurso amoroso, ao longo da história universal, não fizeram desaparecer nem o ideal de casal, nem o desejo de viver um grande amor e nem tampouco o sonho de encontrar o príncipe encantado sumiram do imaginário contemporâneo.

Hoje, o “príncipe” pode tanto chegar de avião quanto aparecer com um toque aparentemente mágico na tela do *notebook*, cujo cenário pode ser uma praia deserta ou uma cabana. Isto nos leva a crer que o amor não se estagnou ou desapareceu do contexto sociocultural do mundo contemporâneo. O ideal amoroso continua vivo provando que o amor romântico ainda tem muita história para contar numa época em que o prazer virou um dos objetos de desejo mais disputados, além de ser um luxo para muitos. Nesta perspectiva, o discurso amoroso passa a constituir uma forma de expressão do luxo na contemporaneidade, tanto no aspecto monetário quanto no afetivo. O Eros continua presente na vida contemporânea. Numa sociedade marcada pela incerteza, as relações afetivo-sexuais acabam sendo construídas neste contexto, assim o homem contemporâneo substitui as relações, que implicavam em compromissos e os casamentos para sempre, por conexões, formas leves, fluídas de viver a sua afetividade. Elas podem ser construídas tanto no mundo real como no virtual ou mistas: começar no universo virtual para ter continuidade no real. Ou, efêmeras, durando uma, três meses, alguns minutos, ou uma noite, bastando apertar a tecla “delete” para serem desfeitas (Bauman, 2004).

Costa (1998) alerta: “o mais importante, contudo, é observar o que ocorreu com o amor quando se deslocou para o centro imaginário do ideal de felicidade pessoal” (p. 20), fazendo referência ao individualismo exacerbado da sociedade atual, pautada pelo consumismo, tenta fazer do amor “uma fronteira ou uma trincheira entre o sujeito moral e a barbárie do mercado” (p. 21). Neste sentido, mostra que o amor romântico, ao perder a sua relação com os elementos culturais do passado, não encontrou ainda uma maneira para se firmar dentro deste novo contexto. “Mas não nos perguntamos se o amor que sonhamos pode sobreviver ao desmoronamento da moral patriarcal e, sobretudo, à nossa paixão pelo efêmero” (p. 21). De acordo com a análise de Costa (1998), a sociedade contemporânea vive um paradoxo: “de um lado, a sedução das sensações; de outro, a saudade dos sentimentos” (p. 21), como se sonhasse ainda com o amor eterno. Entretanto, é difícil conciliar estes anseios, no bojo de uma sociedade na qual, como observa Lipovetski (2007), sentimentos e mercadorias são vistos da mesma forma, e as garantias dadas aos produtos não são estendidas aos sentimentos, no sentido de devolução, sem nenhuma perda ou dano ao consumidor.

É justamente na esfera do consumo que são desenvolvidas as relações afetivo-sexuais entre mulheres cearenses e homens europeus, na contemporaneidade, objeto desta pesquisa. Neste aspecto, Costa (2005), que estuda as relações entre economia e amor nas sociedades complexas contemporânea, atenta para um aspecto importante: “as tensões entre um suposto amor verdadeiro, movido por ideais nobres e sentimentos sublimes, e o amor interesseiro, fundado nas motivações egoísticas das partes” (p. 111), que segundo Costa (2005), não servem apenas para inspiração de folhetins ou livros de auto-ajuda. Afirmo que desde as primeiras décadas do século XX, o tema é objeto de

interesse também das ciências sociais, valendo lembrar que durante muito tempo, o tema amor foi desprezado pelos cientistas sociais, voltando a ser estudado a partir da década de 1980. O que interessa não são os enredos sentimentais dos protagonistas, mas as estratégias e as lógicas que envolvem estas relações desenvolvidas em sociedades complexas marcadas, cada vez mais, pela competição, individualismo, e desterritorialização, fazendo com que os laços afetivos sejam frágeis. Não se pode deixar de considerar também a racionalização como uma das marcas destas sociedades, sobretudo no campo do trabalho onde as pessoas são cada vez mais descartáveis e substituíveis. No entanto, é neste cenário que as relações íntimas se encontram, só que, diferentes das demais, exigem espontaneidade e as transgressões, mostrando a controversa das sociedades contemporâneas.

Para Costa (2005):

O amor moderno se desenvolve como código de comunicação capaz de mediar o intercâmbio entre duas pessoas muito exclusivas e que manipulam dois mundos de significados singulares, recortados de maneira extremamente individualizada. É por isso eu nas sociedades complexas o amor é tão difícil, ou tão improvável (p.113).

Luhmann (1982) estuda o amor na perspectiva de um “código especial” (p. 22), o que na sua opinião dá um caráter dinâmico a este sentimento, característica das relações construídas nas sociedades complexas contemporâneas. Isso faz com que o autor justifique: “caracterizar sempre a sociedade moderna como uma impessoal sociedade de massa é, sem dúvida, um falso juízo” (p. 11). Pensar o amor como um código de comunicação, assim define Luhmann (1982), pensamento defendido também por Costa (2005), é colocar este sentimento no campo de

“relações íntimas” (p. 12), alargando as possibilidades de comunicação e de relação entre as pessoas nas sociedades contemporâneas. No caso da minha pesquisa, a comunicação apenas verbal, não seria possível devido à dificuldade da língua. Ao colocar o amor no campo de um código mais amplo, a língua não constitui impedimento para a construção de relações entre mulheres cearenses e homens europeus. Isto prova que são levadas em consideração outras formas de comunicação como “troca de olhares e o toque corporal” (p. 113). Admite que o grande questionamento em torno do amor romântico é se ele, construído como o último refúgio do aconchego e da espontaneidade e da entrega altruísta pode substituir a comercialização capitalista, cada vez mais sem medida e sem fronteiras, dentro dos espaços sociais e de lazer nos quais as experiências afetivo-sexuais são desenvolvidas (Costa, 2005).

Illouz (1997) enfatiza a relação de complementaridade entre o amor romântico e o mercado na sociedade contemporânea, mostrando que a comercialização do contexto romântico não causa dano à subjetividade. Assim, para ela, amor romântico e capitalismo podem caminhar juntos sem maiores problemas. A autora, ao estudar o amor romântico nos Estados Unidos, no século XX, mostra a mudança de eixo da comercialização dos contextos românticos, antes, vendidos pela literatura, hoje, pela publicidade e pela indústria cultural. Como destaca Illouz (1997),

Mas enquanto nós compreendemos melhor como o amor romântico tem ajudado a reforçar cada aspecto da ideologia do capitalismo industrial como individualismo, privacidade, família nuclear, e a separação nas esferas por gênero, nós ainda continuamos procurando entender o mecanismo através do qual o amor romântico e a interseção do mercado atual, isto é, como a experiência do amor romântico foi retirada

de dentro das práticas econômicas e, de volta, as práticas econômicas foram deslocadas para dentro da estrutura de sentimento (p. 35).

A socióloga observa a importância do aspecto do mercado nestas relações, principalmente no aspecto de consumo de produtos identificados com a ideologia burguesa. Illouz (1997) cita toda uma rede criada em torno das relações afetivas ligadas ao consumo destacando, por exemplo, os jantares sofisticados em restaurantes, o envio de flores, os presentes, sem perder de vista o aspecto do luxo criado em torno destas relações em estudo, como as desenvolvidas entre mulheres cearenses e homens europeus, marcadas pelas relações de trocas simbólicas e mercadológicas. É possível perceber que uma das diferenças, citadas por estas mulheres, entre o homem cearense e o europeu, está associado tanto ao aspecto subjetivo, como a sutileza na sedução, quanto ao material. Isto é, o hábito de presentear, quer com objetos ou viagens e o convite para jantares em restaurantes sofisticados. São demonstrações de afeto que estão diretamente ligadas ao consumo.

Costa (2005) ao estudar as relações afetivas nas sociedades contemporâneas, no contexto de suas relações com o mercado, portanto no campo social, destaca a posição de Alberoni (1988) ao se referir ao enamoramento, como sendo “o estado nascente de um movimento coletivo a dois” (p. 5). Para ele, o que diferencia o estado de enamoramento dos grandes movimentos coletivos é que estes são constituídos por muitas pessoas, enquanto o primeiro ocorre apenas entre duas pessoas, embora esteja no âmbito do coletivo. Neste sentido, podem ser analisadas as relações afetivo-sexuais, vividas entre mulheres cearenses e homens europeus na contemporaneidade, em Fortaleza. E a luta social passa pela procura deste homem cortês e generoso que elas sabem, não vai cair do céu. Conscientes

de que toda conquista requer sacrifício, quase todas as noites, depois de um dia exaustivo de trabalho, quer num salão de beleza, num escritório ou mesmo cuidando da casa e da família, elas vão tentar construir o que Alberoni (1988) chama de “movimento coletivo a dois” que é marcado por incertezas e decepções também. Apesar das decepções, têm consciência de que não podem desanimar. Esta visão de amor no campo social é defendida por Goode (1959), ao analisar este sentimento como uma ação social.

“A vida quotidiana se caracteriza pelo desencanto” (Alberoni, 1988, p. 28) fazendo com que os desejos cheguem sempre em forma de fantasia que, muitas vezes, não são concretizados. Ao mesmo tempo em que é possível perceber que estas mulheres não cultivam o amor paixão, aquele tipo que segundo Giddens (1993), “o envolvimento emocional com o outro é invasivo - tão forte que pode levar o indivíduo, ou ambos os indivíduos, a ignorar as suas obrigações habituais” (p. 48), deixam transparecer, o desejo de serem amadas, encontrar um homem capaz de lhes oferecer mais do que uma vida materialmente segura. Como destaca Giddens (1993), “o amor apaixonado é um fenômeno mais ou menos universal. Devo dizer que ele ser diferenciado do amor romântico muito mais culturalmente específico” (pp. 48-49). Assim, a análise de Giddens (1993) corrobora com as de Alberoni (1988) e Goode (1959), ao denotar no amor, sobretudo, no romântico, esta associação com elementos do mundo social e, não apenas, restrito ao campo da subjetividade. Nesta perspectiva, o amor pode ser analisado também como uma ação social capaz de promover uma transformação, embora individual, já que é um movimento construído a dois, pelo menos no campo afetivo-sexual. Desta maneira, não estava entregue nas mãos do destino. “Na Europa pré-moderna, a maior parte dos casamentos eram

contraídos, não sobre o alicerce da atração sexual mútua, mas o da situação econômica” (Giddens, 1993, p. 49).

Baudrillard (2007) afirma que, “a troca simbólica é o lugar estratégico em que todas as modalidades de valor confluem para uma zona que eu chamaria de cega, em que tudo é posto em questão” (p. 17). Conceitos, antes, categorizados, no campo do simbólico são vistos sob outra ótica, como por exemplo, as relações estabelecidas a partir de contextos menos convencionais. É o caso das relações afetivas desenvolvidas no âmbito do turismo. À primeira vista, estas relações podem ser reduzidas a uma mera compra e venda de uma mercadoria, no caso, o sexo ou a afetividade. No entanto, lembra Baudrillard (2007), “o universo da sedução era, a meu ver, o que se contrapunha radicalmente ao da produção” (p. 23). Isto significa que, não bastava apenas fabricar os objetos, as mercadorias dentro de um contexto de mundo onde tudo tinha um valor. Estava aparecendo a sedução que serve para simular um valor que vai além do poder de compra e venda, ou seja, ultrapassa o campo monetário para cair no mundo simbólico, passando pelo campo das aparências, que fazem parte da esfera da sedução.

A sedução envolve o jogo das aparências e pode ser usada também como uma forma de resistência das mulheres lutarem contra a subalternidade em determinadas situações. “Este poder do feminino é o da sedução” (Baudrillard, 1992, p. 11), que, está localizado num ponto estratégico das trocas, chamado de simbólico, envolvendo elementos materiais e subjetivos, daí a sua complexidade, envolvendo o campo afetivo.

1.7 Paraísos nos Trópicos: O Estrangeiro como “Martin” e a Mulher Nativa como “Iracema”

A complexidade das sociedades pós-industriais marcadas, principalmente, pela insatisfação advinda com o trabalho que deixou de ser uma satisfação para se tornar uma mera forma de garantir a sobrevivência, encontra eco na indústria do prazer que, por sua vez, inclui o turismo, atividade econômica que ganhou força no mundo moderno, incluindo as viagens aos chamados paraísos tropicais. Na contemporaneidade, o lazer se tornou essencial, desta forma, as motivações das viagens de férias – diferentes daquelas do período das grandes navegações, como no século XVI quando os portugueses descobriram o Brasil, quando o mais importante era a exploração econômica e expansão do domínio dos colonizadores - são travestidas de outros objetivos. O que o viajante quer mesmo é esquecer o cotidiano e ter prazer, observa Krippendorf (2001). Continua sua análise: “via de regra, o viajante não aprende nada, ou muito pouco, sobre como realmente é a vida nas regiões visitadas. Esconde-se o lado sombrio desta indústria do sol” (p. 43). O que eles querem é se desligar da vida monótona que levam, por isso, não são raros os casos de códigos de comportamento exigidos pelos países receptores, a fim de que os turistas mantenham os mesmos costumes praticados nos seus países de origem. A década de 1990 foi considerada de ouro para o turismo tanto no Brasil quanto no mundo. O fim da guerra fria (1947-1991), a queda do muro de Berlim em 1989, o final dos regimes socialistas na Europa Oriental, além da expansão do mercado global contribuíram para este quadro promissor da indústria turística. Segundo Piscitelli (2005), foi neste período que Fortaleza ingressou no turismo internacional, com vôos diretos para Fortaleza. Desde a década de 1970, a Cidade

integrava a rota do turismo doméstico no País. Com os programas de incentivo à municipalização do turismo, impulsionados nos anos 1990, fizeram com que Fortaleza passasse a figurar na lista destes paraísos tropicais que oferecem aos visitantes além de sol e praia, elementos subjetivos, como por exemplo, a possibilidade de encontrar uma paixão, prazer barato ou sexo.

A maior divulgação do Ceará em feiras de turismo internacionais, a criação de novos vôos, principalmente os “charters” vindos de países europeus como Itália, Espanha, Portugal, Alemanha, Suíça e Holanda contribuíram não apenas para aumentar as divisas do turismo no Estado, mas também para estreitar as relações entre mulheres cearenses e homens europeus. Estas relações criadas no contexto do turismo são permeadas por fatores socioeconômicos, étnicos e de gênero, justamente pela situação periférica do Brasil, e também pela imagem da mulher brasileira vendida como quente mundo afora. O mito da exacerbação da sensualidade da brasileira remonta à colonização. Para Arruda (2002), a história da colonização brasileira reflete contradição no que diz respeito aos costumes dos antigos habitantes, os índios. Ao ser descoberto no século XVI, em plena Modernidade, o Brasil apareceu aos olhos dos colonizadores portugueses como o paraíso da permissividade. Oriundos do Velho Mundo os portugueses conheciam hábitos culturais civilizados, como por exemplo, a noção do pecado e de culpa, além de seguirem regras rígidas no seu país natal.

De acordo com Arruda (1998), “o corpo feminino encarna a dualidade que a presença da sexualidade na instituição desses mitos preside; ele é concebido como fonte tanto de prazer como de produtividade, tanto de realização quanto de perdição” (p. 20). Muitas vezes, alerta Parker (1991), esta visão de Éden tropical brasileiro é motivo de constrangimento, em alguns momentos, sobretudo para

mulheres, vistas como objetos de prazer e subalternas no imaginário do estrangeiro, até hoje. O Brasil que desde sua colonização carrega o estigma de ser um desses paraísos paradisíacos que funcionam como *spas* destinados aos turistas vindos de países industrializados, oferecendo sol, praia, diversão e sexo. Este mito de ser o Brasil um paraíso sexual remonta à época da colonização, quando grande parte de sua história foi reproduzida a partir do olhar do colonizador. O português, primeiro colonizador a chegar aqui, a exemplo dos outros que vieram depois, se escandalizou com o que viu: homens e mulheres nus e vivendo em situação de verdadeiros primitivos. O que eles não sabiam é que estes índios seguiam regras de suas tribos, caindo por terra a ideia da permissividade total na terra descoberta.

De acordo com Freyre (1933/2005), “o ambiente em que começou a vida brasileira foi de quase intoxicação sexual” (p. 161). O europeu saltava em terra escorregando em índia nua; “os próprios padres da Companhia precisavam descer com cuidado, senão atolavam o pé em carne” (op. cit.). O êxtase do paraíso da luxúria da terra encontrada pelos portugueses contaminou até mesmo muitos religiosos, que não resistiram à tentação da carne. As mulheres, por sua vez, ficavam encantadas com os homens brancos, altos, de olhos claros que pareciam deuses. Com pouca roupa, as mulheres eram a própria encarnação da sedução que, aos olhos dos colonizadores, eram libertinas, diferentes daquelas que haviam deixado além-mar: recatadas, bem vestidas e seguindo regras morais e religiosas bem rígidas.

Como o destaca Ribeiro (2006), “suas concepções, não só diferentes, mas opostas do mundo, da vida, da morte, do amor, se chocaram cruamente” (p. 39), se referindo ao momento quando se deu o encontro marcado onde homens brancos, bonitos e diferentes dos nativos indígenas, encantavam as índias, mais

pelo aspecto do diferente, do que por outras qualidades. Completando que eles ficavam encantados com a alegria e a beleza daquela gente que andava nua sem nenhum pudor. Assim, a história da colonização brasileira, relata Ribeiro, apresenta o colonizador português como explorador não apenas das riquezas materiais da colônia, mas também dos aspectos subjetivos que iam desde a alegria dos “índios cativos [...] sobretudo das mulheres de sexo bom de fornicar, de braço bom de trabalhar, de ventre fecundo para preñar” (p. 43). Na realidade, o que eles queriam era exercer o poder sobre os habitantes da nova terra descoberta e se apropriavam do que viam pela frente. Como não encontraram resistência não foi difícil concretizar o seu desejo.

Desta forma, foi sendo estabelecida uma relação de dominação entre o colonizador e o nativo brasileiro. Aos olhos do europeu civilizado, os índios eram seres sem almas. Dos espelhos e pentes que eram recebidos dos invasores, segundo Figueiredo (1999), a história se repete até hoje: “continuamos consumindo alegremente as bugigangas metropolitanas” (p. 36). Ele destaca: “a condição periférica e as vicissitudes de nosso processo de colonização (que ainda está em curso) fomos, desde muito cedo, associados ao exótico naturista e paradisíaco” (p. 34), como se a visão do homem estrangeiro, no caso, o europeu continuasse a fazer parte do imaginário das mulheres, sobretudo, no que se relaciona à construção do homem ideal, fazendo crer que o processo de colonização continua, como frisa o autor. Para Arruda (1998), “a vida selvagem não era de uma liberdade total, como imaginaram os românticos. Pelo contrário, o meio natural, apesar de dadivoso, apresentava-se povoado de entidades, espíritos malfazejos e perigos constantes” (p. 25). A interpretação serve para denunciar esta visão do Brasil, descrita pelo

colonizador, desde a colonização até os dias atuais, como sendo o paraíso onde tudo pode, sobretudo, aos olhos dos estrangeiros.

Uma demonstração da ideia de que no Brasil tudo era permitido, como pregaram os colonizadores, não é verdade, pode ser comprovada pela sociedade que foi originada no País, posteriormente. “O homem gozava de uma liberdade sexual quase absoluta” (p. 59), observa Parker (1991), se referindo ao senhor de engenho, representante do patriarcado brasileiro. Ele usava como queira tanto a sinhazinha, sua mulher, branca, que deveria estar sempre disponível, como das escravas. “Essa moralidade sexual dualística permeava e efetivamente dividia todos os aspectos da vida cotidiana” (p. 59), completa, analisando que desta maneira foi construída a identidade sexual brasileira, portanto existe um mito em torno de ser o Brasil um país sedutor por natureza, no que diz respeito à sexualidade das pessoas. A visão de paraíso durou pouco. Não tardou os portugueses chegarem em forma de porta-vozes das regras do Velho Mundo, sacudido pelas idéias do Renascimento e das Luzes. Este homem, que começava a ser influenciado pela razão, trata de construir o seu discurso amoroso que, na Europa, a exemplo de países como a França e Inglaterra, a partir do século XVIII, era articulado com o amor romântico que tinha as suas peculiaridades.

No entanto, esta visão de paraíso tropical foi associada ao Brasil que, hoje, integra uma das rotas de turismo internacional. Fortaleza, conforme Piscitelli (2005) é um desses destinos identificando a praia de Iracema como um dos principais locais visitados por turistas estrangeiros. Nas décadas 1980 e de 1990 e no início do século XXI, houve um deslocamento nas rotas dos chamados paraísos sexuais. É neste cenário que o Nordeste brasileiro se insere nesses circuitos.

Para tentar compreender um pouco esta realidade - está inserida no contexto de desenvolvimento brasileiro representado principalmente pela indústria do turismo no Nordeste e marcado por investimentos estrangeiros - é importante levar em consideração outra questão importante: a colonização. Não foi apenas na época colonial cuja “formação do sistema exigiram-se reciprocamente tráfico e senzala, monopólio e monocultura” (Bosi, 1992, p. 26) que estes elementos estiveram presentes na história sócio-econômica do País. Com outra roupagem continuam fazendo parte da vida da sociedade brasileira, que ainda não conseguiu se libertar por completo, do fantasma da colonização.

Esta condição é verificada na própria falta de auto-estima do brasileiro diante de si próprio e do “outro”, no caso, o estrangeiro, que é visto ou como um ser superior, melhor. Mas é preciso ter em mente que: “A colonização é um processo ao mesmo tempo material e simbólico” (Bosi, 1992, p. 377). Daí a importância de analisar não apenas os aspectos antropológicos da colonização, mas também a subjetividade que permeia o fenômeno, uma vez que a identidade é algo construído. Do Brasil das casas-grandes com seus engenhos e muitos escravos, passando pelos sobrados cujas janelas davam para a rua, que funcionava como um cinema ou uma máquina fotográfica, o povo brasileiro foi, aos poucos, entrando no processo de urbanização. Por volta do final do século XIX e começo do século XX, o País conheceu o progresso sentido através da melhoria das condições urbanas: construção de grandes avenidas, hábitos de higiene, além do contato com manifestações artísticas e culturais. O romantismo, surgido no final do século XVIII e início do século XIX coincide com o momento de formação da identidade brasileira.

1.8 O Romantismo no Brasil

Conforme Ricupero (2004), “assim como o romantismo europeu, o latino-americano é principalmente uma reação ao fim do Antigo Regime” (p. 79), ou seja, enquanto na Europa a sociedade se despende do regime feudal, na América é a vida colonial que está com os dias contados. Com a independência foram estabelecidas, nas antigas colônias de Portugal e Espanha, Estados que têm como referência a organização política existente na Europa e na América do Norte. Daí, defender que, o romantismo caminha lado a lado com a idéia de nação, no mundo inteiro, e, no Brasil não ocorreu diferente. O País também estava saindo da condição de colônia, ao proclamar sua independência, em 1888. A literatura romântica voltada à idéia de construção de uma identidade nacional brasileira se desenvolveu depois da independência do Brasil. Segundo Ricupero (2004), o período romântico contribuiu para afirmar as particularidades da cultura brasileira. “A literatura teria que procurar ser original, rejeitando os mitos gregos” (p. 87), daí aparecerem elementos do habitat natural brasileiro. Assim, o romantismo brasileiro permitiu que fossem exaltadas as riquezas naturais do País, como o índio, a palmeira, os rios e outras paisagens. Enquanto os românticos brasileiros escreviam histórias de amor impossíveis, envolvendo índios e colonizadores, exaltação da fauna e da flora exóticas, na realidade, o que estava por trás era a noção de um país independente. O romantismo, neste aspecto, servia para denunciar a tentativa de implantar a cultura européia aqui. Em alguns momentos, esta colonização chegou a ser perversa, como a imposição da religião católica aos índios, sem contar com os negros que tiveram que sufocar as suas crenças. “O que o português vinha buscar era, sem dúvida, a riqueza, mas riqueza que custou ousadia, não riqueza que custa

trabalho” (Holanda, 1995, p. 49). A mesma ousadia que tinham praticado nas Índias, fonte de especiarias. O espírito de aventura, que pode ser comparado ao viajante da era contemporânea, fazia com que o português não se fixasse por muito tempo num lugar. Queriam lucro rápido, daí devastavam, exploravam as riquezas de um lugar e, depois, saíam em busca de outro. No Brasil, eles demoraram e chegaram a construir casas e constituir famílias, como fizeram no período colonial.

Uma das heranças do colonizador no imaginário do povo brasileiro – cuja formação conta com elementos indígenas, africanos e europeus – é justamente o mito da estética do branco colonizador dominante. Ribeiro (2006) destaca a relação entre o colonizador e os nativos: “Para os colonos, os índios eram um gado humano, cuja natureza, mais próxima de bicho que de gente, só os recomendava à escravidão” (p. 49). Das antigas cartas de amor que passavam meses para serem entregues, dos olhares furtivos nas janelas das casas-grandes que, no final do século XVIII e início do século XIX, começavam a virar sobrados, já que a urbanização, timidamente chegava, longo caminho foi trilhado pelo amor romântico no Brasil, até chegar à contemporaneidade. Na colônia, logo as tradições européias começaram a chegar também. Enquanto na Europa era construída uma civilização aos moldes modernos, levando em consideração o conceito de vida privada, que estava sendo desenvolvido, sobretudo nas relações amorosas, no Brasil-colônia tal privacidade era precária na vida cotidiana. Apesar da transformação sofrida das casas-grandes para os sobrados, era difícil conservar a privacidade das pessoas que vivam, aponta Del Priore (2006), “Vizinhanças de parede-meia, cafuas cobertas de capim, casas senhoriais repletas de agregados, escravos e parentes; enfim não era sob esses tetos que os amores medravam com liberdade” (p. 23).

Assim, era possível perceber que o conceito de público e privado, principalmente, na esfera do discurso amoroso, na Colônia, era quase inexistente, uma vez que o Brasil vivia num ambiente primitivo, habitado por pessoas que estavam sendo submetidas a um processo de colonização, que foi marcada em grande parte pela cultura portuguesa. Os nativos desconheciam tais conceitos, que apenas se delineavam no Velho Mundo, naquele tempo. A herança portuguesa norteou grande parte do discurso amoroso da nova terra descoberta. A noção de casamento como uma missão que deveria ser cumprida, até o fim, é uma delas. Muitas vezes, o amor era confundido com obrigação e, não, com afeto, troca de carinho.

A chegada do amor romântico ao Brasil acontece num determinado contexto socioeconômico e cultural. O declínio do açúcar e a abolição da escravidão, em 1888, contribuíram para a ruína de muitos senhores, antes, respeitados em suas casas-grandes, quando guardavam a palavra final, tanto dentro de casa, quanto na rua. A época era das juras de amor eterno, mas que, nem sempre tinham apenas a lua como testemunha, já que as sinhazinhas não se arriscavam a passear sozinhas porque havia sempre a presença de uma dama de companhia ou de um pequeno escravo. Muitas vezes, estes pequenos serviam de pombo-correio aos casais apaixonados. Prendadas em serviços manuais e nas lidas da casa, as moças casadoiras esperavam com ansiedade o seu príncipe aparecer. Casar era a meta de vida das moças daquela época, principalmente nas classes mais favorecidas, onde os noivos não tinham direito de escolha. Naquela época, o prazer sexual era encarado como luxúria, uma deturpação dos princípios da moral cristã. Portanto, o controle do desejo e das práticas sexuais era feito pela Igreja que contava também com a ajuda da família, em especial da mãe. E da Santa Inquisição

que passou por aqui entre os séculos XVI e XVIII, entre outros casos, julgou e condenou diversos pecadores por conta de sua luxúria.

Não tardou para que os nativos do paraíso tropical, que viviam livremente no território recém descoberto, serem atingidos pelos hábitos culturais dos colonizadores que traziam consigo a sua maneira de amar. Diferentes dos brasileiros, o discurso amoroso dos portugueses era permeado por ensinamentos religiosos, proibições, lições de moral e ética, que tinham o objetivo de impor uma nova forma de comportamento aos irmãos dos trópicos. Conforme Del Priore (2006), “a Igreja apropriou-se também da mentalidade patriarcal presente no caráter colonial e explorou relações de dominação que presidiam o encontro entre os sexos” (p. 22). As relações afetivas no Brasil-Colônia devem levar em consideração outro ingrediente: a escravidão. O triângulo amoroso entre o senhor de engenho, a senhora e a mucama reflete bem a relação de poder que perpassava, não apenas a vida pública, mas também a esfera privada, principalmente nas casas-grandes onde a senzala não servia apenas para abrigar os negros. Eram locais onde os senhores de engenho exacerbavam seus desejos e praticavam o pecado da luxúria, já que a senhora era apenas a reprodutora, portanto, a ela, apenas a obrigação. E cada um cumpria a sua parte no contrato sacramentado durante o casamento.

Ao dizer “sim”, a mulher estava assinando um contrato que não podia ser desfeito, exceto pela morte. Esta maneira de encarar o casamento foi herança da mulher portuguesa. Ela considerava o casamento como uma missão ou uma cruz que deveria ser carregada até o fim. Neste discurso amoroso, a noção de cumprir com o seu dever de esposa era mais importante do que o amor. Afeto, carinho, beijos, tudo isso eram menos importantes, mesmo porque a mulher de recato, a senhora de pela branca, não se dava ao desfrute dos prazeres que beiravam à luxúria.

A pureza da sinhazinha ou da sinhá mãe não estava restrita apenas ao seu comportamento social, marcado com rigorosas regras morais. A cor da pele era também garantia de levar para casa uma mulher recatada. Segundo Bocayuva (2001), “a indolência ou a sensualidade exacerbada eram atributos que compunham o perfil do negro e dos morenos brasileiros” (p. 53). Daí, as senzalas terem sido os bordéis particulares dos senhores de engenho que, além de usarem as negras como serviçais, usufruíam, nas caladas da noite, dos seus corpos. Tal realidade servia para demonstrar, mais uma vez a relação de poder do tipo: paguei, posso usar como quiser. As sinhás também se encantavam com os escravos que demonstravam virilidade, relata Del Priore (2006).

Nos países além-mar, começava a ser construída a noção de vida privada, que abrigou as relações amorosas concebidas dentro da visão do romantismo, que desabrochava na Europa. Na colônia, as relações afetivo-sexuais aconteciam dentro de um outro contexto, uma vez que esta noção de vida privada era desconhecida aqui. A falta de privacidade era uma das principais características do Brasil que, estava abandonando os casarões dos senhores de engenho, para entrar na vida dos sobrados. No entanto: “Aqui, os sentimentos como que transpiravam das comunidades [...] Os sentimentos afloravam diretamente da experiência concreta” (Del Priore, 2006, p. 23). Isto significa que as relações afetivas desenvolvidas no contexto do amor romântico europeu eram mais idealizadas, fazendo referência a uma simbologia terna, inocente, assim como deveria ser a mulher à luz do amor romântico: pura, generosa, fiel e assexuada como era concebida a imagem de toda mãe.

A chegada da família real ao Brasil, em 1808, coincide com a decadência do modelo do patriarcado rural, cujo símbolo era a casa-grande de engenho ou de

fazenda, cheia de escravos e as sinhás conversando ou fazendo doce (Freyre 1936/2006). Bem ou mal, é nesta época, que começa a ser desenhada aqui, uma civilização marcada pela noção da vida pública e da vida privada, realidade bastante definida na Europa. Aqui, os amores não eram vividos no contexto da privacidade, embora os encontros fossem às escondidas dos olhos dos pais, os cenários eram as áreas próximas aos rios, trocas de olhares nas janelas, portões ou dentro das igrejas, durante as missas. Neste cenário do amor romântico brasileiro, que se desenvolvia sem a privacidade que tinham os amantes do Velho Mundo que testemunhavam suas paixões aos seus diários guardados sob sete chaves. A economia patriarcal baseada na monocultura e na mão-de-obra escrava começa a entrar em decadência, principalmente com a abolição da escravatura. Aos poucos, os antigos senhores de engenho começam a se desfazer do negócio, até então lucrativo, o cultivo da cana-de-açúcar, para migrar para as cidades.

É justamente nas terras da região Sudeste, em estados como, São Paulo e Minas Gerais que começa a ser esboçado o desenho de uma nova sociedade brasileira. Nestes locais é possível sentir a pressão do imperialismo português, a partir do século XVIII. “Acentuou-se com D. João VI o desprestígio da aristocracia rural. Acabaram-se aquelas ternuras del-Rei com os devedores sempre em atraso” (Freyre, 1936/2006, p. 120). Impostos pesados e juros altos contribuíram para dificultar a vida dos donos de terra, em meados do século XIX. Neste cenário vai desenvolvendo, aos poucos, a construção do discurso amoroso no País, que começa a assistir ao fim de um ciclo histórico: a hegemonia dos senhores de terras, agora, endividados e sem prestígio. Nesta época, os casamentos arranjados ou os favores políticos serviram para salvar muitos fazendeiros da bancarrota. Aos poucos, a sociedade patriarcal se tornava urbanizada e, com isso, aprendiam a noção do

público e do privado. A rua e a casa tiveram importante papel na construção da vida urbana brasileira.

Capítulo 2

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para investigar como são vivenciadas as relações afetivo-sexuais entre mulheres cearenses e homens europeus, na contemporaneidade e a partir da ótica delas e na perspectiva do amor romântico, optei por uma abordagem qualitativa, na qual utilizo como principais referências teóricas, os conceitos de Alberoni (1988), Bauman (2004), Costa (1998) e Giddens (1993) sobre o amor, e de Piscitelli (2005) sobre as vivências de amor romântico das mulheres entrevistadas. Ou seja, analisei o fenômeno tendo como referencial, a vivência de vida destas mulheres, como o objetivo de mostrar a subjetividade que permeia estas relações, criadas no contexto do turismo, no universo da cidade de Fortaleza. Por se tratar de um tema que envolve a intimidade feminina, terei o cuidado de não reduzir a minha análise a uma mera discussão unilateral ou generalista, motivo pelo qual optei por desvincular a investigação do fenômeno em estudo, ao que a mídia vem chamando de turismo sexual. Embora o primeiro contato com o tema tenha acontecido durante minha experiência profissional como jornalista, cumprindo pautas que me induziam a reduzir tais relações à mera troca de dinheiro por um serviço sexual, foi justamente a partir do contato com essas mulheres e com uma análise mais aguçada sobre o tema, especialmente, os trabalhos de Piscitelli (2005) que me proporcionaram uma visão mais ampla sobre o fenômeno. Piscitelli (2007), ao realizar pesquisa com garotas na praia de Iracema, nas décadas de 1980 e 1990, constatou traços de amor romântico nestas relações, mas por meio de outra ótica, isto é, tentando compreender o fenômeno no que diz respeito às nuances de subjetividade. Leal

(2008) coordenou a Pesquisa sobre Tráfico de Mulheres, Crianças e Adolescentes para Fins de Exploração Sexual Comercial (PESTRAF) refuta a utilização do termo turismo sexual, preferindo utilizar a terminologia trabalho sexual no contexto do turismo. Por compreender a complexidade dessas relações, que envolvem múltiplos elementos: sociais, econômicos, culturais e, principalmente, subjetivos, como por exemplo, afetividade e exualidade, optei por realizar uma pesquisa baseada nos procedimentos do método fenomenológico, considerando que são os mais adequados para chegar aos meus objetivos. Isto é, mergulhar no universo íntimo de cada uma das oito colaboradoras, usando a entrevista como o fio condutor desta investigação.

Consciente de que a realidade é multiforme, preciso ampliar, cada vez mais, o meu olhar, buscando através de lentes diferenciadas, examinar os “múltiplos contornos” (Moreira, 2004, p. 449) do mundo no qual estou inserida bem como dos fenômenos analisados, vividos por minhas colaboradoras. Daí considerar a concepção de Merleau-Ponty (1945/1999), de cunho antropológico, como uma das minhas principais aliadas metodológicas. Conforme Moreira (2004), “o mais importante para a pesquisa fenomenológica neste enfoque, seja qual for o instrumento utilizado, será a priorização da experiência” (p. 451). O princípio básico metodológico desta pesquisa é o reconhecimento da importância do sujeito-colaborador por já ter vivido a experiência. Neste sentido, o pesquisador deve estar consciente de que irá “aprender com quem já viveu ou vive a experiência sobre a qual ele quer aprimorar seus conhecimentos” (p. 451). Este é um dos principais desafios da pesquisa fenomenológica crítica mundana, baseada na fenomenologia de Merleau-Ponty (1945/1999), quando o pesquisador suspende seus conhecimentos e experiências acerca do fenômeno investigado, através do

“epoché”, para depois, mais adiante, sair dos parênteses. Isto é, quando o investigador utiliza conhecimentos teóricos e suas experiências para analisar, através das falas coletadas nas entrevistas dos seus sujeitos colaboradores. Desta forma, justifico a opção por uma pesquisa essencialmente qualitativa e de base fenomenológica crítica mundana, baseada na fenomenologia de Merleau-Ponty para analisar o objeto desta pesquisa.

2.1 Sujeitos

Conforme Boris (2002), a fenomenologia está interessada em investigar como membros comuns da sociedade constituem o mundo da vida cotidiana, especialmente como os indivíduos conscientemente desenvolvem significados das interações sociais (pessoas interagindo entre si). É nesta perspectiva que pretendo investigar como algumas mulheres cearenses vivenciam relações afetivo-sexuais com homens europeus e tentar compreender, utilizando a fala das entrevistadas, quais são as percepções de amor romântico vivenciados por elas. Sabemos que assim como a realidade não cabe em nenhuma pesquisa, reconhecemos as limitações, por mais completo que seja o método, assim como os demais aliados teóricos, inclusive a experiência do pesquisador, no sentido de abarcar todos os significados de um fenômeno construído a partir de interações sociais, de caráter íntimo, passando pelos terrenos afetivo e sexual. Creswell (1998) esclarece que, enquanto uma biografia relata a vida de um único indivíduo, um estudo fenomenológico descreve o significado das experiências vividas por vários indivíduos acerca de um conceito ou fenômeno. Creswell (1988) traça alguns preceitos indispensáveis para aqueles que desejam enveredar pelos labirintos do método

fenomenológico, que requer uma lente multiforme e um olhar, e não baseado em nenhum pressuposto. São eles:

- a) O pesquisador precisa de um sólido fundamento nos preceitos filosóficos da fenomenologia.
- b) Os participantes no estudo necessitam ser cuidadosamente escolhidos por serem indivíduos que experienciaram o fenômeno.
- c) A “colocação entre parênteses” das experiências pessoais pelo pesquisador pode ser difícil.
- d) O pesquisador necessita decidir como e de que forma suas experiências pessoais serão introduzidas no estudo.

Concordando com Boris (2002), também não me preocupo com a delimitação quantitativa e objetiva de minha amostra de pesquisa conforme os moldes clássicos de investigação. Apenas defini que minhas entrevistadas serão mulheres adultas para evitar problemas éticos ao entrevistar menores de idade, uma vez que a investigação trata de questões que envolvem a intimidade das colaboradoras. Quanto aos critérios de inclusão, foram investigadas mulheres casadas, ou com relações estáveis de, pelo menos, dois anos com homens europeus; mulheres que conheceram seus parceiros ou namorados, através de meios não presenciais, como por exemplo, tecnologia de comunicação e de informação, como sites de relacionamentos ou, ainda, por agências de matrimônios; e mulheres que transitam em espaços mais identificados com o turismo da cidade de Fortaleza, que possibilitam a aproximação com homens europeus e o surgimento de relacionamentos não necessariamente estáveis. Minha intenção foi trabalhar com uma pergunta norteadora ou “disparadora” com o cuidado de não interferir nos relatos a fim de analisar de forma mais isenta possível, como essas relações são

construídas. Os achados foram analisados à luz da fenomenologia existencial mundana de cunho antropológico de Merleau-Ponty (1945/1999), pelo próprio caráter do fenômeno que se encontra no mundo, sendo vivido no cotidiano dessas mulheres, que relatam suas experiências íntimas e falam do modo como percebem o amor romântico em relações com homens europeus. Procurando justificar minha opção, recorro a outro aliado teórico: “a metodologia fenomenológica repousa em métodos de análise do discurso cotidiano, pois é em grande parte inspirada na etnografia e em temas socioculturais, embora adote características próprias” (Boris, 2002, p. 98).

O passo seguinte foi a análise dos dados. Creswell (1998) alerta para o fato de que a pesquisa fenomenológica pode ser desafiante, e, difícil, citando entre outros argumentos o de que “o investigador deve decidir como suas próprias experiências pessoais serão introduzidas e expressas na pesquisa”. Outro desafio, diz respeito ao conceito de “epoché” (redução), questão considerada central para o pesquisador que deve suspender ou pôr entre parênteses suas idéias preconcebidas acerca do fenômeno, que deverá ser compreendido apenas através da voz, ou seja, os relatos dos colaboradores. Para Merleau-Ponty (1964/2007), “ao mesmo tempo é verdade que o mundo é o que vemos e que, contudo, precisamos aprender a vê-lo”, é importante a percepção de que o pesquisador esteja inserido na realidade onde se encontra o seu objeto de pesquisa, ficando difícil desvencilhar das influências um do outro. Por isso, fica difícil para o investigador o exercício da redução ou “epoché” já que os sujeitos-colaboradores e o pesquisador estão no mundo influenciando e sofrendo influência da realidade da qual fazem parte.

Conforme Maldonato (2001), a história da fenomenologia começa com Husserl (1859/1938), quando de maneira ousada, resolveu pôr a experiência vivida

ou o vivido no centro da investigação filosófica. Sua atitude contribuiu de forma decisiva para a transformação da filosofia do século XX. Mas do que uma mudança, a elevação da experiência vivida serviu para nortear toda a discussão fenomenológica que ganhou ainda mais força, nos últimos 20 anos do século passado, principalmente quando entraram em cena novas formas de pensar conceitos, como o de identidade, por exemplo.

No bojo do pensamento moderno o papel do vivido foi bastante destacado, por levar em consideração elementos históricos e culturais. Para Foucault (1966/1985) a análise do vivido é uma forma também de contestação ao pensamento positivista da época e também uma tentativa de restaurar a dimensão do transcendental esquecida. Esta discussão, apesar de contemporânea, não surgiu agora. Ela foi semeada, nas primeiras décadas do século XX, quando Husserl (1931/2006) publicou as suas “Meditações Cartesianas”, a partir de conferências proferidas na Sorbonne, em 1929. A visão de mundo proposta por Husserl incluiu, também, não somente as coisas, mas outros sujeitos humanos, a natureza, além de valores e a cultura. Isto significa que as pessoas vivem imersas neste mundo e interagindo nele. Entretanto, tal interação não é neutra, uma vez que as pessoas adotam um pensamento pré-estabelecido acerca da sua realidade, emitindo juízos de valores, avaliando, expressando sentimentos, vontades e sendo movidas por seus estados de espíritos. Não se tratava de refutar a tese de existência do mundo, engrossando a fila da dúvida cartesiana. O que Husserl (1931/2006) propunha ao pesquisador era colocar entre parênteses as idéias pré-concebidas acerca do fenômeno pesquisado, mas sem perder de vista que o mundo que foi colocado em suspensão continuava existindo. Ele comparava a redução fenomenológica a apagar uma luz sobre algo, isto é, tirar, por um momento, a atenção de algo.

Para a fenomenologia, não basta apenas ter a consciência ou provar, de forma empírica, a existência de um objeto. Portanto, à luz da fenomenologia, tal conta não “fechava”, faltando investigar a essência do fenômeno ou objeto, que pode ser material ou subjetivo, daí a fenomenologia de Husserl (1931/2006) ser tachada de idealista. Era necessário buscar a essência ou significado - principal objeto de investigação da fenomenologia, doutrina que surgiu em meio a uma crise da ciência, no início do século XX – deste sujeito ou fenômeno. Uma das formas de captar tal sentido, segundo a fenomenologia, que de acordo com Merleau-Ponty (1945/1999) trata-se do estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo, é descrever a experiência vivida ou o vivido de cada um e, também, sua relação com o outro ou com a realidade na qual ele está inserido. Assim, questões importantes como a identidade e a subjetividade, além da relação com o outro ganham novas dimensões com a fenomenologia. Tais ideias, no início, eram consideradas abstratas. Mas Merleau-Ponty (1945/1999) lançou a questão: “tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada” (p. 3). Estava aberto o caminho para o estudo das experiências vividas levando em consideração os aspectos subjetivos das pessoas envolvidas, entre outros, sua consciência, suas imagens e memórias, portanto, não apenas os elementos do mundo objetivo ou “real” eram considerados, em nome de um pensar cartesiano. O pesquisador deve deixar de lado julgamentos e conhecimentos prévios acerca do objeto pesquisado, colocando-os entre parênteses (“epoché”). O que deve ser investigado é o que está por trás do fenômeno, a sua essência.

Para realizar minha pesquisa, recorri a elementos simbólicos, daí utilizar como recurso o romance *Iracema*, do escritor cearense, José de Alencar (1865/2006). O livro narra a história de amor protagonizada pelo colonizador português, Martim Soares Moreno, conhecido como guerreiro branco, e a índia da nação tabajara Iracema, que termina morrendo de amor, quando o seu amado retorna para Portugal, onde era noivo.

Meu objetivo é buscar através da arte, no caso a literatura, por servir para refletir alguns elementos subjetivos criados a partir da concepção de Alencar (1865/2006) – visão da mulher, relação entre índio e colonizador, questões de identidade, estrangeiro, civilização, instinto, amor e paixão – o suporte para desenvolver a investigação, num momento em que novos “Martins” e novas “Iracemas” tentam construir também suas relações afetivo-sexuais, porém, em contexto histórico diferente daquele apresentado por Alencar (1865/2006), ao criar uma história de amor impossível entre uma índia e um europeu. Era a época do amor romântico, idealizado, perfeito, por isso ficava só no sonho, na casa do impossível. É verdade que as pessoas estão saindo do amor romântico, enveredando para outras formas de relacionamentos. Quais seriam essas novas formas de relações? Como os “Martins” contemporâneos conhecem suas “Iracemas”? E como essas relações se desenvolvem, acabando, algumas, em casamentos. Piscitelli (2007) ao realizar pesquisa na praia de Iracema, constatou que muitas garotas conheceram seus maridos no contexto do turismo sexual.

Qual é a concepção do amor romântico hoje? Este é o questionamento principal desta investigação na qual trato, a partir do mito *Iracema*, buscando compreender, na atualidade, como são desenvolvidas estas relações. Historicamente, o encontro entre o nativo com o colonizador, no Brasil, foi marcado

pela dominação. Até que ponto esta “dominação” ainda persiste nas relações afetivo-sexuais entre mulheres cearenses e homens europeus? Alencar (1865/2006) na obra *Iracema* retrata bem o choque entre civilização e a condição de selvagem dos nativos brasileiros ao construir o enredo de uma história em plena efervescência do romantismo – movimento que trazia no bojo a discussão em torno da criação de uma identidade nacional tanto aqui quanto na Europa, berço do movimento no mundo ocidental. Estava também no centro do debate a discussão em torno de uma cultura brasileira, daí a representação indígena na literatura, assim como a exaltação das paisagens brasileiras (Ricupero, 2004).

A constatação da própria Igreja de que não existia pecado “do lado de baixo do Equador” (Dias, 1999, p. 51) refletia bem a imagem do Brasil construída pelo colonizador acerca do país localizado na desconhecida América, de que aqui seria “terra de ninguém”, habitada por seres quase primitivos que andavam nus. Sem dúvida, uma visão do paraíso bíblico, aos olhos do Velho Mundo, localizado acima da linha do Equador onde existia pecado, sim, e a vida era marcada por regras sociais rígidas e trabalho árduo. Ribeiro (2006) ressalta esta dicotomia entre as duas civilizações: “Para os recém-chegados, muito ao contrário, a vida era uma tarefa, uma sofrida obrigação, que a todos condenava ao trabalho e tudo subordinava ao lucro” (p. 43). Enquanto os índios não compreendiam a situação. Guardadas as devidas proporções, o Brasil continua integrando um dos paraísos tropicais que servem como forma de refúgio para muitos cidadãos dos países do Primeiro Mundo. Eles buscam desde sexo até a uma nova identidade.

2.2. Aplicação do Método

Para mostrar a subjetividade que permeia as relações afetivo-sexuais criadas no contexto do turismo, no universo da cidade de Fortaleza, principal objetivo desta investigação que contou com a colaboração de oito mulheres com idades variando entre 27 e 43 anos, optei por uma pesquisa essencialmente qualitativa e de base fenomenológica mundana baseada na fenomenologia de Merleau-Ponty (1964/2007). Conforme Moreira (2004), a busca do significado da experiência será sempre o fim da pesquisa fenomenológica, que diferente da fenomenologia husserliana, idealista, que se debruça sobre a investigação da essência dos fenômenos, a fenomenologia de Merleau-Ponty (1964/2007), busca a significação da experiência vivida, através da experiência. No caso em estudo, a vivência de oito mulheres que durante uma conversa franca, aberta e guiada pela emoção, falaram de seus desejos mais íntimos, como o de encontrar um amor, ou, simplesmente, alguém que lhe acene com a possibilidade de mudança de vida. Neste aspecto, o amor é visto não apenas como um sentimento idealizado, estático, sendo uma questão apenas de esperar por um príncipe que vai chegar em um cavalo branco, como a literatura ajudou a construir o ideal de amor romântico, que teve como berço o Ocidente, no final do século XVIII e início do século XIX, mas como uma força capaz de transgredir.

Confesso que não foi fácil abordar as entrevistadas, algumas já conhecidas, outras, indicadas por amigas, uma vez que faziam questão de não serem vinculadas ao estigma do turismo sexual ou chamadas de “garotas de programa”. Apenas uma delas deixou transparecer esta condição, mas fazia questão de mostrar ser diferente, justificando falar cinco línguas, conhecer vários países da

Europa e concluído curso de Turismo, nível médio. Depois do primeiro contato, por telefone, o próximo passo era marcar o encontro para fazer as entrevistas, gravadas em fita K7. Das oito entrevistas, com duração entre 40 e 60 minutos, apenas uma não foi feita na casa da colaboradora, que preferiu marcar num café, num shopping center. Algumas demonstravam apreensão com a entrevista que, acabou se transformando numa conversa, na qual pesquisadora e colaboradoras se confundiam. Em alguns momentos, foi impossível conter a emoção, principalmente, quando algumas mulheres falavam de suas decepções com alguns homens, o que as tinham deixado mais frias afetivamente. Ou, quando demonstravam resignação diante do que o destino lhes oferece como opção de relacionamento, já que o importante, para elas, é não ficarem sozinhas. Uma delas chegou a perguntar se eu tinha namorado, disse que não, imediatamente, perguntou se não queria sair com ela e sua amiga (ela indicou para ser entrevistada) para procurar, também, um namorado estrangeiro, avisando: cearense não tem futuro. O fato demonstra que a procura pelo namorado é encarado como algo normal e não prostituição, funcionando mais como uma estratégia de procurar um futuro melhor, foi desta forma que entendi o convite. Outra entrevistada disse que deseja que sua filha case com um estrangeiro e more fora do Brasil. Ela me concedeu a entrevista em seu apartamento, e, de vez em quando, interrompia para falar através do *messenger* e do *skype* com o atual namorado, um italiano de 43 anos.

Tomando como referência o livro *Iracema* de José de Alencar (1865/2006), tracei uma articulação com as “Iracemas” atuais, por isso, denominei todas as minhas entrevistadas com este nome, variando de um a oito, no sentido de manter o sigilo acerca da identificação dessas mulheres que resolveram falar, sem nenhum pudor, dos seus sonhos, desejos, decepções e, acima de tudo, mostraram

muita determinação naquilo que querem para transformar as suas vidas. Neste aspecto, as mulheres entrevistadas demonstram coragem semelhante à da índia tabajara, fruto da criação de Alencar (1865/2006), ao desafiar as regras da sua tribo e viver um amor proibido com o colonizador português, Martim Soares Moreno, conhecido como “guerreiro branco”. O amor-paixão vivido por Iracema foi tão transgressor quanto o das mulheres cearenses que vivem relações afetivo-sexuais com homens europeus, na contemporaneidade no universo de Fortaleza.

A idealização do homem estrangeiro, no caso, o europeu, aparece claramente nos movimentos das entrevistadas que deixam transparecer um certo desprezo pelo homem cearense. Elas consideram os europeus mais civilizados, fiéis e que sabem cortejar de maneira mais sutil as mulheres do que o homem nativo, que aos olhos das entrevistadas chega a ser vulgar. O próprio aspecto físico é destacado pelas entrevistadas, numa demonstração de que ainda predomina a noção de colonialismo, que marca até hoje a sociedade brasileira. Um dos traços marcantes nas falas das mulheres colaboradoras desta pesquisa é a determinação que, misturada ao que elas chamam de “destino”, “acaso” ou “sorte” serve de força para que continuem procurando o homem ideal que, na visão delas, passa longe dos trópicos, ao demonstrarem um certo desprezo pelo homem brasileiro, em especial, o cearense. Elas justificam que eles não sabem valorizar as mulheres.

Consideram os homens nativos preconceituosos no que diz respeito ao status social, como por exemplo, local onde elas moram e grau de escolaridade principalmente. As justificativas da opção pelo estrangeiro, no caso em estudo, o homem europeu, são várias. Passando desde o tipo físico – nos remete ao estereótipo dos portugueses colonizadores, a exemplo da criação de Alencar (1865-2006), em “Iracema – Lenda do Ceará”, o guerreiro branco que se apaixonou pelos

encantos da bela Índia tabajara, que denota um encontro entre a natureza e a civilização, como se refere Figueiredo (1999), ao falar da dialética da colonização brasileira (p. 29), até pelos traços subjetivos como fidelidade, demonstração de afeto, respeito, não têm preconceitos e, para a maioria delas, são melhores sexualmente. Constatei nas falas das entrevistadas um certo deslumbramento com o homem estrangeiro, embora, algumas, confessem ter sido enganadas, nem assim mudaram de opinião acerca do homem estrangeiro, o europeu, principalmente, no que diz respeito à forma de tratar as mulheres e de demonstrar afeto e sinceridade nas relações. No discurso das entrevistadas ainda permanece, um pouco, o imaginário mostrado da colonização brasileira, principalmente sobre o encontro entre as duas civilizações. De um lado, um povo que era feliz que andava nu e desconhecia conceitos como culpa e pecado; do outro, uma gente marcada por um certo mal estar (Freud, 1929/1930/2006), fazendo alusão ao dilema do homem moderno diante da civilização.

Sem perder de vista o principal objetivo desta pesquisa, investigar como são vivenciadas as relações afetivo-sexuais de mulheres cearenses com homens europeus no contexto contemporâneo e, não apenas, no contexto do turismo sexual, o trabalho não se limitou a uma análise reducionista sobre o tema, isto é, limitando a discussão dessas relações à mera troca de um serviço sexual por dinheiro. A investigação foi voltada ao campo simbólico, envolvendo elementos psicológicos, sociais e culturais do fenômeno em questão. São questões delicadas, as quais necessitam de uma lente diferente para serem captadas. Envolvem trocas afetivas, desejo tanto de afeto quanto de mudança de status social, muitas vezes, de ambas as partes, além da esperança de ver realizado um sonho, acalentado no imaginário

desde criança: encontrar o um companheiro para casar, ter filhos e, se possível, mudar de vida.

Embora a olho nu, só seja possível enxergar uma relação de compra e venda, num mercado onde tudo tem um preço ditado pela lei da oferta e da procura, tentei usar outras lentes no sentido de identificar o que está por trás deste fenômeno. Com isso, procurei investigar quais outros elementos compõem este jogo que mistura sedução, poder, desejo, afetividade e sonho. Tentei compreender, através das falas das entrevistadas como estas relações entre colonizador e colonizado, marcadas desde o início da descoberta do Brasil por uma relação de poder estão sendo desenvolvidas, hoje, dentro de um contexto globalizado e de transnacionalidade. Observei como estas relações estão sendo construídas e constatei que o estrangeiro, no caso o europeu, continua exercendo uma forte influência no imaginário das mulheres entrevistadas.

Outro elemento importante que norteou a minha pesquisa, a relação com o amor romântico, tentando identificar o que ainda resta desta concepção amorosa nas falas das entrevistadas. Como cada período da história desenvolve seu próprio modelo de amor e a forma de tratar dele, ou seja, de construir o seu discurso em torno de tal sentimento que tanto seduz quanto desperta inquietação nas pessoas. Assim, cada civilização – de acordo com o seu contexto socioeconômico e cultural – inventa o seu discurso amoroso, isto é, sua própria linguagem para vivenciar e contar suas histórias amorosas. Procurei também investigar até que ponto as mulheres que vivenciam relações afetivo-sexuais com homens cearenses na contemporaneidade estão contribuindo para escrever um novo discurso amoroso, num mundo marcado por profundas transformações cujas influências podem ser sentidas tanto no universo social ou público, quanto no contexto privado ou da

intimidade. Ao mesmo tempo em que é possível perceber que essas mulheres não cultivam o amor paixão, aquele tipo de amor que segundo Giddens (1993), “o envolvimento emocional com o outro é invasivo - tão forte que pode levar o indivíduo, ou ambos os indivíduos, a ignorar as suas obrigações habituais” (p. 48), deixam transparecer, o desejo de serem amadas, de encontrar um homem que seja capaz de oferecer mais do que uma vida materialmente segura. Nos seus discursos, elas mesclam o traço de racionalidade, afastando o caráter urgente ou perturbador, características fundamentais do amor-paixão, como assinala Giddens (1993). Elas se resignam, justificando que não se pode ter tudo, neste momento, confesso que foi impossível não se emocionar. Assim como quando uma delas que vai largar o emprego e a família no Brasil para encontrar o que diz ser o homem da sua vida, um português cego de nascença. Disse ser mais fácil encontrar um novo emprego do que um amor.

Foram momentos ricos para mim, ao ouvir relatos de histórias que passam tanto pelo campo de uma mudança de vida no campo material, como também no lado afetivo de quem espera até hoje por um amor, como foi o caso de uma entrevistada. Outra confessou que é preciso encontrar um companheiro logo, antes de completar 40 anos, ao contrário, só restam os velhos. Nos discursos das mulheres entrevistadas, cujo fio condutor da conversa foi a pergunta disparadora ou norteadora: “como você conheceu seu namorado ou companheiro? ficou evidente a visão deste amor como força social capaz de transformar e transgredir barreiras. Conforme analisa Goode (1959), o amor é um como um elemento de ação social, capaz de transformar estruturas sociais. O desejo de ir embora do Brasil é outro elemento que está presente no discurso das entrevistadas e que pode ser concretizado a partir de uma relação com um europeu. Apesar de demonstrar serem

racionais, deixam escapar no discurso, a importância de ter sorte para encontrar um estrangeiro no seu caminho. Admitem que procuram, sim, um homem europeu e que há um desgaste, já que as decepções também fazem parte do processo. Embora algumas afirmem que hoje, não existe mais preconceito em namorar um estrangeiro, como em outras épocas, atribuindo ao turismo essa nova postura, vale ressaltar que o encanto com o estrangeiro não é um fenômeno contemporâneo. Hoje, as relações acontecem de forma mais aberta, sendo menos marcadas por preconceitos, sociais ou de raça, embora o sonho de se casar com um estrangeiro ainda permaneça no imaginário tanto de algumas mulheres.

Vejamos, então, no Capítulo III, a análise e discussão fenomenológicas das experiências vividas entre mulheres cearenses e homens europeus na contemporaneidade.

Capítulo 3

ANÁLISE E DISCUSSÃO FENOMENOLÓGICAS DAS EXPERIÊNCIAS AFETIVO-SEXUAIS VIVIDAS ENTRE MULHERES CEARENSES E HOMENS EUROPEUS NA CONTEMPORANEIDADE

3.1 Quem são as mulheres

Apresento, então, os meus sujeitos colaboradores usando o nome Iracema nas variações de 1 a 8, totalizando o número das minhas entrevistadas. O objetivo é assegurar o sigilo garantido quando da proposta de colaboração dos sujeitos desta pesquisa. Irei utilizar recortes das falas das minhas entrevistadas para fundamentar e ilustrar as experiências afetivo-sexuais vividas por elas com homens europeus. Entrevistei oito mulheres com idades variando entre 27 e 43 anos. Do total, duas são casadas e moram aqui com os seus maridos europeus; uma está noiva com um português que conheceu através de um site de relacionamentos na Internet; duas estão comprometidas com os seus namorados; as outras três têm relacionamentos com estrangeiros, em especial, europeus, mas não sem compromisso firmado.

Outra peculiaridade das entrevistadas é que duas delas conseguiram seus namorados através de sites de relacionamentos na Internet. Duas já viajaram para a Itália duas vezes, apenas neste ano, com passagens e hospedagem custeadas pelos namorados. Das oito entrevistadas, apenas uma não fala nenhuma

língua estrangeira, sendo que as demais falam fluentemente ou se comunicam em pelo menos duas línguas, sendo o italiano e o inglês as mais faladas. Apenas uma nunca viajou para a Europa, as demais conhecem de um a três países europeus. As entrevistas tiveram duração de 40 a 60 minutos. Numa delas, pude acompanhar uma conversa entre minha entrevistada e seu namorado. Eles discutiam a questão de sua viagem para a Itália. Outra, a entrevista foi interrompida pelo toque do celular do seu namorado. “Ele só dorme depois de falar comigo”, disse, desculpando-se. Noutra entrevista, falei com o namorado de uma das entrevistadas, um português que demonstrou ser muito simpático e perguntou para ela se eu era bonita.

3.1.1 Quem são as mulheres que vivem experiências afetivo-sexuais com europeus em Fortaleza?

Iracema 1 - 42 anos, professora, duas filhas, formada em Letras com especialização em francês, morena clara. Casada há mais de 10 anos com um francês que conheceu em Canoa Quebrada, como turista, com quem tentou morar na França, mas não suportou o trabalho pesado de garçonete e resolveu tentar a vida no Brasil. O marido, sem formação superior, não conseguia um bom trabalho no Brasil, já que na França trabalhava com instalação hidráulica, ela não soube explicar direito. Há 12 anos é professor de francês em escolas de língua em Fortaleza e faz tradução de teses para professores de universidades locais. Até hoje não conseguiram comprar um lugar para morar, vivendo no andar superior na casa da mãe de sua mulher, que agora, há dois anos, trocaram o bairro São Gerardo pelo Dionísio Torres. Ela está desempregada atualmente, porque terminou o contrato de professora substituta numa universidade.

Iracema 2 - 43 anos, morena, engenheira elétrica, trabalha há 21 anos numa empresa de engenharia, na área de orçamento, e ganha R\$ 2.100,00, mora com a família, num bairro localizado na periferia de Fortaleza. Conheceu o namorado, um português cego de nascença, através de um site de relacionamentos na Internet. No momento, está noiva e pretende largar o trabalho justificando ser mais fácil encontrar um novo emprego do que alguém que dê certo.

Iracema 3 - 40 anos, casada com um suíço alemão há oito anos, mulata, três filhos, dos quais um é dele. Antes de se casar com o seu atual marido, teve relacionamentos com outros estrangeiros, o que ela chama de “curtir”, justificando estar solteira e não querer compromisso, até conhecer um francês, na Praia de Iracema, no bar Desigual, no final da década de 1980, casado, mas que mesmo assim, viveu oito anos com um francês ele. Hoje, mora num bairro localizado numa área da Cidade que se destaca pelos altos índices de violência e prostituição, com o marido e os dois filhos, já que a filha mais velha é casada. Para sobreviver, trabalha num bar, cujo salário não chega a R\$ 500,00 por mês. Por isso, completa o orçamento fazendo comida para trabalhadores. Não completou o Ensino Fundamental. O marido quer voltar para a Suíça, porque não consegue encontrar trabalho aqui, mas ela acha que é tarde demais para ela tentar uma vida na Europa.

Iracema 4 - 27 anos, Ensino Médio, manicure, morena escura, mora com os pais em um município da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), desempregada no momento, atende a algumas clientes particulares, chegando a ganhar R\$ 600,00 por mês. Namora um italiano de 45 anos, separado, que pretende se instalar em

Fortaleza. Ela confessa ser encantada com a Itália, principalmente, Nápoles, onde morou e trabalhou por seis meses. No momento da entrevista estava de viagem marcada para a Itália onde ia encontrar o futuro marido que promete montar um salão de beleza para ela aqui.

Iracema 5 - 43 anos, Ensino Médio, trabalha como secretária numa firma de exportação de pescados, branca, ganha o salário mínimo, sem carteira assinada, vive trocando de trabalho. Mora nas proximidades da Avenida Monsenhor Tabosa, num apartamento térreo, de um prédio antigo, pequeno espaço que divide com a filha de 13 anos, uma irmã e um sobrinho. Frequenta lugares mais sofisticados, como a barraca de praia Crocobeach, na Praia do Futuro, o Pirata, às segundas-feiras e o bar “Arre Égua”, pontos considerados mais selecionados e freqüentados por estrangeiros. Na alta estação, arrisca o Mucuripe, boate freqüentada pela classe média de Fortaleza. Este ano, conheceu um médico italiano de 55 anos, casado, e pôde, finalmente, fazer a tão esperada viagem para o exterior, conhecendo a Itália. Fala com determinação que não pretende morrer no Brasil. Com *skype*, *MSN*, num *notebook* que ganhou de um outro “namorado” italiano, investe numa nova paixão: um italiano de 43 anos, que se chama Salvatore com que está se envolvendo.

Iracema 6 - 38 anos, morena, começou ainda menor de idade a andar pela Praia de Iracema, calçadão da Beira Mar e barracas da Praia do Futuro. Possui formação em turismo, nível Ensino Médio e diz ter trabalhado na área, mas agora, está desempregada, sobrevivendo da pensão de um salário mínimo que o pai de 84 anos recebe e os programas que faz. Conhece várias cidades da Europa, sempre com passagem e estadia dada pelos namorados. No momento, está investindo nos *sites*

de relacionamentos. Chegou recentemente de uma temporada por Paris, Londres e Itália (já conhecia algumas cidades) fruto de um namoro cujo começo foi uma relação criada a partir do *site Brazilcupido*. Fala e se faz compreender em inglês, francês, italiano, e espanhol e compreende um pouco de alemão e holandês. Mora num bairro carente localizado na periferia de Fortaleza, conhecido pelos altos índices de violência. Das oito entrevistadas, foi a única que deixou claro que faz programas para sobreviver, mas confessa que, agora, quer arranjar um homem para casar, antes de completar os 40 anos, temendo ficar sozinha.

Iracema 7 - 37 anos, um filho de 8 anos, morena clara, assistente financeira de uma empresa, ganha R\$ 400,00, mora com a mãe, 71 anos, num prédio localizado na Avenida Santos Dumont. Para ajudar a pagar as contas da casa, a mãe ainda trabalha como costureira. Após passar dois anos e 10 meses desempregada, mesmo dizendo ser formada em Administração por uma universidade particular de Fortaleza, resolveu fazer um curso de cabeleireiro. Estuda italiano e sonhava em casar com um italiano para encontrar com muitas amigas que estão casadas com italianos e moram na Itália. Conheceu um rapaz de 37 anos, funcionário público na Bélgica. O primeiro contato foi pela Internet. Ele procurava uma namorada em Fortaleza porque dois amigos vinham de férias encontrar as namoradas aqui, e ele queria uma também.

Iracema 8 - 42 anos, Ensino Médio, branca, trabalha como *free lancer* numa agência de turismo, não tem salário fixo, só comissões. que nunca chegam a R\$ 600,00 por mês. Desde o final do ano passado, após o fechamento da Air Madrid, não conseguiu passar mais do que três meses num trabalho. Separada, um filho de 18

anos, diz que não quer morrer no Brasil e nem namorar um brasileiro. Mora num apartamento térreo de um prédio localizado nas imediações da Praia de Iracema, próximo a hotéis e *flats* onde se hospedam estrangeiros, facilitando a procura. Além de contar com a ajuda da tecnologia da comunicação como, *skype*, celular e Internet. Afirma que a última paixão verdadeira foi um suíço italiano, que se chama Daniele, que conheceu ser precisar sair de casa porque ele estava hospedado, com mais dois amigos, num apartamento de um prédio de classe média alta, localizado defronte ao seu.

3.2 Análise Fenomenológica

Descrevo fenomenologicamente as entrevistas feitas com mulheres cearenses que se relacionam com homens europeus, na contemporaneidade, tendo como universo a cidade de Fortaleza, em dois momentos. Primeiro, partindo dos depoimentos das falas das mulheres entrevistadas, foi possível a construção de um texto a partir do que emergiu das próprias entrevistas. Estas tipologias “representam um movimento, após a etapa da descrição, de classificar os dados em grupos organizados de modo a facilitar sua análise e a posterior interpretação [...]”, (Boris, 2002, p. 105). Desta maneira, justifico a opção por uma pesquisa essencialmente qualitativa e de base fenomenológica crítica mundana, baseada na fenomenologia de Merleau-Ponty (1945/1999). Os depoimentos coletados através das entrevistas serviram de base para a estruturação da análise e discussão acerca do principal questionamento da pesquisa: como as mulheres cearenses vivenciam as relações afetivo-sexuais com homens europeus na contemporaneidade em Fortaleza.

Para Merleau-Ponty (1964/2007), “ao mesmo tempo é verdade que o mundo é o que vemos e que, contudo, precisamos aprender a vê-lo”, é importante a percepção de que o pesquisador esteja inserido na realidade onde se encontra o seu objeto de pesquisa, ficando, portanto, difícil se desvencilhar das influências de um sobre o outro. É justamente esta relação do homem com o mundo que faz da fenomenologia crítica mundana uma das principais aliadas metodológicas desta pesquisa. Como ressalta Moreira (2004), a busca do significado da experiência será sempre o fim da pesquisa fenomenológica, que diferente da fenomenologia husserliana, idealista, que se debruça na investigação da essência dos fenômenos, a fenomenologia de Merleau-Ponty (1964/2007) busca a significação da experiência vivida, ou seja, através da descrição da experiência.

Seguindo os pressupostos da fenomenologia crítica mundana de Merleau-Ponty (1945/1999), ferramenta considerada fundamental para a compreensão dos dados coletados durante as entrevistas com oito mulheres, e partindo da pergunta disparadora: “Como você conheceu o seu namorado ou companheiro?”, foi possível a realização de um diálogo aberto e cheio de emoção e cada uma delas tentou expressar a sua vivência com o fenômeno. De acordo com o tom e o movimento das falas das entrevistadas, se tornou possível a construção de um texto com as categorias que acabaram sendo agrupadas em quatro principais, ou unidades de sentido. São elas:

Questões acerca da subjetividade do estrangeiro, o europeu, destacadas pelas entrevistadas busquei compreender como essas mulheres idealizam este homem, visto, muitas vezes, como a solução para todos os problemas tanto afetivos quanto econômicos e sociais. Tentei observar, em cada detalhe, o que as mulheres entrevistadas buscam ao tentar se relacionar com um homem europeu. Analisei

também a vivência daquelas que são casadas, buscando traçar uma relação entre os namoros com as relações estáveis. Neste aspecto, entra também a questão da vivência com o europeu, bem como as dificuldades e a carência desses homens, que segundo as entrevistadas, um dos motivos que os levam a buscar mulheres brasileiras é a carência de afeto. Questões relacionadas à percepção da mulher cearense acerca do homem europeu: o que elas buscam com esses relacionamentos, qual a expectativa que cada uma tem e como eles começam. É bastante recorrente, conforme os relatos das entrevistadas, o primeiro contato ser através de sites de relacionamentos na Internet. Neste aspecto fica contemplada a pergunta disparadora que indagava justamente “Como você conheceu seu namorado ou companheiro”. Durante as falas das entrevistadas procurei explorar o que pensam do homem brasileiro ou cearense, na tentativa de compreender o porquê da opção feita por algumas mulheres de se relacionarem com homens europeus. Algumas mulheres arriscam falar um pouco da expectativa dos homens europeus quando buscam uma mulher cearense, fazendo uma comparação com a mulher europeia.

Aspectos sobre casamento, religião e preconceito são pontos destacados nas falas de algumas mulheres que fazem questão do casamento religioso. Embora não tentasse explorar este lado, mas deixaram transparecer nas suas falas, de forma espontânea, o desejo de casar, construir família e seguir o exemplo da mãe.

Questões sobre amor, sexo, dinheiro e afetividade: procurei investigar como são vividas essas experiências através da fala das entrevistadas, além de compreender como as relações são estabelecidas dentro de um contexto de transformação pelo qual passa a sociedade contemporânea. Elas recorrem a ditados populares, como suas mães diziam ao falar de amor e sobrevivência. Para algumas

mulheres, uma prova de amor, de investimento na relação é o envio de dinheiro. Neste aspecto, destaco a construção das relações afetivas no contexto da sociedade contemporânea e suas implicações com o consumo (Costa, 2005; Illouz, 1997).

Problemas relacionados com o turismo e o “choque cultural” com a Europa: foi possível observar de que maneira a vocação turística de Fortaleza contribui, de certa forma, para aproximação de mulheres cearenses e homens europeus, principalmente, com a entrada do Ceará na rota do turismo internacional a partir da década de 1980, conforme destaca Piscitelli (2007) em pesquisa realizada na Praia de Iracema.

É um aspecto bastante recorrente no discurso dessas mulheres que optam por se relacionar com europeus na cidade de Fortaleza. Para elas, um detalhe é fundamental: se aproximar do estrangeiro logo na primeira vez que ele chega aqui. Elas temem que o estrangeiro acabe percebendo e incorporando o mesmo comportamento do homem cearense de não valorizar as mulheres. Além de evitar o contato com garotas de programa. Para elas, a primeira vez é a oportunidade para que possam se apaixonar.

3.3 Discussão

Depois de organizar a discussão, em torno das questões consideradas relevantes na pesquisa, e, dividi-las em categorias, ilustro-as com as falas das entrevistadas para em seguida, “sair dos parênteses” (Moreira, 2004, p. 451), ou seja, o pesquisador permite que o seu conhecimento acerca do fenômeno investigado venha à tona, fazendo com que saia da postura apenas de ouvir as

experiências relatadas através das vivências dos colaboradores. Neste momento, entram outros elementos, os meus aliados teóricos, na perspectiva da construção de um diálogo possibilitado pelos pressupostos da fenomenologia crítica mundana, fundamentada na filosofia de Merleau-Ponty (1964/2007). Entram em cena as falas das entrevistadas, com suas vivências, a realidade do mundo compartilhada pela pesquisadora e os sujeitos colaboradores, perpassados pela teoria. Não se trata de buscar uma síntese, mas, sim, juntar vozes a uma análise cujo objetivo é torná-la a mais plural possível. Mesmo, porque, estou consciente da delicadeza do tema e que poderia ter sido analisado sob outros aspectos, como no contexto do turismo sexual como sendo uma mera troca de serviços sexuais por dinheiro. No entanto, optei por outro tipo de investigação do fenômeno, ao levá-lo para o campo da subjetividade, no qual aparecem elementos não apenas materiais, mas também no campo das trocas simbólicas.

3.3.1 O que as mulheres cearenses buscam em suas relações com homens europeus: o que diferencia o homem cearense do estrangeiro, no caso, o europeu.

Um dos traços mais marcantes nas falas das mulheres colaboradoras desta pesquisa é a determinação que, misturada ao que elas chamam de “destino”, “acaso” ou “sorte” serve de força para que continuem procurando o homem ideal que a visão delas, passa longe dos trópicos. As justificativas da opção pelo estrangeiro são várias. Passando desde o tipo físico - nos remete ao estereótipo dos portugueses colonizadores, a exemplo da criação de Alencar (1865/2006) em “Iracema – A Lenda do Ceará”, o guerreiro branco que se apaixonou pelos encantos

da Índia Tabajara, até pelos traços subjetivos, como por exemplo, fidelidade, demonstração de afeto, respeito e não as discriminam, independente do status social. Constatei nas falas das entrevistadas um certo deslumbramento com o homem estrangeiro, embora algumas confessem terem sido enganadas por algum deles, mesmo assim não mudam de opinião, principalmente no que diz respeito à forma de tratar as mulheres, demonstração de afeto e sinceridade nas relações afetivo-sexuais.

No discurso das entrevistadas ainda permanece um pouco do imaginário mostrado pelos relatos dos colonizadores do Brasil, principalmente no que se refere ao encontro entre as duas civilizações. De um lado, um povo que era feliz andava nu, desconhecia conceitos como culpa e pecado; do outro, uma gente marcada por um certo mal-estar, como destaca (Freud, 1929-1930/2006), “a vida, tal como a encontramos, é árdua demais para nós; proporciona-nos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis” (p. 83), fazendo alusão ao dilema do homem moderno diante da civilização. Freud (1929-1930/2006) descobre que o homem pode fazer algo para melhorar essa sua relação com o mundo através da subjetividade. O homem podia recriar o mundo. Ao relacionar os dois momentos, no Brasil, foi marcado pelo encontro entre homens brancos, bonitos e diferentes com os nativos indígenas. Ambos ficaram encantados com as diferenças. As índias se encantaram pelo colonizador mais pelo aspecto do diferente, do que por outras qualidades, enquanto eles ficavam encantados com a alegria e a beleza daquela gente que andava nua sem nenhum pudor. Conforme Ribeiro (2006), “a natureza, portanto, não era tão inerte e generosa quanto aparecia aos primeiros navegadores. O convívio com o meio natural não tinha o caráter idílico que lhe é atribuído” (p. 26). Nos discursos dos sujeitos colaboradores desta pesquisa, é possível encontrar

afirmações nas quais ficam claras as posições de admiração e deslumbre das mulheres diante dos europeus, até hoje, como se fossem superiores ou melhores do que os cearenses, em tudo, desde o comportamento social, condições econômicas, afetividade e sexo. O dado me faz reportar ao pensamento de Figueiredo (1999): “Não se trata de um exotismo qualquer, como exotismo oriental, mas de um exotismo em que a ligação com a natureza sobressai. Criou-se então uma ideia romantizada da terra e da gente [...]” (p. 34). É como se a visão do homem estrangeiro continuasse a fazer parte do imaginário das mulheres, sobretudo, no que se relaciona à construção do homem ideal, fazendo crer que o processo de colonização continue, como frisa o autor. Elas idealizam a imagem de um homem que tem como modelo o estrangeiro. A idealização inclui elementos materiais como a condição socioeconômica, associada à possibilidade de levá-las daqui, além dos simbólicos que povoam o imaginário das mulheres.

Para Arruda (1998), “os processos de construção da representação de si através do encontro com o outro foram, pois, no Brasil, de duas ordens, segundo o momento histórico” (p. 40). No início da colonização, este encontro se deu pelo diferente. Hoje, acontece impulsionado por outros fatores que vão do econômico ao afetivo. Como destaca Piscitelli (2005), essas relações acontecem no âmbito do turismo, das migrações e da transnacionalidade, portanto, são permeadas por fatores como consumo, noções de gênero, e etnia. Contesta a redução desses encontros apenas ao turismo sexual.

Realmente, os estrangeiros têm outro comportamento, outra cultura que é atraente para a gente, até pelo físico também são diferentes dos cearenses. Mas, assim, ideal de casar com estrangeiro não foi por este ângulo. E, deu certo, né? a gente já fez 15 anos de casados (ri). Mas para o relacionamento em si, não acho que o fato de ele ser

estrangeiro influencie. Ou, talvez, a dificuldade que tenha seja por ele ser muito introspectivo (Iracema 1).

Assim, nunca tinha tido uma experiência com nenhum brasileiro que fosse assim tão atencioso e romântico, não. Ele é muito romântico, muito atencioso. Quando é aniversário, ele só me dá flores. Sinto que ele é a pessoa certa para minha vida, mas nunca idealizei um tipo. Idealizava, assim, qualidades que ele tem. Mas deu tudo certo. E foi por um acaso que a gente se conheceu. Acho que ele é o homem da minha vida (Iracema 2).

Eles respeitam a parte de ser fiel, no caso dele aí, é casei, e casei para ter só uma mulher, ela só, e, pronto, acabou-se. Nesse ponto aí eu gosto muito dele por isso, pode aparecer menina, pode dar em cima, pode falar, eu tenho uma esposa e pronto (Iracema 3).

A diferença entre o homem europeu e o homem brasileiro é que o homem brasileiro pensa que ele é o ban-ban-ban, o maioral. Na realidade, a única diferença que tem entre os dois é de cultura, porque o europeu, ele distingue bem o que é ser homem, e o brasileiro, deturpa ente ser homem e ser cafajeste. A diferença é que o europeu faz bem aquilo que ele gosta e de quem ele gosta. Então, quando ele gosta, quando ele se dá, ele é o único, ele não consegue ter outra visão a não ser o que ele está vendo e o que ele tem na mão. Porque quando eles chegam, e não encontram uma mulher de programa, ele encontra uma mulher séria, elas mostram que não precisam do dinheiro dele, precisam da companhia dele e, na realidade, é isso o que eles querem, é só a única coisa que eles querem ser cuidados (Iracema 6).

O pessoal tem mania de dizer que brasileiro não tem futuro [...] vou namorar só com gringo, mas não é que seja assim. Eu acho que tudo acontece [...] depende também de cada pessoa, que tem o seu jeito de pensar. Acho que tudo é relativo (Iracema 3).

Os homens brasileiros nunca me fascinaram. Eu acho que os homens brasileiros não valorizam a imagem da mulher brasileira. Eu conheci isso, depois, que eu conheci um estrangeiro. Uma pessoa muito boa que não disfarçava o sentimento por mim e me empolgou. Achei diferente a maneira dele se comportar, de agirem, a facilidade e a clareza que eles têm de valorizar a mulher brasileira, porque eles valorizam. Por mais que a mulher brasileira tenha a fama de ser mulher fácil ou garota de programa, não importa (Iracema 5).

Ele é uma pessoa assim muito amável, e muito generoso também (Iracema7).

Depois que tive o primeiro contato com estrangeiro nunca mais nem pensei em brasileiro (risos). Porque você sente a diferença. Brasileiro, quando ele não quer uma coisa séria com você, você sente nojo. Quando um brasileiro chega perto de você para conversar, mesmo que a intenção dele não seja, no momento, de lhe levar pro motel, mas, é lógico que é isso o que ele quer, no primeiro instante, ta entendendo? Não tem o cavalheirismo de convidar você para tomar um café, uma água. Mesmo que tenha, ta com a intenção de levar você para cama. Eles são vulgares (Iracema 4).

Eles têm mais respeito pela mulher, mais consideração e tratam a mulher como se fosse uma peça única, na vida deles. Talvez é porque na cultura deles, não sei. Porque eu acho que existam brasileiros assim, mas são pouquíssimos. Brasileiro é diferente do estrangeiro quando gosta. O estrangeiro quando gosta, ele gosta de transmitir que ele gosta, ele gosta de falar o que ele está sentindo. Não estou falando em termos de presente, de dar as coisas, estou falando do sentimento (Iracema 4).

Na fala da entrevistada, a qual denominei de Iracema 1, é possível observar que os estrangeiros têm outro comportamento, outra cultura que considera

atraente até pelo aspecto físico, diferente dos cearenses. No entanto, destaca que isso não foi determinante para a opção de casar com um europeu, um francês, que conheceu em Canoa Quebrada, um dos locais de concentração de estrangeiros no Ceará. Confessa que não teve muitos relacionamentos com homens cearenses. No entanto, admite o seu caráter introspectivo como um ponto a dificultar a relação. Iracema 2 confessa nunca ter tido uma experiência igual com nenhum brasileiro. Afirmar que ele é o homem da sua vida. Sua fala é permeada pelos ideais de amor romântico, tipo de amor surgido no final do século XVIII e início do século XIX, no Ocidente, cuja característica principal era o desejo pelo objeto amado. Não era necessariamente carnal, mas o desejo do que falta, como ressalta Borges (2004). Outra característica que reforça a idealização de algo que está apenas na esfera do desejo é o fato de ter conhecido o seu namorado num site de relacionamento, na Internet, e passado um certo tempo para conhecê-lo por foto, e, só depois foi ao seu encontro, em Portugal. A relação é marcada por troca de e-mails, telefonemas, poesias e músicas. Como destaca Costa (1998), a concepção de amor foi mudando durante os anos e, na atualidade, está ligado ao sexo e às relações de consumo. Assim, deixa de ser apenas uma idealização que ficava no campo da impossibilidade, diferente dos primeiros tempos do seu surgimento, quando se estabilizou como norma de conduta emocional na Europa e tinha íntima associação com a vida privada burguesa.

Hoje, as novas relações estabelecidas na sociedade contemporânea, caracterizadas pelo consumismo, hedonismo, violência, competição e influenciada pelas tecnologias de informação e comunicação fizeram com que o amor perdesse a sua perfeição mítica, além de sair da esfera da vida privada. O caso da relação da entrevistada a qual chamei de Iracema 2, por exemplo, foi construída através de um

site de relacionamentos na “Internet”, ficando ressaltada essa busca por uma certa fantasia ou inocência perdidas na contemporaneidade. A colaboradora Iracema 3 destaca como importante na sua relação a fidelidade, que diz ser uma característica dos estrangeiros, ao comparar com os brasileiros que, segundo ela, não conseguem passar uma semana longe da mulher sem traí-la. Porém, confessa, que teve um relacionamento de oito anos com um francês que “não podia ver um rabo-de-saia”. Outra entrevistada, Iracema 6, afirma que o maior desejo do europeu é ser cuidado, receber carinho. Das oito entrevistadas, seis afirmam que eles são carentes, atribuindo a fatores culturais, justificando que o tratamento dispensado pelas mães europeias é diferente das brasileiras. Iracema 3 disse que aqui tem mais calor humano. Iracema 4 confessa que, depois do primeiro relacionamento com um homem estrangeiro, nunca mais quis um brasileiro. Ela destaca, sobretudo, o aspecto da subjetividade do europeu ao saber cortejar uma mulher. Diz que são mais sutis e amáveis do que os brasileiros. Elas deixam claro que a generosidade do europeu não está ligada apenas ao aspecto material, isto é, não se trata de dar presentes, mas na demonstração dos sentimentos (Illouz, 1997).

3.3.2 Questões relacionadas à percepção da mulher cearense acerca do homem europeu

Nas suas falas, as entrevistadas deixam claro que querem relacionamentos sérios com os estrangeiros, justificando que os brasileiros não querem investir em uma relação mais estável ou se casarem. Só que, nos seus discursos, não é apenas o ideal romântico de casar que está presente, aparecendo outros elementos que consideram tão importante quanto encontrar alguém para não

ficarem sozinhas, são eles: vontade de mudar de vida, e de ser alguém. Elas se referem ao homem europeu como uma conquista que depende de sorte, associada a uma luta que só pode ser vencida se saírem da posição de comodismo, portanto, é preciso sair de casa para procurar. Elas acham que dentro de casa não é possível encontrar este homem diferente: amável, generoso, respeitador e que queira uma relação séria. Dentre as incertezas que permeiam este ideal, esta procura, têm uma certeza em mente: o cearense passa longe deste seu desejo.

A forma como elas se referem a esses relacionamentos e as suas expectativas acerca dos mesmos, é algo que difere dos ideais românticos de amor pelo menos do tipo platônico, no qual acreditava-se que príncipe chegaria montado em um cavalo branco, bastava esperar. Nas relações que acontecem nas sociedades contemporâneas e complexas, como defende Costa (2005), o dinamismo é uma característica, daí algumas serem realizadas no campo do turismo e no contexto das migrações. Muitas vezes, utilizam as relações que podem ser marcadas pelo amor ou não, como forma de mudar sua condição social, dando uma conotação de movimento. Goode (1959) analisa o amor, como uma ação social, pensamento que encontra eco na tese de Alberoni (1988). O filósofo italiano define o “enamoramento como o estado nascente de um movimento coletivo a dois” (p. 5). Na sua opinião, o que diferencia este estado dos grandes movimentos coletivos, é que o primeiro ocorre apenas entre duas pessoas, enquanto, o segundo, envolve as massas. Embora defenda que o enamoramento esteja no âmbito do coletivo, compreende ser neste sentido que podem ser analisadas as relações afetivo-sexuais na contemporaneidade. Os relatos das entrevistadas são carregados de desejos que passam por falas, ora de revolta, ora de esperança. Num ponto convergem: na determinação de que é preciso lutar. E a luta passa pela procura deste homem

cortês e generoso que elas sabem, não vai cair do céu. Conscientes de que toda conquista requer sacrifícios, quase todas as noites, depois de um dia de trabalho, saem para tentar construir o que Alberoni (1988) chama de movimento coletivo a dois, marcado por incertezas e decepções. A Praia de Iracema é um dos principais locais para essa procura, assim como o calçadão da Beira-Mar e as barracas da Praia do Futuro.

De acordo com Alberoni (1988), a vida cotidiana é caracterizada pelo desencanto (p. 28). Afirma que os desejos chegam sempre em forma de fantasia que, muitas vezes, não são realizados. O desejo dessas mulheres vai além de encontrar apenas um europeu para tirá-las da situação de exploração quer no trabalho ou na família. Através das suas falas, é possível perceber que não são mais “Amélias”, destaca Iracema 6, estando dispostas a dividir e também doar, desde que o outro queira participar da construção deste movimento a dois. Muitos casamentos acontecem neste contexto.

Porque não é que a pessoa fica 15 dias, e fica morrendo de amor, até porque eu acho que tem uma grande diferença também entre a idade porque, hoje, eu não sou mais uma menina de 20 anos que conhece uma pessoa e se apaixona rápido, né? Porque tenho um filho e tudo (Iracema 7).

Mas muitas estão só querendo arranjar alguém de qualquer jeito. Tem, mas, essas elas sabem diferenciar bem. Essas, geralmente, são aquelas que elas cobram um dia, no outro dia, quando ele tá mostrando sentimento, elas chegam pra ele e falam, olha, é trabalho (Iracema 6).

Eu queria muito, eu confesso a você que eu queria ir embora do Brasil. Eu queria morar ou, ou [...] sei lá [...] Eu tenho vontade de morar em Portugal, tenho vontade de morar na Itália, na Espanha, eu queria ter essa oportunidade (Iracema 8).

Se ele se apaixonar ótimo (diz com entusiasmo e feliz) é maravilhoso, eu me apaixono, a gente aprende a gostar, a gente aprende a amar, minha amiga, na rotina da vida, é verdade. Olha, se for pra mudar a minha vida, porque do jeito que ela tá, não dá mais, do jeito que eu tô, não dá mais, a minha situação profissional, ela está péssima. Por que eu não posso, meu Deus, chegar onde eu quero chegar? (diz em tom de revolta). Por que eu não posso ter esse direito (Iracema 5).

Porque eu já estou investindo numa pessoa, não poderia agora, jogar tudo o que eu já construí nessa nova relação por uma pessoa que eu não sei no que ia dar. Pra mim, seria um risco, entendeu, e eu tenho muita, segurança nesse meu namorado em relação no que ele não vai me trair (Iracema 7).

Ah!, sim. Tem um desgaste constante, mas, um dia, a gente tem que acertar, né mulher, não pode é desistir, porque ficar sozinha, sozinha, também não é bom. Porque ser uma pessoa só, eu acho que não é bom. Tem o lado afetivo que sente falta de ter uma pessoa pra tudo, pra conversar, pra namorar, por isso que a gente tem que procurar. Não tem nada sem dificuldade (Iracema 7).

O estrangeiro sempre me chama a atenção, sinto uma atração. Eu acho que é porque a beleza deles é diferente, eles são bonitos, eles podem ser pobres, carpinteiros, ralé, lá não sei de onde, mas são bonitos. Então, assim, eu queria muito, muito conhecer um estrangeiro e o cara se apaixonar mesmo, me pedir em casamento, e minha filha vamos embora, vamos pro meu país. O problema é a droga da distância (Iracema 8).

Os brasileiros não querem nada com ninguém, querem só divertimento. Hoje, ficam com você, amanhã, vão para uma festa e ficam com outra, e, assim por diante. Quando você acha que tá ficando sério, eles já acham que tá sério demais, e partem para outra, para brincadeira. Eu ainda não encontrei, não tive nenhum conhecimento de brasileiro, que se iguala ao sentimento de estrangeiro (Iracema 4).

Não sei se o meu destino vai ser finalizar a minha vida ao lado de um estrangeiro, não sei, se o meu destino vai ser esse. Não sei se o meu destino é sair fora do Brasil, morrer fora do Brasil, não sei. Mas são expectativas que eu gostaria que se realizasse na minha vida, porque eu sempre tive vontade de ir embora do Brasil. Estar com um estrangeiro, casar com um estrangeiro pra tá fora do Brasil é um detalhe. Um detalhe positivo, assim, é um portal pra aquilo que eu quero conseguir lá fora. Vai ser difícil? (Iracema 5).

Nos seus depoimentos, as mulheres deixam clara a noção de que o amor ou o estado de enamoramento passa pelo campo de luta onde se travam as outras batalhas da vida cotidiana, o universo do trabalho é um deles. Reclamam da exploração sofrida por parte dos empregadores, já que a maioria das entrevistadas sequer tem carteira assinada, com exceção de duas. As demais, ou estão desempregadas ou exercem funções em empresas através de contratos precários de trabalho, prestam serviços ou trabalham por conta própria. Ao mesmo tempo em que é possível perceber que essas mulheres não cultivam o amor paixão, tipo o qual Giddens (1993) define como “o amor apaixonado é especificamente perturbador das relações sociais, ele é perigoso” (p. 48). Provoca uma invasão, é tão forte que pode levar o indivíduo, ou ambos os indivíduos, a ignorar as suas obrigações habituais, acrescenta. Deixam transparecer o desejo de encontrar um homem capaz de lhes oferecer amor e uma vida segura no campo material. Nos seus discursos, mesclam o traço de racionalidade, afastando o caráter urgente ou perturbador, características

fundamentais do amor- paixão, segundo Giddens (1993). Como destaca Iracema 7, não é possível ficar morrendo de amor por uma pessoa com a qual se conviveu apenas 15 dias. Mas admite que a relação está sendo construída no dia-a-dia, apesar da distância e, hoje, ela diz que está gostando, apresentando justificativas práticas como, não ser mais uma menina de 20 anos e ter um filho de oito anos para criar, já que o pai, um cearense, não paga pensão.

A associação do amor a uma ação social mostra que o sentimento não o estava entregue assim nas mãos do destino. De acordo com Giddens (1993), a maior parte dos casamentos realizados na Europa pré-moderna tinha como principal motivação a situação econômica, e não, a atração sexual mútua. Observa que entre os agricultores, o casamento servia para organizar o trabalho, sendo pensado na perspectiva da produção, e não do bem-estar afetivo sexual, privilégio das camadas aristocráticas. O amor romântico, estaca Costa (1998), distingue, sim, classes sociais, portanto não era tão aleatório assim. “A variação do que atrai ou excita, eroticamente, significa admitir que a emoção amorosa não culturalmente cega, surda ou muda” (p. 18). O autor questiona a visão de amor romântico pautado no “príncipe encantado” ou no amor à primeira vista. “Como todo ideal, o amor tem endereços nobres e salas de espera vips. Não circula a esmo num vácuo de intenções e propósitos” (p.21).

O desejo de ir embora do Brasil é outro elemento que está presente no discurso das entrevistadas e que pode ser concretizado a partir de uma relação com um europeu. Apesar de demonstrar racionalidade, deixam escapar no discurso, a importância de ter sorte para encontrar um estrangeiro no seu caminho. Admitem que a procura é desgastante, já que as decepções também fazem parte do processo. Muitas contam que já foram enganadas. Iracema 7 afirma que não se tem

nada sem dificuldade. Para a Iracema 5, que não quer morrer no Brasil, estar ou casar com um europeu é apenas um detalhe, revelando que o quer mesmo é ir embora daqui. Revela que o seu primeiro relacionamento com estrangeiro, um português, descobriu depois que ele só queria a sua permanência, afirmando ter se tornando uma mulher mais fria. Mesmo assim, continua investindo em estrangeiros, sobretudo italianos, pela facilidade na comunicação.

3.3.2.1 Como são estabelecidas as relações de gênero

As relações de gênero perpassam as falas das entrevistadas, sobretudo quando se referem ao comportamento entre o homem cearense e o europeu. Segundo Freyre (1933/2005), a matriz cultural brasileira é caracterizada por uma sociedade colonial, baseada na mão-de-obra escrava, onde o senhor de engenho tinha à disposição a sinhazinha branca e as escravas da senzala. Ainda hoje a sociedade brasileira, em especial a nordestina conserva traços desta herança patriarcal, contribuindo para o que elas chamam de machismo. Por isso, algumas, refutam a idéia de casar com um brasileiro, em especial, com um nordestino Da fusão entre o índio, o negro e o branco foi estabelecida a formação cultural brasileira, portanto, marcada por traços de submissão, numa relação de poder entre colonizadores e colonizados. O fato faz com que Del Priore (2006) reconheça:

A relação de poder já implícita no escravismo, presente entre nós desde o século XVI, reproduzia-se nas relações mais íntimas entre maridos, condenando a esposa a ser uma escrava doméstica exemplarmente obediente e submissa. Sua existência justificava-se

pro cuidar da casa, cozinhar, lavar a roupa e servir ao chefe da família com o seu sexo (p. 22).

Conforme a fala das entrevistadas, os estrangeiros são mais liberais e ajudam nas tarefas da casa, além de mais compreensivos, menos possessivos, não se incomodam com a ascensão profissional ou intelectual da mulher. Outra qualidade é não serem ciumentos. Segundo Piscitelli (2007), aos olhos dos europeus, o Brasil é um imenso bolsão de miséria, portanto, a relação de poder entre mulheres cearenses e estes homens está longe de ser de igualdade. Como muitas entrevistadas relatam que eles buscam mulheres diferentes da europeia, consideradas “independentes” não precisam deles para nada, admite Iracema 5, constatação feita em restaurantes durante sua primeira viagem à Itália, custeada por um italiano, casado, 55 anos.

A história da colonização brasileira, como mostra Ribeiro (2006), apresenta o colonizador português como explorador de riqueza material e simbólica. “Seu desejo obsessivo era multiplicar-se nos ventres das índias e pôr suas penas e braços a seu serviço” (p. 43), além de tirar a alegria dos índios. Na realidade, o que queriam era exercer o poder sobre os habitantes da nova terra descoberta e iam se apropriando do que viam pela frente. Como não encontraram resistência não foi difícil concretizar o seu desejo. Desta forma foi estabelecida a relação de dominação entre o homem branco colonizador e o nativo brasileiro, que aos olhos do europeu civilizado, os índios eram seres sem almas. Segundo Figueiredo (1999), o processo que começou com a troca de espelhos e pentes, dentre outras quinquilharias trazidas pelo colonizador, continua até hoje. Afirma que o povo brasileiro “continua consumindo alegremente as bugigangas metropolitanas” (p. 36). O relato de Iracema 6 serve para reforçar o pensamento de Figueiredo (1999), ao afirmar que é preciso

ficar atenta com alguns homens europeus que trazem na bagagem alguns frascos de perfumes falsificados, como uma maneira mais sutil de pagar o programa. Pagamento que, algumas vezes, é visto como um presente, afastando a conotação do sexo pago, do programa que eles podem ter na Europa, apenas pagando um pouco mais. Outra postura que leva a crer que alguns destes homens buscam mais do que um programa, ou uma troca de um serviço sexual por dinheiro, é a companhia da “namorada” em diversos momentos de sua estada aqui: no shopping, no restaurante, na praia e para se divertir também. Iracema 4, por exemplo, fala de uma relação que teve com um suíço italiano, no final de 2006, que a marcou muito, afirmando: *“a gente ficou grudado um no outro quase três meses”*. Mas disse ter sentido que acabaria ali, no aeroporto, porque percebeu que ele não queria continuar a relação.

Embora nos últimos anos seja inegável o avanço das mulheres na luta por seus direitos ainda predomina a postura do machismo no Brasil, em especial no Nordeste, fato observado pelo próprio número de mulheres assassinadas. Das índias dóceis da época do descobrimento, com seus corpos nus que, sem querer serviam para encher de desejo o colonizador que pensava estar no Éden, hoje, pouco resta da ingenuidade despojada das mulheres nativas que, como a índia Iracema, na visão romântica de Alencar seduziu com seus encantos Martim Soares Moreno, o “guerreiro branco”. Nos pontos de concentração de europeus a exemplo da Praia de Iracema, em Fortaleza, mulheres travam um verdadeiro corpo-a-corpo na disputa por um namorado, especialmente, quando não está em alta estação, quando o número de homens é menor do que o de mulheres. Por isso, muitos comparam aqui ao paraíso, no sentido de oferecer calor, liberdade das regras rígidas

de comportamento, podendo ser reis por uma ou quatro semanas, e, ainda, ter uma “namorada” e não apenas sexo.

O corpo é uma parte importante na discussão de gênero quer restrita apenas ao Brasil, onde os homens se acham possuidores dos corpos de suas mulheres, ou se for estendida ao campo do imaginário do estrangeiro. É que o país se firmou no contexto do turismo internacional vendendo a imagem da mulher brasileira, a exemplo da mulata, considerado um produto de exportação. Prova disso é o carnaval brasileiro que continua aguçando o imaginário do estrangeiro. Pereira (2006), observa “a colonização do corpo parece ser uma outra modalidade dos efeitos do colonialismo: o retorno do recalcado” (p. 48). Destaca a transformação do corpo em mercado como uma consequência da modernidade. Pela nova ótica de análise do corpo feminino, ele é apresentado como um elemento de sedução, de prazer, num jogo diferente daquele representado na escravocrata. Naquela época, aponta Freyre (1933/2005), os negros eram mercadorias e seus corpos propriedade dos senhores de engenho que faziam uso como bem quisessem. Hoje, os corpos são usados tanto em tempo real quanto no virtual, já que os contatos dos estrangeiros começam quando eles estão ainda na Europa, daí a sociedade contemporânea ter dado uma nova dimensão ao corpo, embora continue sendo visto como um objeto de compra e venda dentro de um mercado onde os bens materiais e simbólicos têm o mesmo valor. Como adverte Baudrillard (2007), ao se referir o que ele chama de troca simbólica, considerado como “lugar estratégico em que todas as modalidades de valor confluem para uma zona que eu chamaria de cega, em que tudo é posto em questão” (p. 17). É neste campo que podem ser colocadas as relações afetivo-sexuais vividas entre mulheres cearenses e homens europeus,

ficando na esfera da subjetividade, no entanto, como observa Pisticelli (2007), as relações de poder e submissão não podem ser eliminadas.

Então, eles vêm buscar no Brasil, a mulher mais Amélia [...] Mas a Amélia [...] não é mais Amélia, é a mulher mais amável, mais dócil, a mulher mais maleável, porque Amélia existe em todo mundo, né? E os estrangeiros, eles gostam muito disso. Gostam muito daquela mulher que é mãe, que é filha, mas que é mulher, sabe cuidar de uma família, mas que sabe ser uma criança quando é preciso ser naquelas horas, que é justamente na hora do amor, na hora da troca de afeto, de companheirismo e isso eles vêm à procura e encontram aqui, no mundo que eles dizem que é o mundo latino. Então, hoje em dia, tá muito mudado o lugar do homem e da mulher, hoje em dia ninguém sabe quem manda mais, se é o homem ou se é a mulher (Iracema 6).

A fala da entrevistada ilustra bem a noção de gênero e amor, apresentada por Giddens (1993). Ele provoca: “alguns têm dito que o amor romântico foi um enredo engendrado pelos homens contra as mulheres, para encher suas cabeças com sonhos fúteis e impossíveis” (p. 52). Mas as mulheres logo saíram do posto de apenas consumidoras e passaram a produzir também romances e novelas pautadas no amor romântico, sobretudo a partir do início do século XIX. Hoje, como ilustra a fala de Iracema 6, o homem está buscando uma nova mulher que não é nem Amélia e nem tão independente assim. Anseio semelhante tem a mulher que prefere investir em relações onde os papéis sejam parecidos. Giddens (1993) acredita que o surgimento da ideia do amor romântico só pode ser compreendido se for levando em consideração algumas transformações ocorridas, afetando as mulheres, a partir do final do século XVIII. Cita a criação do lar e a modificação nas relações entre pais e filhos, além de um terceiro, a invenção da maternidade. Estes fatores estavam todos

ligados às mulheres. No entanto, na contemporaneidade, foram alterados, como o declínio do poder patriarcal na última parte do século XX. Hoje, os papéis estão divididos, uma vez que as mulheres entraram no mercado de trabalho e, algumas, são chefes do lar. A ideia da mãe como cuidadora do filho, apenas no espaço doméstico, dando carinho, alimentação e educação também foi alterada. A mulher passou a exercer dupla função, sendo mãe e pai ao mesmo tempo.

No discurso da entrevistada, é possível perceber o traço feminilizado do amor romântico, porém de uma forma mais avançada, quando diz que o europeu busca na mesma mulher: a mãe, a filha e a amante. Ou seja, mostra que ele mescla elementos do amor paixão e do amor romântico. Antes, os homens viam como incompatíveis estes dois tipos de amor, por isso, iam buscar a paixão e o sexo com prazer em relações com prostitutas, já que à mulher, figura pura da mãe dos seus filhos, cabia o recato, em outras palavras, as relações sexuais tinham apenas a finalidade da procriação (Gliddens, 1993).

Ele me fez a proposta de eu ir trabalhar com ele lá, morar com ele, viver uma vida a dois. Trabalhar, não, virar doméstica, virar dona-de-casa, cuidar da casa. Eu falei pra ele que eu não saberia viver uma situação dessa, não “m” piaci questa” situação, porque eu sou uma mulher que nasceu pra ser independente, mesmo, não nasci pra depender de homem. Porque eu não deixo nenhum homem pegar na minha munheca, a minha natureza é muito forte (Iracema 5).

Ele é uma pessoa muito de ajudar em casa a mãe, por sinal, ele lava os pratos na casa dele, entendeu, não só ele, como os irmãos também lavam os pratos. É uma cultura totalmente diferente daqui (risos), um homem no Brasil lavar um prato é impossível, né, mas [...] (Iracema 7).

Aí, assim, gosta muito de limpeza, me ajuda a limpar a casa, lavar louça. Neste ponto é diferente de brasileiro, entendeu, porque ajuda, vai na cozinha, faz uma comida, faz uma coisa, mas para trabalhar assim em bar, não gosta não (Iracema 3)

Enquanto em outros depoimentos como o de Iracema 7, fica explícita uma relação conflituosa de gênero, uma vez que apesar do namorado ser europeu, um italiano de 43 anos, que confessou para ela não ter estudos, propõe a sua namorada cearense, uma vida típica de uma dona-de-casa, que resigna às tarefas domésticas. Só que apesar da condição de dificuldade financeira que vive aqui, trabalhando sem carteira assinada, ela confessa que não suportaria esta condição. Na fala de outra entrevistada, é possível perceber essa inversão de papel vivido pelos homens, principalmente o europeu, acostumado a ajudar nas tarefas de casa. No Brasil, ainda são raros os casos de homens que ajudam nas tarefas domésticas, questão que tem raiz na sua matriz cultural. Aqui, é preciso relembrar, mais uma vez, a formação da sociedade colonial, onde a casa grande era repleta de empregados. Hoje, a situação mudou, é claro, mas ainda a empregada doméstica, mesmo que tenha o nome de secretária, ainda continua sendo uma mão-de-obra barata, o que não existe na Europa, por exemplo. Daí, os homens serem obrigados a dividir as tarefas de casa.

Eles não têm essa história de posse, de ser dono. Agora fazer escândalo, impedir de usar alguma roupa, sair de casa, estudar, isso o cearense tem. A gente tira pelo número de mulheres assassinadas pelos maridos. Ciúme ele não tem. Quando casei já era graduada em História, depois fiz especialização em Literatura, depois fiz o curso de Letras, e agora, estou fazendo mestrado, ele nunca me impediu de fazer qualquer coisa. Por este lado, a gente sente a questão cultural, fruto da própria educação, eu acho que eles realmente vêem a mulher com mais respeito do que os cearenses (Iracema 1).

No primeiro ano, ele não trabalhava. Eu saía para trabalhar e ele ficava em casa. Eu tinha medo, porque ele conheceu outra realidade de turista de vir para cá com dinheiro e se ocupar o dia todo na praia e viajando. Quando ele teve que ficar em casa o dia inteiro, ele representou o papel de uma dona de casa de antigamente quando a mulher ficava em casa o dia inteiro (Iracema 1).

Eles são mais compreensivos e mais liberais, com relação à convivência, porque eles entendem as dificuldades, eles entendem as necessidades das mulheres e não acha que [...] eles não são egoístas, pelo menos o que teve comigo. Lógico que teve aqueles que dizem que me amavam, mas deixou a coisa acontecer, não foi de imediato. Lógico que teve aqueles que me fez sofrer muito Não tem aquele machismo (Iracema 4).

Na fala da entrevistada Iracema 1, é possível perceber, de maneira clara, a inversão dos papéis entre homem e mulher. Ela conta que, no início da relação, quem saía para trabalhar era ela, ficando ele em casa. Também destaca outra característica do seu marido, um francês, não ter ciúme, além de mostrar respeito numa relação onde o companheirismo substitui a idéia de posse. Elas destacam, ainda, que os europeus são mais civilizados e atribuem isso à cultura, como destaca Iracema 4.

Eles, não, já são mais [...] mais..mais homens, mais civilizados. Acho que é a cultura também, acho que tudo isso mexe com a cultura. A maioria que eu conheço, depois que tem relação com estrangeiro, adora, basta conhecer, não querem mais brasileiros (Iracema 4).

O que mais doeu, profundamente, é que eu tava [...] no dia do Natal, ele não quis passar o Natal comigo, né queria ficar com os amigos. Ele disse, não, a gente fica só com os amigos, achei aquilo estranho, né, tanto que eu passei o Natal triste (Iracema 8).

Eles têm seriedade profissional, eles têm, e, aí é onde vem o choque cultural quando chegam aqui no Brasil. Quando se tem muito dinheiro pra gastar, vai levando, ainda dá pra levar 5, 8 anos ou 10 anos uma brincadeira dessa. Só que dinheiro vai embora (faz gesto com a mão), pra retornar, você tem que [...] né [...] tem que produzir. E, se você não for um profissional sério, você perde o dinheiro, não tem como mais ele voltar para o seu país porque quebrou, e, aí, começa todo um conflito conjugal que são os mesmos conflitos, as mesmas dificuldades, de um casal brasileiro (Iracema 5).

Ele quer que as crianças aprendam, faça as coisas, quer que elas tenham a responsabilidade que eles têm. Porque tudo deles tem responsabilidade no meio, então, coisas aqui que ele não aceita que eu concordo com ele, mas eu digo: você tem que entender que aqui não é a Suíça. Na Suíça as coisas funcionam assim, aqui, é o Brasil, então, funciona desse jeito, você não pode querer mudar. Tipo vir num ônibus com uma mulher gestante e o motorista dar uma freada que a mulher vai lá, isso não existe, ou parar um carro com aquele carrão de som, se bem que agora já tem a lei, que tá funcionando um pouco, quando ele chegou não funcionava, né, o povo não escuta música pra si. Esse tipo de coisinha que irrita, pra ele que não tem costume, foi indo, foi indo, agora já entende, não reclama tanto por tanta besteira (Iracema 3).

3.3.2.2 Primeira vez no Brasil

As colaboradoras consideram outro ponto importante na construção de um relacionamento com estrangeiro, o contato logo que chegam aqui, pela primeira,

vez, para evitar que aprendam os hábitos dos brasileiros. Além de evitar que eles conheçam o que chamam de garotas de programa. O importante é fazer com que eles se apaixonem, de preferência, à primeira vista, entrando em cena mais um elemento do amor romântico.

Foi na primeira vez que ele veio pro Brasil que ele conheceu a primeira namorada brasileira dele. Mas ele já teve um outro relacionamento antes, ele já foi casado, acho que seis anos que ele foi casado (Iracema 7).

Ele gosta muito do Brasil também, mas ele não tinha vindo aqui ainda, na primeira vez que veio, me conheceu. Foi a primeira vez, se apaixonou, ficou e támo ai até hoje (Iracema 3).

Foi a primeira vez que ele veio aqui, ou seja, ele não está contaminado. Não tinha nenhuma noção de Brasil, não conhece nenhum estado do Brasil, só Fortaleza onde passou 15 dias. Não conheceu outras pessoas. Ele poderia até... os 15 dias que o amigo dele ficou aqui com ele, era 15 dias de farra, ele podia ter ficado comigo, podia...mas eu deixei bem claro pra ele, você quer sair amanhã, saia, meu querido, no dia seguinte, você não vai me ver não, ah!, mas porque? Não sou mulher de vários homens, sou mulher de um homem só. Quero um companheiro que fique comigo, não quero turista (Iracema 5).

Nesta fala é possível identificar outro traço do amor romântico, no qual a mulher assume uma postura de única, de respeito, quando ela diz não ser mulher de vários homens e de estar procurando um companheiro.

Perguntei, logicamente, porque quando um estrangeiro vem pra cá, pela primeira vez, as mulheres caem em cima (fez gesto com a mão de avançar). Essa é a oportunidade

delas de conquistar um homem, quando ele vem aqui pela primeira vez. Porque não conhece, não sabe como é, não conhece a fama das mulheres, então essa é a chance delas (Iracema 4).

3.3.2.3 Superiores

Esses caras vem pra cá e se acham (Iracema 8).

O problema é que vocês quando chegam aqui, acham que a gente tem que ir, né. Eu não vou porque não quero. Eu deixei ele no chão (Iracema 8).

As relações entre homens e mulheres, na contemporaneidade, principalmente no contexto do turismo ou das migrações transnacionais, como assinala Costa (2005), são marcadas por traços de desigualdades sociais, econômicas, culturais, raça, etnia e poder. No Brasil, este traço cultural é marcante, uma vez que o país passou por um longo processo de colonização. Neste aspecto, as relações sociais construídas na colônia foram pautadas por essas diferenças que continuam ainda hoje. Arruda (1998) observa para o fato de que “apesar da reação de deslumbramento diante da natureza tropical, o conjunto de representações e concepções a respeito da nossa margem do oceano não era unívoco” (p. 23). A colônia não era este paraíso por completo. Existiam índios selvagens e perigosos aos olhos dos estrangeiros, que ficaram horrorizados com as práticas do canibalismo, assim como não existiam produtos que costumavam ter na metrópole como vinho, azeite, trigo e carnes. Desta maneira, a visão do Éden era caracterizada pela dicotomia entre falta, excessos e diferenças, questionando a tão propalada visão de que o Brasil era um paraíso. Ainda hoje essas diferenças são evidenciadas,

podendo ser expressas tanto no aspecto material, da falta de algum produto ou serviço como no aspecto da subjetividade.

Como destaca Iracema 5, eles chegam aqui e acham que as mulheres estão a sua disposição, pensando que todas estão dispostas a namorar um europeu, como se ainda prevalecesse o imaginário colonial. Na atualidade, mesmo em países periféricos, como o Brasil, muitas mulheres têm consciência do seu papel de cidadã, portanto, não assumem postura de submissão. A História brasileira mostra que nem sempre os estrangeiros tiveram o lugar de destaque na cultura do país. Embora Del Priore (2006), admita que, em alguns momentos, foram considerados bons partidos. “Algumas vezes, eram cobiçados como genros” (p. 173). Essa cobiça dependia da condição social do estrangeiro, uma vez que os imigrantes não tinham a mesma facilidade de escolher uma boa esposa, já que queriam escolher moças bancas, as de cor não serviam. Outro agravante era a dificuldade da língua. No caso das mulheres, a situação era ainda mais difícil. “As jovens brancas e pobres que aqui chagavam, embarcadas por vontade dos pais ou do marido para tentar a vida nas fazendas de café, era tão assediadas pelos ‘senhores’ quanto os escravos” (p. 174). Hoje, as relações acontecem de forma mais aberta e menos marcadas por preconceitos sociais ou de raça, embora o sonho de se casar com um estrangeiro ainda permaneça no imaginário de algumas mulheres. No universo de Fortaleza, no qual a procura por relacionamentos com estrangeiros está concentrada entre as mulheres de camadas menos favorecidas, ela ganha destaque social ao casar, mudando a vida, muitas vezes, de toda a família.

3.3.2.4 Sonho de morar fora do Brasil

Alberoni (1988) defende que as pessoas precisam tornar o cotidiano menos duro, para isso, devem criar mecanismos para transformar tal realidade, formada por trabalho, violência e discriminação. Característica importante na fala das minhas entrevistadas é o desejo de mudar de vida, de encontrar alguém para não ficar sozinha. A maioria das entrevistadas confessa ter um sonho: morar fora do Brasil. Elas acreditam que cruzando o Atlântico poderão mudar de vida, alcançando a oportunidade que é negada na sua própria terra natal. E este sonho é acalentado pela possibilidade de encontrar um europeu que esteja disposto a se apaixonar e viver com elas, este tipo de amor marcado pela força de um movimento social, a dois, como constata Alberoni (1988). Para ele, “o amor é também uma luta na qual cada um tenta valorizar a melhor parte de si, aquela que considera mais autêntica, mas verdadeira, que mais deseja ver apreciada” (p. 26), produzindo o que ele chama de “uma geografia sacral do mundo”. Daí, o encantamento com a terra do outro, embora desconhecida. Se, estou disposta a seguir alguém, estou disposta, também, a aceitar ou tentar aceitar as suas diferenças que pelos traços de subjetividade até os culturais e geográficos.

Quando eu tava em Gramado eu falei, pôxa, eu tenho certeza que em alguma das vidas passadas, eu fui européia, eu morei na Europa, porque eu me identifico demais. Eu fiquei super deprimida quando tive de voltar pra cá (Iracema 8).

Eu confesso a você que eu não quero terminar os meus dias com um cearense, pelo amor de Deus, esse castigo não. Mas, se o meu destino for casar com brasileiro, pelo

amor de Deus, já falei com o cara lá de cima, nordestino, não, por favor, não faça isso comigo (Iracema 8).

Eu tenho um sonho na minha vida, porque que eu tenho esse sonho eu não sei. A profissão que eu escolhi. Eu sempre tive fascínio pela Europa, sempre tive fascínio pela situação estrangeira. Tanto em situação do trabalho, como [...] não sei, de repente, eu me encanto mais com os homens de fora, os brasileiros não me encantam, pra mim são pessoas que não me fascinam mais, os homens brasileiros (Iracema 5).

Agora, eu era pra tá, completamente, desiludida, não chegar nem perto de estrangeiro. Engraçado, eu tenho esse sentimento, por isso que eu acho que tá guardado pra mim, vai acontecer, era só questão de tempo, e fora daqui. Eu sei que a minha vida não está aqui (Iracema 5).

Olha, eu sempre tive esse sonho, minha irmã fala, ah! você tá se iludindo, você tá se iludindo, você vai se iludir mais uma vez, você viu o que deu com o Benjamim. Eu vou arriscar e eu quero ser a lenda viva pra registrar essa história, daqui há 20 ou 30 anos, fulana de tal fez isso, isso, isso, quebrou a cara, mas conseguiu. Existe a felicidade, vale a pena, você vai encontrar a pessoa que você quer (Iracema 5).

Eu sempre tive muito fascínio por línguas, fascínio mesmo, desde mocinha. Eu adoro. Eu falo com ele um portunhol misturado com italiano e ele me entende. Eu já aprendi tanta coisa (Iracema 5).

3.3.3 Questões sobre casamento, religião e preconceito

Outra constatação encontrada nas falas das entrevistadas é a disposição para investir nas relações com europeus sempre na perspectiva da criação de vínculos, senão afetivo, pelo menos de um certo compromisso, deixando sempre claro que podem ir adiante nestes relacionamentos, construídos a partir de elementos concretos de seu dia-a-dia, e, não, pautados em idealizações românticas. Confessam ter em mente um modelo ideal de homem, mas se resignam, admitindo que não se pode ter tudo. Para as entrevistadas, não existe o ficar, afirmando que esta posição é vista nas relações com cearenses que não querem levar nada a sério. Elas se referem, quase sempre ao namoro, que pode se transformar numa relação estável, ou, quem sabe, chegar ao casamento, independente do tempo de conhecimento dos dois, idade, classe social ou se estejam realmente apaixonadas. Algumas afirmam ser ótimo quando o europeu se apaixona, justificando que o amar é construído no dia-a-dia, por isso não têm medo de entrar nas relações sem estarem apaixonadas, pelo menos, aos moldes do amor paixão. Neste aspecto, as relações afetivo-sexuais entre homens europeus e mulheres cearenses seguem o modelo do amor analisado numa perspectiva de ação, como defende Costa (2005), ao investigar o romantismo no contexto do consumo nas sociedades contemporâneas.

Para Costa (2005): “Trata-se aqui genericamente das sociedades modernas contemporâneas, marcadas pela compreensão sem precedentes do tempo e do espaço, pela racionalização, impessoalização e desterritorialização das relações sociais, do ponto de vista dos indivíduos, por uma radicalização do princípio da auto-responsabilidade em relação ao próprio presente e ao futuro (p. 112).

Consideramos pertinente a análise do autor quanto à construção do amor no mundo contexto contemporâneo já que, cada vez mais, o sujeito é cobrado no que diz respeito à perfeição no campo profissional pelo mercado, enquanto no amoroso, as escolhas devem ser sempre subjetivas, marcadas pelas emoções, o que parece um paradoxo. Até porque o sujeito amado tem sempre caráter único e diferente de quando se está no mercado de trabalho, no qual não passa de um número. No campo das contradições, os sujeitos tentam construir as suas relações amorosas que, segundo Costa, que de acordo com Alberoni (1988) o amor “está associado a um impulso criativo unido e intenso, sobretudo nas fases mais intensas de sua manifestação” (p. 116).

Nesta perspectiva, o amor paixão de Iracema por Martim, como no romance de Alencar (1865/2006), tem poucas semelhanças com as relações construídas, na atualidade, em Fortaleza, no universo do turismo. Uma das principais diferenças é o próprio espaço no qual estas relações se desenvolvem. Os encontros acontecem em espaços públicos como, bares, shoppings, boates, diferentes da tribo de Iracema, que representava a tribo e a casa da índia. Na atualidade, podem ser vividas até durante uma viagem oferecida pelo namorado, prática bastante comum entre as entrevistadas. A relação é como Costa (2005) define: desterritorializada, no sentido de que há um deslocamento. O amor romântico está presente nestas relações, posto que uma das suas dimensões é a emoção contemplada como as práticas culturais, expressas nas vozes das mulheres ou demonstradas pelo desejo do casamento. Elas não idealizam as relações e nem colocam expectativas, demonstrando assim, que o mais importante é o estrangeiro demonstrar interesse em levar adiante o namoro. Além do respeito e carinho

dispensados a elas que, muitas vezes, não estão apaixonadas, pelo menos, no início da relação.

O que interessa também, além da emoção de construir uma vida a dois, é garantir o futuro que passa pelo casamento com uma pessoa capaz de oferecer a elas uma vida melhor. Embora, é importante ressaltar que o casamento seja uma das maneiras do estrangeiro conseguir sua permanência no Brasil. Daí, como algumas entrevistadas ressaltam, inclusive, uma delas disse ter sido vítima, essa condição pode abrir espaço para que alguns homens europeus utilizem o casamento como uma estratégia para se estabelecerem aqui. Muitas vezes, como uma das entrevistadas declarou, ambos são conscientes da situação. Ou seja, o estrangeiro se casa com a mulher cearense para conseguir o direito de vir ao Brasil e ficar com a mulher que ele quiser, e, ela possa ir para a Europa trabalhar.

Embora tente mostrar um pouco, como as relações amorosas estão sendo desenvolvidas dentro do contexto da contemporaneidade, é importante destacar, também, como as entrevistadas apresentam traços conservadores nas suas falas. Em alguns casos, recorrendo às falas das mães, repetindo ditados populares, fazendo referência ao casamento, deixando claro que apenas o amor, na sua forma ideal, da paixão que perturba, como assinala Giddens (1993) não é suficiente para garantir um casamento feliz e duradouro. *“O amor não resiste à necessidade”*, relata Iracema 5, afirmando que mãe dizia: *“quando a miséria entra pela porta, o amor sai pela janela”*. A partir das falas das entrevistadas foi possível constatar o forte traço de elementos que marcam bem a cultura brasileira, fruto não apenas da miscigenação entre índios, negros e europeus, mas também pelo conservadorismo. A família brasileira que tem como referência o modelo patriarcal conserva, ainda, alguns destes traços: a submissão da mulher ao homem é um

deles. Elas têm como modelos as mães e também encontrar um marido ou um provedor, já que consideram como mais importante a garantia financeira do que estar apaixonada. Mas é este modelo que elas incorporam, por isso sonham em conhecer um estrangeiro ou para sair do Brasil, ou mudar de vida. Elas pensam em construir um futuro e envelhecer com uma pessoa. Elas sonham em casar, ter filhos, e cultivam traços do amor romântico, conforme achado de Piscitelli (2005) ao realizar pesquisa com garotas que freqüentavam a Praia de Iracema. Aliás, o casamento faz parte do sonho de grande parte das entrevistadas, apenas uma disse nunca ter pensado em se casar, por isso, dispensou a cerimônia religiosa e optou pelo casamento civil. Enquanto as outras confessam que não se sentiriam bem se não casassem no religioso.

E pra mim, a maior qualidade dele, é ele ser católico, entendeu, porque uma pessoa que teme a Deus, né, é uma pessoa que tem muitas virtudes e muitas qualidades. Às vezes, eu falo, a gente vai casar no católico, na Igreja, no Brasil, ele, não eu quero. Eu queria muito encontrar um homem que pudesse casar na Igreja porque eu sou católica e tudo e apesar dele ter sido casado com essa mulher, ele nunca foi casado no católico com ela. Eu ser católica e eu conviver com um homem que eu nunca ia poder casar, eu ficar sempre, sei lá me sentindo, como se não estivesse na graça de Deus, como se eu não vivesse abençoada por Deus (Iracema 7).

Eu sempre, sempre idealizei casar só uma vez e ter filhos. Eu acredito no casamento para a vida toda, porque eu acredito no casamento dos meus pais. Brigas de casais todos têm, mas eu acredito no casamento para a vida toda, no amor eterno (risos). O difícil é encontrar. Eu não quero pensar que não vai dar certo, porque atrai. Penso que vai dar certo, que a gente vai ter um futuro muito grande. Eu gosto dele, ele gosta de mim, a gente se combina muito (Iracema 4).

Eu sou muito sentimental, eu sou aquela mulher romântica que gosta de amar, se sentir amada, de viver uma paixão, sentir aquele amor, envelhecer, os dois ali juntos até que a morte nos separe, esse é meu pensamento. Será possível que, um dia, eu não encontre um a pessoa que tenha o mesmo pensamento. A minha mãe costumava dizer que, quando a miséria entra pela porta, o amor sai pela janela. Não tem ditado mais certo. Você pode amar, eu te amo, te amo, eu te adoro, mas deixa a miséria chegar que eu quero ver se você ama e adora. É complicado (Iracema 5).

O que mais quero é pensar no futuro com ele. Quero pensar, um dia, poder construir uma família com ele, tá entendendo. E, pra mim, a maior qualidade dele é ele ser católico, entendeu, porque uma pessoa que teme a Deus, né, é uma pessoa que tem muitas virtudes e muitas qualidades (Iracema 7).

Porque como ele não quer morar na Itália, para mim, é um objetivo que ele vai construir muito fácil. Não que seja fácil vir morar no Brasil, não é isso, as facilidades são maiores para ele, aqui, do que pra mim. As facilidades de construir uma vida, aqui, para mim. É maravilhoso ele vir morar aqui, ele também pensa muito num futuro comigo, fala em casar comigo. Quando ele fala em casar, não fala em casar por casar, porque ele quer vir morar no Brasil, ele quer visto estrangeiro não. Ele fala em casar porque realmente gosta de mim, ele transmite isso para mim (Iracema 4).

As entrevistadas demonstram que ainda acreditam no casamento como uma instituição forte e, para algumas, eterna, como expressa Iracema 4. De acordo com Del Priore (2006), os casamentos não eram escolhidos de forma aleatória. O mais importante era garantir o futuro, por isso “Nada de amor-paixão ou outro sentimento parecido” (p. 108). Em algumas das entrevistadas, é marcante este traço de um amor menos ardente, marcado mais pela racionalidade onde o interesse no

outro, sobretudo no homem, é expectativa de que ele seja o provedor assim como eram os seus pais. Uma das entrevistadas, Iracema 5, era filha de militar, frisa bem a questão do homem proporcionar o bem-físico tanto material quanto afetivo da mulher. Noutras, o traço religioso, quer católico ou mesmo voltado ao espiritual é destacado como importante. Uma delas, Iracema 7, diz que não poderia viver com um homem sem que fosse possível se casar no religioso, por se sentir fora da graça divina. Embora o noivo tenha sido casado, mas, apenas no civil.

No imaginário das entrevistadas ainda permanece uma noção de casamento eterno, mesmo sem estar apaixonada, apenas para garantir a permanência no exterior. Elas querem continuar gozando do *status* que conseguiram junto às famílias. Isso faz com que muitas acabam se resignando tal qual fizeram as mães que aconselham a não abandonar um homem que dá tudo, se referindo à vida material.

Não que eu não queira mais brasileiro, se eu encontrasse alguém dentro do mesmo perfil, mas até o momento, acho meio difícil (risos). Porque a gente sabe que agora tá tão difícil encontrar alguém que queira assumir um relacionamento, queira construir uma família, os homens não querem mais [...] Isso não é só em Fortaleza não é geral, em todo Brasil (Iracema 7).

3.3.3.1 Amores de férias, sem compromisso

Depois desse italiano, eu conheci um português, esse não foi na Internet, eu conheci, aqui, esse português, bonito, rico e safado. Eu namorei com ele, ainda, quatro meses porque ele mentiu pra mim o tempo todo, até me levar lá, quando cheguei lá, foi que ele veio me falar a verdade, que ele era casado. (pausa). Eu fiquei com ele mais de uma

semana, e tudo, e ele foi. A gente ficou se correspondendo, passando mensagem [...] Ah!, ele tá apaixonado por mim, aí, eu fui de férias, quando eu cheguei lá, ele não podia ficar diretamente porque era casado, então, ele teve de me dizer. E eu fiquei num hotel chiquérrimo (Iracema 7).

A fala da entrevistada denota uma contradição no seu discurso, em outros movimentos, quando diz preferir os estrangeiros, no caso, os europeus, por serem sinceros, diferentes dos brasileiros. No entanto, admite que o seu namorado mentiu para ela, sendo casado, o que na realidade, o romance representou apenas um amor de verão, o que para ela, foi encarado de forma diferente. Porém, um traço é verificado no contexto destas relações: o consumo, como destaca Illouz (1997):

Mas enquanto nós compreendemos melhor como o amor romântico tem ajudado a reforçar cada aspecto da ideologia do capitalismo industrial como individualismo, privacidade, família nuclear, e a separação nas esferas por gênero, nós ainda continuamos procurando entender o mecanismo através do qual o amor romântico e a interseção do mercado atual, isto é, como a experiência do amor romântico foi retirada de dentro das práticas econômicas e, de volta, as práticas econômicas foram deslocadas para dentro da estrutura de sentimento” (p. 35).

A socióloga destaca a importância do aspecto do mercado e do consumo nestas relações, principalmente, no aspecto de produtos identificados com a ideologia burguesa citando toda uma rede que se cria em torno das relações afetivas ligadas ao consumo, principalmente o luxo. No discurso de algumas entrevistadas é possível observar a importância dada a este mercado que Lipovetsky (2007) chama de “consumo-sedução” (p. 31). O filósofo francês se refere a um consumo que não serve apenas para suprir uma necessidade física, mas sim dar prazer e proporcionar

felicidade. No caso das relações afetivo-sexuais no contexto do turismo, o consumo usado como forma de seduzir ganha um papel de destaque, já que, ninguém investe em algo que não lhe interessa. O que para o homem que oferta uma viagem com hospedagem num hotel cinco estrelas, ou um jantar num restaurante fino, pode parecer apenas uma forma de exercitar e sentir prazer, para a mulher, isso pode ter um significado bem mais amplo, ou seja, um compromisso. Por isso, muitas mulheres se sentem decepcionadas ou enganadas depois de uma experiência como esta, quando o homem é casado, como relatou a entrevistada.

3.3.3.2 Idade não importa

Acho que ele é diferente pelas atitudes, pelo modo que ele me fala as coisas, pela sinceridade que sinto dele, pelo sentimento que ele prova por mim, é uma coisa bem diferente. Assim, uma diferença que eu sinto, uma confiança que ele me passa. O importante de ele ser um pouco mais velho do que eu, ele tem 45 anos, não interfere em nada. Nunca namorei estrangeiro ou brasileiro mais jovem do que isso não (Iracema 4).

Ela tem 27 anos, mas disse que nunca gostou de namorar homens mais jovens, justificando não gostar de aventuras. Acha que está na hora de encontrar um homem para casar. A maioria das entrevistadas considera que a idade limite para ainda encontrar um estrangeiro para casar é antes dos 40 anos, depois, fica muito difícil. Iracema 6, confessa ter pressa, porque tem 38 anos, caso contrário, só aparecem velhos, disse.

3.3.3.3 Preconceito

O preconceito foi destacado por uma das entrevistadas, Iracema 4, manicure, que mora num município da Região Metropolitana de Fortaleza. Mesmo morando com os pais, ao se referir ao local, dizia, sempre, “*o lugar onde os meus pais moram*”. Para chegar até a Praia de Iracema é obrigada a tomar três ônibus ou passar até por dois terminais de integração, por isso, quando vai sair, fica no apartamento de uma amiga, na Aldeota, bairro nobre de Fortaleza. Afirma que o europeu não tem preconceito como o cearense tem, justificando que um relacionamento pode ser definido a partir do local onde a mulher more. A profissão que a garota exerce, também, é levado em consideração pelo homem cearense, assim como o grau de instrução, para os estrangeiros, estes detalhes não importam.

Porque lá, eles não têm diferença social como aqui. As pessoas procuram namorar com outras que tenham grau de estudo mais alto, já tem um emprego, ou ganha bem ou tem um negócio. Aqui, no Brasil, é muito difícil uma pessoa pobre namorar com uma pessoa rica, aqui é assim, lá não tem essa diferença. Pobre namora com rico, rico namora com pobre, eles vêm para cá para encontrar uma pessoa que realmente goste deles e eles que goste delas, entendeu, independente do que ela faça ou não, não tem essa discriminação da pessoa fazer um determinado tipo de trabalho. Aqui, se você vai para uma festa, um clube de forró, um clube de dança e conhece um rapaz, a primeira coisa que ele pergunta: onde você mora e o que você faz. Se você disser que mora na Barra do Ceará, ela já não lhe quer (Iracema 4).

Aqui no Brasil, jamais um homem na faixa etária e de grau de estudo do meu namorado não se interessaria por mim, se interessaria até, por uma noite, entendeu? Mas, não porque eu seja feia, não porque eu seja pobre, não porque eu não tenha dinheiro, mas

porque a minha classe social é mais baixa do que a dele, infelizmente, essa é a diferença. Se você tem o primeiro grau, se você já fez faculdade, se você não fez, hoje, as pessoas já lhe olham de outra forma, se você já é formada, se já fez faculdade, essa é uma discriminação, entendeu (Iracema 4).

Pra eles, que são turistas, acham que o centro de Fortaleza é a Beira-Mar, tudo é aqui na Beira-Mar, no Iguatemi. Acha que Fortaleza é praia de Iracema, Beira-Mar, Iguatemi e Praia do Futuro (Iracema 4).

3.3.4 Questões sobre sexo, amor, dinheiro e afetividade

Desde sua colonização, o Brasil foi associado a um paraíso onde tudo era permitido. Aos olhos dos colonizadores portugueses, a nova terra descoberta era um ambiente de orgia. Segundo Freyre (1933/2005), “o ambiente em que começou a vida brasileira foi de quase intoxicação sexual”, fazendo referência aos índios. O sociólogo pernambucano afirma que o europeu saltava em terra escorregando em índia nua (p. 161). Com esta visão de que aqui o pecado estava solto, assim como a perversão e luxúria, características de um paraíso descrito pelos colonizadores, foi construída a imagem sexual da sociedade brasileira, principalmente, aos olhos do estrangeiro. Entretanto, é preciso lembrar que há relatos de visitantes da época que consideram que a mulher européia, em especial a francesa era muito mais sedutora com os seus decotes, seus enfeites do que as índias brasileiras que estavam nuas, mas não usavam o corpo como elemento de sedução. Para elas, a nudez era natural. Com a chegada dos escravos negros para o trabalho na colônia, as mulheres negras, passaram a ser vistas como os novos objetos de sedução, sendo usadas para a realização dos prazeres dos senhores de engenho e de colonizadores

que se serviam como bem queriam das escravas, marcando bem o processo de submissão da mulher dentro da sociedade brasileira. Não se pode negar a questão do poder na construção dessas relações. O resultado do cruzamento das três raças, uma delas, a mulata, virou produto de exportação nacional. É preciso esclarecer que, não se tratava de uma Sodoma tropical, como parecia à primeira vista, aos olhos dos colonizadores, já que os índios tinham as suas regras, portanto, a construção da sexualidade brasileira, cujos traços estão presentes até hoje, foi marcada pelas noções de que tudo era permitido. Conforme Parker (1991): “a ênfase nas mulheres nativas, nos prazeres e produtos de seus corpos, em sua sensualidade incontida e sua facilidade em seduzir o macho europeu é crucial na configuração dos mitos de origem do Brasil” (p. 39). E o mito continua, servindo de vergonha, principalmente, quando se trata da construção da imagem da mulher brasileira, tidas como “vulcânicas”, “fáceis”, de acordo com as falas das entrevistadas.

Como destaca ainda o antropólogo, ao se referir ao imaginário sexual brasileiro de que tudo pode entre quatro paredes, é possível perceber que a sua sexualidade foi marcada por três elementos: os indígenas, os negros e os europeus que por aqui chegaram trazendo na bagagem noções de civilização, já que viviam sob regras rígidas na Europa. Para Parker (1991):

Então, para começar a entender o caráter da vida sexual no Brasil contemporâneo, é preciso confrontar tanta a grande importância que os brasileiros dão ao sexo nas suas interpretações sobre si próprios como povo, mas também as ambigüidades fundamentais que essas interpretações codificaram (p. 23).

Neste sentido, chama a atenção para o que existe realmente de verdade e de mito ao se falar sobre o caráter da vida sexual de um povo que é apresentado como sedutor, quente, capaz de povoar o imaginário do estrangeiro. Mas até que ponto a história não poderia ser contada de outra forma, caso tivesse sido dada a versão do homem nativo, este sim, um dos responsáveis pela formação da cultura brasileira juntamente com o negro e o português. Até para contar a nossa história mais íntima foi preciso recorrer a um terceiro, no caso o invasor, como denomina Ribeiro (2006). Isso faz com que Parker (1991), acrescente: “Muitos dos temas principais que vão marcar o discurso sobre o Brasil e os brasileiros através da história estão presentes nas mais remotas descrições européias do estranho mundo novo dos trópicos”. É importante destacar até que ponto essa visão do Brasil como a terra do sexo, o Éden ainda permanece no imaginário do estrangeiro que por aqui aporta, uma vez que as matrizes desta sedução foram índias e negras, dois sujeitos que sentiram na pele a violência do colonizador. As negras, principalmente, nunca podiam dizer não.

Eles são muito melhores, sexualmente, eles não procuram, eles dão sempre o que eles há de melhor, porque eles sempre esperam que o amanhã pra eles aconteça. E, o amanhã pra eles vai acontecer se forem bom de sexo, porque bom de dinheiro, isso não é mais primeiro plano, mas se eles forem bom de sexo, isso conta 80%. Porque sexo não é tudo, mas é uma coisa que segura, e se você souber lidar, se você souber fazer a coisa certa dura muito tempo, muito tempo mesmo. Mas eles não usam o sexo como os brasileiros. Os brasileiros usam sexo por usar; eles usam o sexo por amadurecimento, por prazer também, mas é um prazer espiritual, não é um prazer carnal. Porque quando ele encontra [...] porque existem muitos deles que vêm para cá e eles vêm a procura [...] os que encontram sexo carnal, eles não sabem o que é o sexo espiritual, mas quando eles encontram um sexo carnal juntamente com o espiritual, eles não querem mais

deixar, porque é o que eles procuram, é a cara metade dele, é o que nós chamamos de cara metade, o que todo diz: a minha alma gêmea, né? (Iracema 6).

São mais carinhosos, são atenciosos, mesmo que eles não sintam nada com você, mas naquele momento, eles são eles. Eles não vêem o sexo como uma descarga elétrica, eles vêem o sexo como um prazer corporal, como um bem-estar, isso, se a mulher souber fazer, se torna um prazer mental, prazer mais profundo (Iracema 6).

Quando eles vêm pra cá, que eu conheço muitos países e, lá, o Brasil é apresentado como o país do sexo, mas não é isso, é o país da mulher. Eles vêem aquela propaganda, não é o país do sexo, porque sexo, eles têm lá, eles têm lá, eles só pagam um pouco mais do que pagam aqui, mas sexo, eles têm lá. Agora, aqui, as mulheres, mesmo sendo pagas, elas mostram afeto, elas mostram sentimento. Elas não mostram só aquela [...] o trabalho, elas não trabalham. As brasileiras não trabalham mesmo, sexualmente, elas são (pausa) é [...] terapeutas deles e, com isso, elas ajudam eles muito. Não é só essa de, ah!, o gringo vem aqui atrás de sexo. Na mentalidade dele, ele vem aqui atrás de sexo, sim, mas o sexo melhor do que lá, que é o sexo com uma mulher, não o sexo com uma vagina, digamos assim, de um modo bruto, né? (Iracema 6).

O que se pode observar no discurso da entrevistada, a qual denominei Iracema 6, é uma contradição no que diz respeito ao Brasil ser o país do sexo, já que ela diz que os homens europeus são sexualmente melhores do que os brasileiros. Ela destaca características mais subjetivas do que buscam no sexo. Não se trata apenas de um prazer como descarga de energia, querem mais. É que ela chama de sexo espiritual. Além de serem mais carinhosos e atenciosos, mesmo quando não sentem nada, ou seja, quando estão usando um serviço sexual. Sem

contar com o fascínio que existem em torno do estereótipo do homem estrangeiro: branco, alto, olhos claros, forte, e que sabe respeitar a mulher independente da sua condição social. Eles sabem mesclar os elementos do amor-paixão com o amor romântico, fazendo a mulher se sentir amada, mesmo quando está fazendo um serviço sexual em troca de dinheiro ou de um presente. A sutileza é outra marca deste homem que não paga o serviço, mas dá o dinheiro para que ela pague o táxi para casa. Ela fala que o Brasil não é o país do sexo, mas da mulher, sendo este último o atrativo maior aos olhos dos estrangeiros, porque eles têm sexo lá também.

Para mim, o amor ideal é quando você tem um grande amigo com quem você faz amor. Acho que deve ter amizade acima de tudo, mas que também que realize a parte sexual (Iracema 2).

Eles se apaixonam. Eu conheço muita gente que se apaixonou e tem filhos, tem família e não se arrepende. E muitos deles casaram com garotas que fazem programa, que eles tiveram que pagar pra ela, no primeiro dia, e, no segundo dia, eles viram que não era aquilo, que tavam gostando, que era a pessoa certa, a pessoa ideal, e que poderia construir uma coisa de bom, de melhor, de saudável, né, uma coisa saudável. Pelo menos, os solteiros que eu conheço, hoje em dia, poucos dele, nesses meus anos todos de convivência com estrangeiros, os solteiros que eu conheço poucos eles são solteiros, hoje em dia. A maioria se casa (Iracema 6).

Tem outro detalhe dele que é muito importante também. Ele não é aquele homem que fica em cima de mim atrás de sexo. Se ele fizer hoje, tá bom, se não fizer, só dormir comigo ele já tá feliz, entendeu. Quando ele veio, em novembro, no dia que ele chegou eu passei ainda dois dias pra fazer amor com ele, pra ter relação com ele, depois que ele chegou de viagem. Eu vejo como um ponto muito positivo pra mim. Quando eu viajei pra

lá, que eu tava de férias, a gente passou 15 dias, toda noite, entendeu a gente namorava e fazia relação antes de dormir (Iracema 7).

Muitos deles, eu conheço, eles levam com uma semana, alguns. Eu conheço gente que já levou no outro dia e tão casado até hoje. Eu conheço gente que levou com uma semana e tão casado até hoje. Eu conheço gente que levou e não tão casado, porque não deu certo. Mas isso não foi culpa dele, isso foi culpa da mulher brasileira (Iracema 6).

Porque, até neste aspecto sexual, você tem que rezar, para encontrar alguém que seja correto. Ele vivia falando que as mulheres brasileiras são vulcânicas, até nisso você tem que dar graças a Deus. Mas ele diz, não, eu encontrei um tesouro (Iracema 2).

Quanto a isso, minha filha, não muda nada, não mudou nada, cada vez é melhor, fora a convivência. Essa questão de amor, de sexo, essas coisas, cada dia faz é melhorar. Essa história de esfriar, de deixar, de ficar, não existe. (risos). Nessa parte não existe. É só mesmo o estresse da convivência, do dia-a-dia (Iracema 3).

Embora a ênfase maior das relações vividas pelas minhas entrevistadas seja o aspecto prático, ou seja, encontrar uma pessoa que possa oferecer além de satisfação sexual, uma condição de mudar de vida, elas também querem emoções, por isso, a maior parte confessa ser romântica e acreditar no amor. Não naquele amor do tipo paixão, que fica apenas no campo da idealização. Elas são racionais e sabem que precisam procurar para encontrar o homem que desejam para realizar o seu projeto de vida. Embora conscientes da dificuldade de encontrar o homem que desejam, não desistem. Por isso, as relações afetivo-sexuais vividas por estas mulheres são caracterizadas pelo tipo de amor ação. Elas não escondem o lado

romântico, assim, definem as relações como troca de carinho, de afeto e amor, que segundo elas, vai surgindo aos poucos, numa construção do dia-a-dia. Como destaca Piscitelli (2007), as mulheres pesquisadas em 1999, que foram para a Itália com seus namorados, conservam a noção do amor romântico herdado das mães. Diferente do amor-paixão vivido por Iracema, na visão de Alencar, pelo guerreiro branco, as mulheres cearenses que se relacionam com estrangeiros querem segurança, respeito, carinho e amor, só que a sua maneira.

Para Bauman (2004), “amar é assinar um cheque em branco” (p. 22), afirmando que sem humildade e coragem não há amor. Conforme o sociólogo polonês, estas são as principais condições exigidas para que duas pessoas possam realizar o projeto a dois, viver uma relação amorosa. No contexto contemporâneo, o exercício pleno do amor se torna uma conquista cada vez mais difícil, já que poucos querem arriscar dar um voto de confiança a alguém. Diferente da sociedade dos bens materiais, não há devolução no campo do amor, caso a relação ou o objeto amado não seja correspondido. Assim, não existem garantias. Por isso, o amor oferecer medo, já que as pessoas não estão dispostas a sofrer ou se arriscarem. As mulheres entrevistadas nesta pesquisa, elas confessam que preferem investir em algo certo a perder tudo o que já construíram. É dessa forma que se referem aos seus relacionamentos construídos de maneira racional. Algumas dizem que se policiam, para se apaixonarem, temendo o sofrimento.

É como eu te falei, gosto muito, muito dele, assim cada dia mais. Eu acho que não tem mais assim mais motivo pra ta procurando nada, porque a gente não pode ter tudo né? (Iracema 7).

Segundo ele, foi amor à primeira vista (Iracema 3).

Na questão da afetividade, ele não é uma pessoa de demonstrar em público, acho que é uma coisa cultural, o brasileiro é mais expansivo. Na Europa, você não vê o povo se beijando no meio da rua, como se vê aqui, como é uma coisa normal (Iracema 1).

Acho que a afetividade está muito ligado á atração sexual, eu acho (ri). Aliás, amor é formado por sexo e afetividade. A atração, primeiro, é uma coisa física, química, a questão da afetividade é que vai sendo construída no dia-a-dia, no companheirismo da pessoa (Iracema 1).

A gente começou a namorar por brincadeira, porque eu não tava apaixonada, não, aí, as coisas foram acontecendo (risos). Agora, acho que já to é desgostando (risos). Quando ele disse que tava apaixonado por mim, eu fiquei rindo da cara dele, eu não acreditava (Iracema 3).

Quando eu conheci ele, nem esperava que ele fosse gostar de mim, que fosse mandar dinheiro, que ele fosse voltar para ficar comigo, as coisas foram acontecendo, naturalmente, aconteceram, ficamos, casamos. Quando chegou na Suíça num dia, no outro dia, ele mandou um dinheiro pra mim, disse que foi o que eu tinha gastado com ele, no Morro Branco, não sei que [...] Aí ficou me mandando dinheiro todo mês, sabe, eu não esperava isso dele (Iracema 3).

Ele me estressa, me estressa mas, não gosto de dormir sozinha, não; gosto de dormir agarradinha dele, cheirando o pescoço dele (risos). Mesmo que a gente esteja super chateada, emburrado pro meu lado, mas na hora de dormir, já tem o costume da gente, primeiro, um joga o braço em cima do outro, outro se abraça, quando dá fé, a gente ta lá, agarradinho, dormindo (Iracema 3).

E esse rapaz que eu conheci agora, o nome dele é Antonio, ele falou que lá em Portugal, lá na Europa, Fortaleza tá muito mal falada. Só o que tente ouvir é que tem mulher fácil [...] diz ele, não sei até onde é verdade. Ele passou 15 dias aqui e disse que não veio atrás de mulher pra sexo. Eu não pago mulher pra ir pra cama, não. Eu falei, mente que eu gosto (Iracema 8).

Depois que voltei de viagem eu já chorei com saudade dele, entendeu, porque antes de eu ir eu não tinha, fazia pouco tempo como eu te falei. Mas vai dar certo (Iracema 7).

O pensamento de algumas entrevistadas remete ao de suas mães ou das avós, principalmente, quando o assunto é casamento, compromisso. Conhecer a família é muito importante para elas, porque cria o compromisso. Disse que ficou decepcionada com um namorado suíço que não quis passar o Natal em casa, com sua família. Ela disse que passou quase três meses com ele, que estava de férias em Fortaleza.

Rápido ele quis conhecer meus pais e minha família isso me deu mais segurança, entendeu, para você não acabar criando uma expectativa naquilo que não existe, como você acaba criando. Ele não, me deu segurança quando ele quis conhecer meus pais, foi muito bom, convidou eles para jantar, foi até a casa deles, apesar da gente ser, somos muito humildes, sabe, não temos frescura com nada, não temos vergonha de nada, então, eu acho que ninguém deve esconder o que realmente é, esconder sua origem, isso me trouxe mais tranquilidade, entendeu, nunca precisei esconder de ninguém quem eu sou, de onde eu venho, nada. Tem gente que inventa história. Quando um namorado seu quer conhecer a sua família já acha o quê? Que quer uma coisa mais séria, não vai achar que depois vai sumir, ou então vai brincar com você ou com os sentimentos (Iracema 4).

3.3.4.1 Meu namorado

Faz um mês que conheci o meu namorado atual, no Pirat. Foi uma coisa que eu não esperava. E eu tô vivendo essa história, tá me fazendo bem, me sinto bem, ele me faz feliz, agora, eu não sei, é um risco. Ele está te convidando para ir? Convidando? Ele vai comprar a passagem amanhã. Ele quer que eu vá. Por ele, eu ia era agora, prendia o avião era amanhã. É um risco. Posso me dar mal, posso (pausa) (Iracema 5).

Ele me parece ser uma pessoa, muito simples, e ele me falou, eu não tenho estudos, tenho o segundo grau, nunca gostei de estudar, trabalho desde os 16 anos de idade. Ele nunca disse diretamente para mim em que é que ele trabalha, ele falou assim, eu trabalho com vendas, eu trabalho em feiras, vendendo. Pra mim, ele é feirante (Iracema 3).

3.3.4.2 Amores sem idealizações

Eu fui pra Roma, eu conheci o Luigi em fevereiro deste ano, uma sexta-feira de carnaval. No início, foi só amizade, aí, depois, ele começou a demonstrar interesse. Eu tava muito carente de sentimento, sem emprego, esse ano tá sendo muito difícil pra mim, profissionalmente, eu iniciei o ano praticamente sem emprego, eu falei, sabe de uma coisa, vou viver, e vivi. Aí, ele foi embora em fevereiro, em junho eu tava em Roma, ao encontro dele. Fui consciente de que ele é um homem casado, que não vai passar mais de que um encontro, não ser mais do que um encontro, eu tive essa capacidade emocional fria de pensar. Você quer ir pra Roma? Quero. Ah!, você quer conhecer a Europa?, ótimo, você vai ter que ter consciência disso aqui. Vai correr o risco? Depois não chora, se chorar tenha consciência da lágrima, como eu sou hoje, depois do que eu passei (Iracema 5).

Na fala da entrevistada, fica claro que as relações afetivo-sexuais vividas pela maioria das entrevistadas estão mais voltadas para a satisfação de um projeto de vida, pode ser: realizar o sonho de viajar para a Europa, se hospedar em bons hotéis, fazer uso de benesses, casar ou conseguir uma maneira de sair do país. Elas servem para abrir fronteiras e até de mudar de lugar. Não se trata de enganar, mas de ter consciência e traçar um projeto de vida. Como o relato de Iracema 5, estava ciente do risco e de que poderia sofrer.

3.3.4.3 Desejo masculino

Todos os homens dizem que nunca saíram com garota de programa, mas enfim, na minha concepção, acho que todo homem, se ainda nunca saiu, o que é muito difícil um homem nunca ter saído com uma garota de programa, não existe este homem. E se ele nunca saiu, um dia, ele vai sair, infelizmente, o meu conceito de pensamento é esse. Porque todo homem sendo jovem, adolescente, todos eles têm um desejo de conhecer como é uma prostituta na cama, então, acho que é o desejo de todo homem, infelizmente, é isso. É tanto que as mulheres, hoje, depois de tantos anos de casadas, fazem fantasia de prostituta. O que é isso? É um desejo que o homem tem de sair com uma mulher, infelizmente, que não é sua, de pagar (Iracema 4).

O que a entrevistada cita como um desejo ou um fetiche masculino, sair com uma garota de programa é algo que fica no campo da intimidade, uma vez que, ela justifica que todos os homens negam terem concretizado tal desejo. Vale destacar que das seis entrevistadas da pesquisa, que confessam sair com estrangeiros, apenas uma, denominada Iracema 6, deixou transparecer, mas de

forma discreta que faz programas. No entanto, em movimentos de sua fala, se referem àquelas que só estão interessadas em dinheiro, se referindo às garotas de programa. As demais, mesmo saindo com estrangeiros europeus, não se consideram garotas de programas, por não cobrarem. Mas também não fazem o tipo de dividir a conta. Elas associam três categorias: garotas de programa, prostituição e turismo sexual e não querem se enquadrar em nenhuma delas. A colaboradora Iracema 4, prefere chamar de “sobrevivente”, justificando que muitas vão fazer programas devido à falta de oportunidade no mercado de trabalho ou pelo ganho fácil, como destaca Iracema 6, ao se referir ao assunto.

No discurso da entrevistada Iracema 4, é possível perceber outro traço do amor romântico, quando ela diz que todo homem tem o desejo de sair com uma garota de programa ou prostituta, ficando clara a diferenciação entre o comportamento sexual dispensado pelo homem à esposa ou namorada. Del Priore (2006) lembra que nem sempre a mulher gozou do direito sobre o seu corpo, sendo negado o prazer sexual. Seu campo de atuação era restrito: a casa e a igreja. Justifica que à mulher cabia o recanto, portanto, sexo só para procriação e, à amante, o prazer. No Brasil colônia, o senhor de engenho tinha o sexo comportado com a sinhazinha e a orgia na senzala. No mundo contemporâneo, os chamados paraísos sexuais servem para as práticas extraconjugais de sexo. Muitas vezes, servem para oxigenar matrimônios, sobretudo aqueles que resistem ao tempo. Conforme Simmel (2001), “num ponto, não há ilusão alguma a se ter: enquanto o casamento existir, a prostituição existirá” (p. 10). Nem mesmo a revolução sexual conseguiu dar um basta à prostituição, contrariando a tese do pensador alemão de que só com o amor plenamente livre, a prostituição seria banida da sociedade. Ela está relacionada às condições sociais, econômicas e de comportamento de uma

sociedade, marcada pela desigualdade e pelo consumo, na qual os bens tanto materiais quanto simbólicos viram mercadoria de troca. As relações afetivo-sexuais acabam também entram neste contexto, assim como o próprio trabalho. Só que estas relações se tornam mais complexas quando são deslocadas para o campo da afetividade, uma vez que é difícil mensurar quanto custa um carinho. É quando Baudrillard (2007) se refere ao universo da troca simbólica que ele compara a um jogo: “O jogo faria parte dessa mesma forma de troca, na medida em que nele o dinheiro não tem mais valor fixo, pois está sempre repostado em circulação, segundo a troca simbólica - que não é, obviamente, a lei moral” (p. 19).

Para o filósofo francês, nessa regra simbólica, o dinheiro ganho não deve retornar, mas ser transformado em valor de mercado numa relação de simbiose do próprio jogo. Ele estende essa relação ao corpo que não tem mais um estatuto individual ou único. “É uma espécie de substância sacrificial que não se opõe a qualquer outra substância, como a alma, ou a qualquer outro valor espiritual” (p. 20).

3.3.5 Questões relacionadas ao contexto do turismo e ao “choque cultural” com a Europa: como elas vêm o Brasil e a miscigenação

Embora minha pesquisa não tenha como foco turismo sexual, é importante levar em consideração a vocação turística que tem a cidade de Fortaleza, principalmente a sua incursão na rota do turismo internacional, a partir dos anos 1980. Por isso, a pesquisa envolve também este universo, na medida em que entrevistei mulheres que frequentam locais em Fortaleza caracterizados pela presença de turistas estrangeiros, em especial homens europeus. O turismo sexual não é um fenômeno novo e nem pode ser considerado como um segmento a mais

da atividade turística, mas como uma deformação. Conforme Bem (2005), “em relação aos países receptores, pode-se afirmar que as políticas de turismo adotadas por muitos deles agem como fatores que contribuem para estimular o turismo sexual” (p. 91). Das oito mulheres entrevistadas, apenas uma afirmou não frequentar os locais considerados de concentração de estrangeiros, em Fortaleza. As demais costumam circular, mesmo depois de estarem comprometidas com namorados ou noivos europeus, locais como restaurantes e boates localizados na Praia de Iracema, além de barracas da Praia do Futuro. Conforme Piscitelli (2007), que acompanhou a trajetória de algumas dessas mulheres tanto aqui quanto na Itália, muitas casaram com namorados que conheceram durante programas. O primeiro contato pode ser um programa pago com dinheiro ou com um presente. Outro recurso utilizado, atualmente, tanto por homens estrangeiros quanto por mulheres cearenses são os sites, de relacionamentos da Internet. Aliás, a única entrevistada que não conheceu o seu namorado no contexto do turismo, em Fortaleza, foi através deste recurso tecnológico. Outras três entrevistadas, mesmo frequentando locais de concentração de estrangeiros, afirmam ter conhecido seus namorados lançando mão a esses recursos da tecnologia da comunicação e informação.

Nenhum vem aqui aleatoriamente. Nenhum vem aqui para passar férias, nenhum [...] Ou vem pra esquecer alguém, ou vem pra encontrar alguém. Ele não vem aqui pra sexo, porque sexo é uma coisa que eles têm, por mais que eles digam, ah!, eu to aqui só por sexo, isso depende muito das mulheres ou da mulher que eles estejam. Se a mulher que ele está, agir com ele profissionalmente, ele vai pra uma boate fechada. Se ele é um homem casado, ele vai procurar uma coisa que não comprometa a estabilidade dele, mas é muito raro um homem casado, a não ser que ele venha a trabalho aqui, mas de

férias, não. Eu desconheço homens casados de férias que venham aqui atrás de sexo, eu desconheço. Os solteiros, eles vêm à procura da cara metade deles (Iracema 6).

O que eu quero bem ressaltar, é que, esse turismo sexual é ocasionado pela falta de oportunidade que, nós mulheres, temos aqui, porque a mulher na Europa, ela é valorizada. E, aqui, ela é menosprezada. Aqui, a mulher é feita pra parir e pra casar. Na Europa, ela é feita pra progredir, pra realizar, pra concretizar, pra ser um ser melhor, um ser superior (Iracema 6).

E têm outros que vem aqui só para fazer sexo mesmo, só pra balada, só para esse tipo de coisa. Vem só curtir mesmo, e promete mundos e fundos e, depois, some, desaparece. Agora, também, têm os outros que vem para a festa e, de repente, acontece de se apaixonar, né, apaixonar e querer formar uma vida e fazer uma família. Hoje, tá mais difícil, há uns anos atrás era mais comum, né chegar, se apaixonar e ficar (Iracema 3).

Aqui é o paraíso para eles. Tantas mulheres bonitas dando sopa para eles, se tiverem dinheiro, qualquer uma topa. Aqui é o paraíso para eles, tem muitos que nunca viram mulher. As mulheres de lá acham eles feios, não tem dinheiro (Iracema 4).

Esse português que eu conheci, recentemente, já foi: olha, vamos ficar mais a vontade [...] Não é assim não, depois de lhe satisfazer, tchau, foi um prazer. Eu fico triste porque eles vêm pra cá, só pra passear e vão embora, deixa na saudade, aí, você se desanima. Eles não se envolvem. O que acho mais interessante é a frieza deles (Iracema 8).

É importante ressaltar que muitos estrangeiros chegam aqui, pela primeira vez, na condição de turistas, mas estão mesmo interessados em trocar de status social. Este argumento ficou claro na fala de duas entrevistadas. Numa delas, o seu

namorado deixou claro a intenção de investir no Brasil, por considerar um país em fase de desenvolvimento. Outro, que era operário, acabou ganhando aqui status de professor de francês, o que lhe possibilitou o contato com a academia. De acordo com Bauman (2005), algumas regiões do Planeta estão sendo consideradas como destinos naturais para a exportação do que ele chama de “pessoas redundantes”, se referindo à mão-de-obra excedente gerada pelas transformações socioeconômicas ocorridas no mundo nas últimas décadas, fazendo que com que postos de trabalhos desaparecessem. São os turistas da vida ou os empregados tecnológicos, ou seja, aqueles que não foram absorvidos pela revolução tecnológica como assinala Bauman (2005). Alguns, temendo “serem abandonadas, sem acesso a um coração afetuoso ou uma mão amiga, e sentem muita falta do calor, conforto e segurança do convívio” (p. 53). Assim, procuram não mais a expansão territorial, como fizeram em outras épocas, mas buscam algo subjetivo que passa pelo campo da afetividade ou pelo sonho de construir uma nova identidade ou encontrar um porto seguro.

Ele veio, não tinha nenhum atrativo, gostou muito das praias, né, do embalo da noite aqui de Fortaleza que são vários que tem. Mas ele não veio para isso, para divertimento. Ele veio para descansar e procurar uma coisa para investir aqui, neste período em que eu estava na Itália Ele acha que o Brasil está em processo de progredir, acha que falta muita coisa ainda aqui no Brasil, que é um país do futuro. Mas o futuro não chega, quando é que chega. Vai para os nossos netos (Iracema 4).

Construir uma profissão foi super difícil. A formação dele lá era em mecânica, curso técnico. Mas ele não tinha experiência na área de mecânica porque trabalhava com instalação de rede elétrica, não lembro como ele entrou nessa área. E, aqui, não sabia o que fazer. Tentou abrir uma empresa de prestação de serviço porque as normas técnicas todas eram diferentes de lá. Então, ele desistiu, aí, ele voltou para a França para

trabalhar uns seis meses. Veio, novamente, como não estava dando certo aqui, voltamos para lá onde ficamos um ano, juntos, trabalhando os dois, e guardando dinheiro para montar um negócio aqui. O objetivo era esse, porque ele não tinha uma profissão aqui. Quando a gente retornou, a gente abriu uma lanchonete que também não deu certo, lógico, nenhum dos dois tinha experiência nisso, e só durou um ano, depois fechou. E, nessa época, ele começou a ensinar francês, surgiu essa oportunidade numa escola para ensinar a uma turma de conversação. E, aí está ensinando até hoje, faz 12 anos, aí deu certo (Iracema 1).

Então, muitos deles vêm para cá, esse é o refúgio deles, e, muitos deles, essas garotas se enganam muito porque muitos deles são garis, são operários, e eles passam de dois anos sem ter férias, para poder ter essa vida de rei que eles têm aqui, mas quando eles vêm, eles passam dois meses ou um mês e meio, depende do lugar que ele vá, depende do que ele vá fazer, né, então (Iracema 6).

Mas também, muitos deles enganam elas. Porque eles vêm aqui, ai, né, se põem de rei porque gastam uma noite toda, levam pra bons restaurantes, alugam carro, vai pra bons hotéis, aí eles ficam mandando um salário mínimo pra elas, porque pra eles não é nada, não chega a ser nada pra muitos deles, e, elas acham que eles têm uma vida de rei. Só que a realidade é bem diferente (Iracema 6).

Quando eles encontram mulheres aqui, não interessa o que ele faz. Conheci muitos jovens, mulheres e homens, jovens e adolescentes, que não ficariam com um rapaz que era pedreiro, pintor, é como aqui. Mas lá para elas ficarem, eles têm que ter mais dinheiro. Pedreiro, mecânico e pintor podem frequentar a mesma sociedade de quem tem dinheiro, não vai com muita frequência, quem não tem dinheiro, aqui, não. Aqui, as mulheres acham que eles têm dinheiro, essa é a diferença. Elas idealizam aqui, elas procuram um homem estrangeiro, um turista, que moram fora, que vão dar uma vida

melhor do que a que elas têm aqui, o que, infelizmente, é verdade, né ? Para eles, aqui é um paraíso e muitos já têm namorada (Iracema 4).

Ele não queria morar na Suíça, ele queria viver aqui no Brasil, agora, tá querendo, né, que eu vá morar na Suíça, com ele, no próximo ano, mas [...] porque fica difícil aqui, não tem trabalho para eles. E essa parte é mais difícil, porque, se você tem uma pensão para receber todo mês, aí pronto, fica despreocupado, porque o dinheiro tá vindo de lá todo mês, mas, se não tem.. Aqui não tem trabalho para estrangeiro, não tem negócio que abra, dá certo um mês, dois, três, depois, acaba, não existe. Ele não se mete no bar, não gosta de bar, não bebe. O negócio dele é mato e bicho (Iracema 3).

Vou fazer o quê na Suíça? Sair da minha casa, do meu negócio pra ir trabalhar de faxineira na Suíça, eu não vou. Limpar chão dos outros, não dá, não troco minha vidinha aqui para limpar chão de ninguém na Europa, não (Iracema 3).

Vou arranjar um emprego lá, cuidar do visto, tudo isso. Ele já está procurando. No começo, o que aparecer de trabalho, vou querer, até mesmo noutra área, porque, aqui, trabalho com orçamentos, numa empresa. É uma opção, né, porque a gente vê que realmente não dá para continuar longe a gente está com um tempo recorde. Eu vou pra lá. Não tem condição de ele vir pra cá, por conta da adaptação, porque aqui não tem muita segurança (Iracema2).

Ele ficou três anos sem voltar na Suíça, quando ele voltou, em março, para ele conseguir um emprego de pintor, passou três meses e ele é suíço, agora pense [...] (Iracema 3).

Aos olhos dos colonizadores, a cultura brasileira foi marcada pela liberdade. Dessa maneira, o encontro entre europeu e brasileiro, continua apresentando o que se costuma chamar de choque cultural. De acordo com Pereira

(2006), os primórdios de nossa civilização estão marcados por este encontro histórico e mítico entre o branco feio, sujo e malvado que goza dos corpos das índias, limpos, bonitos e sensuais. Em outras palavras, o gozo, o prazer marca a história da colonização brasileira que ficou conhecido como paraíso onde tudo pode. Até hoje, essa imagem é difundida lá fora. No caso das mulheres, muitas vezes, a associação com o sexo fácil chega a ser constrangedor, fazendo levar a crer que o Brasil é um imenso corpo, pronto a oferecer prazer. O choque cultural representado pelo encontro travado no dia a dia entre mulheres cearenses que se relacionam com homens europeus é inevitável, uma vez que, apesar de terem encontrado um amor, uma companheira que os satisfaçam afetivo-sexualmente, o mesmo não acontece nas relações de trabalho, de amizade ou quando procuram utilizar os serviços. Segundo relatam algumas entrevistadas, o caráter introspectivo dos companheiros, é herança de uma cultura caracterizada pela falta de carinho, desde crianças. Outras acham que seria até mais fácil conviver com um homem nativo, alegando que sabem o que estão sentindo e porque ficam chateados.

Agora, a relação com estrangeiro é muito diferente e complicada,, porque quando eles estão lá, no país deles, é uma pessoa, aqui eles não aceita tudo daqui. Quando ele chega de viagem quer que as coisas funcionem aqui do jeito que funciona na Suíça, eu digo, aqui é Brasil, aqui não é Suíça. Horário, pessoal chegar, falar, bater na porta, pedir uma coisa, pedir outra, um entra e sai em casa, lá não existe isso, e é muito complica. Às vezes, eu acho que ainda é mais fácil de conviver com um brasileiro do que com um estrangeiro. Porque brasileiro a gente briga, quebra o pau e se entende. E, esses uma hora tá tudo bem, quando de repente ta, de cara amarrada, aí, sem saber o porquê de estar com raiva, vem o estresse por qualquer coisa. Mas na parte de carinho, é carinhoso, mas na hora que ta com raiva, acho que tudo é igual, não tem essa história de diferença cultural não, abrem a boca e falam tudo [...] Quando a gente só namora, é

maravilha, é maravilha minha filha, não existe nada de melhor (fala com entusiasmo), mas depois que casa, começa a conviver, vem os filhos, é o estresse de todo casamento, de todo mundo de todo casal, não existe. O confronto é igual, não tem diferença, porque na hora que estão com raiva, não tem diferença porque quando tão com raiva, ficam com raiva do mesmo jeito. Só que o brasileiro é assim, fica com raiva e a raiva passa mais rápido, às vezes, fica com raiva mais tempo (Iracema 3).

O choque cultural qual é? Ela indaga e responde em seguida. É no caso ele, deixou o seu país para vir morar aqui no Brasil, pra viver com uma brasileira, o processo de adaptação é muito lento para ele, principalmente, em nível profissional. E, ou o contrário, quando a brasileira sai daqui, vai casar com um estrangeiro, que deixa o seu país, para tentar se adaptar lá, também eu acho que o choque cultural é também no mesmo nível. Mas eu acho que é mais fácil nós, brasileiros, se adaptar lá, do que eles, aqui. O meu pensamento é este (Iracema 5).

Mas a gente tem brigas e desentendimentos. Acho que não seja pelo fato da cultura, porque, afinal de contas, não é muito diferente o francês porque é ocidental, de qualquer forma, temos uma cultura ocidental no Brasil, diferente se fosse um islâmico, um hindu, aí seria uma diferença radical. Eu acho que o problema, a dificuldade do estrangeiro, no caso a vivência dele, é o dia-a-dia, o cotidiano no Brasil, como por exemplo, a falta de respeito às leis, ele sente muito esse choque da cultura, o comportamento das pessoas (Iracema 1).

A gente consegue sobreviver sem o dinheiro, mas a européia, ela não consegue sobreviver sem o dinheiro. E, nós, conseguimos sobreviver sem o dinheiro, mas com um homem, ela não consegue sobreviver sem o dinheiro com o homem, isso é o que nos diferencia delas (Iracema 6).

Uma vez, um italiano me comentou, que a diferença da mulher brasileira que fascina eles, é que elas conseguem ter sentimento, sem ter interesse financeiro, a maioria. Ela deu a entender que todas as mulheres européias é só interesse financeiro, o sentimento praticamente quase não existe (Iracema 5).

Engraçado é essa fixação que eles têm de achar que brasileiras [...] Tem um que pensava que era amigo dele, até adicionei no meu MSN, uma vez, ele estava online, e disse: quero conhecer brasileiras. Manoel, é tão chato aquele senhor. Ele pensa que eu tenho uma agência de mulheres, alguma coisa. Quando é que vem uma amiga sua aqui para você me apresentar (Iracema 2).

Vou dizer também que neste site da Internet que eu encontrei este, que estou agora, eu encontrei muitos outros que também só queriam sexo virtual, também físico, nas quais eles viriam pra cá, mas usariam, digamos assim a gente, como objeto sexual (Iracema 6).

Esse português que eu conheci, ele: ah!, quando eu penso que vou voltar lá pra Portugal, vocês estão no paraíso, isso aqui é um paraíso com sol, praia, ele está super moreno. Ele já veio aqui várias vezes. E, ele é bem direto, sabe, eu acho que o que me chamou mais atenção nele foi isso, ele querendo que eu saísse pra gente ficar mais a vontade, mas se você não quer, fazer o quê? (Iracema 8).

Eles, não, já são mais [...] mais...mais homens, mais civilizados. Acho que é a cultura também, acho que tudo isso mexe com a cultura. A maioria que eu conheço, depois que tem relação com estrangeiro, adora, basta conhecer, não querem mais brasileiros (Iracema 4).

Algumas entrevistadas, pelas próprias dificuldades que enfrentam como, por exemplo, mercado de trabalho precário, falta de condições de saúde, educação

e moradia, acabam falando com desprezo do Brasil. Para elas, a única maneira de conseguir sair desta situação é se casando com um estrangeiro, não importando se estão apaixonadas ou não.

O meu país, infelizmente, só serve pra tirar férias. Porque aqui, a única visão que eu tenho do meu país até o momento, é que você passa um ano trabalhando e não consegue juntar dinheiro pra fazer nada que dê uma segurança. É só pagar impostos, impostos, impostos (Iracema 5).

Eu acho positivo, ótimo o envolvimento de brasileiros com estrangeiros (ela pergunta e responde). Eu acho que o Brasil, Fortaleza, aliás, vai chegar ao nível dos estados brasileiros da região Sul, Curitiba, Porto Alegre, onde há uma mistura de raça européia pura, são tão bonitos. Um país diferente, um país, não, uma região diferente do Nordeste, do Centro-Oeste, do Sudeste. (A filha interrompe). E, o que vai acontecer com o Brasil? O Brasil vai se tornar um país estrangeiro, a quarta geração vai ser de filho de estrangeiro, com certeza, eu quero muito que a minha filha que se case com um estrangeiro, que ela possa ter uma outra visão de vida, eu quero, não quero ela casando com brasileiro, não (Iracema 5).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscando discutir e compreender as relações afetivo-sexuais entre mulheres da cidade de Fortaleza e homens europeus, com base no método fenomenológico, constatei em minha pesquisa que estas relações estão permeadas, em primeiro lugar, por sonhos, desejos, decepções e, acima de tudo, pela determinação das mulheres. Elas buscam nestes relacionamentos uma forma de transformar suas vidas também. Tais idealizações aproximam estas mulheres da figura lendária da Índia fruto da criação de Alencar, que desafiou as regras da sua tribo para viver um amor proibido com o colonizador português, Martim Soares Moreno, conhecido como “guerreiro branco”, configurando um sentimento de transgressão, evidenciado pela presença do amor-paixão, o que me levou a denominá-las de “Iracemas”.

Na contemporaneidade, as relações afetivo-sexuais vividas pelas entrevistadas misturam tanto elementos do amor romântico - desejo de casar, construir uma família com a noção de que o amor virá depois -, assim destaca Piscitelli (2007), como também aqueles de cunho de transformação no campo social, embora as conquistas sejam apenas na esfera da individualidade, ou seja, não provocam uma mudança coletiva.

A idealização do homem estrangeiro, no caso, o europeu, aparece claramente na maioria das falas das entrevistadas que deixam transparecer um certo desprezo pelo homem cearense. Elas consideram os europeus mais civilizados, fiéis e que sabem cortejar de maneira mais sutil as mulheres do que o homem nativo que, aos olhos das entrevistadas, chega a ser vulgar. O próprio aspecto físico é

destacado pelas entrevistadas, numa demonstração de que ainda predomina a noção de colonialismo que marca, até hoje, a sociedade brasileira. Confirmando a afirmação de Figueiredo (1999), “dada esta condição periférica e as vicissitudes de nosso processo de colonização (que ainda está em curso), fomos, desde muito cedo, associados ao exótico naturista e paradisíaco (p. 34). Outro traço marcante nas falas das mulheres colaboradoras desta pesquisa é a determinação que, misturada ao que elas chamam de “destino”, “acaso” ou “sorte” serve de força para que continuem procurando o homem ideal que, na visão delas, passa longe dos trópicos, ao demonstrarem um certo desprezo pelo homem brasileiro, em especial, o cearense. Justificam a escolha do estrangeiro afirmando que os homens brasileiros não sabem valorizar as mulheres. Elas consideram que os homens ativos são preconceituosos, levando em consideração aspectos socioeconômicos, fatores que podem ser determinantes para uma relação, o status social que ocupam, identificado-as com o local onde moram e grau de escolaridade principalmente.

A opção pelo estrangeiro também está relacionada com o seu tipo físico - o que remete ao estereótipo do português colonizador, a exemplo da criação de Alencar (1865/2006), em Iracema - Lenda do Ceará, o guerreiro branco que se apaixonou pelos encantos da bela índia Iracema, que denota um encontro entre a natureza e a civilização, como se refere Figueiredo (1999), ao falar da dialética da colonização brasileira, até pelos traços subjetivos como fidelidade, demonstração de afeto, respeito, não terem preconceitos e, para a maioria delas, são melhores sexualmente. Tal opção é mantida até mesmo por aquelas mulheres que confessam terem sido enganadas por algum deles.

Nestas relações prevalece o imaginário do encontro entre as duas civilizações do período da colonização. De um lado, um povo que era feliz, andava

nu, desconhecia conceitos como culpa e pecado; do outro, uma gente marcada por um certo “mal-estar” (Freud 1929/1930/ 2006), fazendo alusão ao dilema do homem moderno diante da civilização. Também envolvem trocas afetivas, desejo tanto de afeto quanto de mudança de status social, algumas vezes, de ambas as partes, além da esperança de ver realizado um sonho, acalentado no imaginário desde criança: encontrar o um companheiro para casar, ter filhos e, se possível, mudar de vida.

Constata-se que cada período da história desenvolve seu próprio modelo de amor e a forma de tratar dele, ou seja, de construir o seu discurso em torno de tal sentimento que tanto seduz quanto desperta inquietação nas pessoas. Assim, cada civilização – de acordo com o seu contexto socioeconômico e cultural – inventa o seu discurso amoroso, isto é, sua própria linguagem para vivenciar e contar suas histórias amorosas.

As entrevistadas deixam transparecer o desejo de serem amadas, e encontrar um homem que seja capaz de oferecer mais do que uma vida materialmente segura. Nos seus discursos, elas mesclam o traço de racionalidade, afastando o caráter urgente ou perturbador, características fundamentais do amor-paixão.

O desejo de ir embora do Brasil é outro elemento presente no discurso das entrevistadas e que pode ser concretizado a partir de uma relação com um europeu. Apesar de demonstrarem racionalidade, deixam escapar no discurso, a importância de ter sorte para encontrar um estrangeiro no seu caminho. Admitem que procuram um homem europeu, e que esta busca é desgastante, já que as decepções também fazem parte do processo. Algumas afirmam que, hoje, não existe mais preconceito em namorar um estrangeiro, como em outras épocas, atribuindo ao turismo essa nova postura da sociedade. Para elas, as relações

acontecem de forma mais aberta e com menos preconceito, embora, algumas reclamem da imagem que está sendo construída lá fora da mulher de Fortaleza, conhecidas como fáceis, como admitem os próprios estrangeiros. Dizem que eles chegam aqui e não aceitam um não, quando o assunto é sexo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Agostinho, S. (1987). *Confissões*. (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Nova Cultural. (Originalmente publicado em 430 d. C).

Agostinho, S. (2007). *Cidade de Deus*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco. (Originalmente publicado em 413/426 d. C).

Alberoni, F. (1988). *Enamoramento e amor*. Rio de Janeiro: Rocco.

Alencar, J. (2006). *Iracema - Lenda do Ceará*. São Paulo: Martin Claret. (Originalmente publicado em 1865).

Aristóteles (2003). *Retórica das Paixões*. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 393 a. C).

Aristóteles (2008). *Ética de Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret. (Originalmente publicado em 393 a. C).

Arruda, A. (1998). *Representando a alteridade*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Barthes, R. (2003). *Fragments de um discurso amoroso*. São Paulo: Martins Fontes.

Baudrillard, J. (1992). *Da sedução*. Campinas: Papirus.

Baudrillard, J. (1996). *As estratégias fatais*. São Paulo: Papirus.

Baudrillard, J. (1998). *A transparência do mal*. São Paulo: Papirus.

Baudrillard, J. (2004). *O anjo de estuque*. Porto Alegre: Sulina.

Baudrillard, J. (2007). *Senhas*. Rio de Janeiro: Difel.

- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2005a). *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2005b). *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bello, A. A. (2000). *A fenomenologia do ser humano: Traços de uma filosofia no feminino*. São Paulo: EDUSC.
- Bem, A. S. (2005). *A dialética do turismo sexual*. São Paulo: Papirus.
- Bloch, R. H. (1995). *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico*. Rio de Janeiro.
- Bocayuva, H. (2001). *Erotismo à brasileira*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Bodei, R. (1991). *Geometria delle Passioni: Paura, speranza, felicità, filosofia e uso político*. Milano: Giangiacomo Feltrinelli Editore.
- Borges, M. L. A. (2004). *Amor*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Boris, G. D. J. B. (2002). *Falas de homens: A construção da subjetividade masculina*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: SECULT.
- Bosi, A. (1992). *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Bourdieu, P. (1990). *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense.
- Costa, J. F. (1998). *Sem fraude nem favor: Estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Costa, S. (2005, novembro). Amores fáceis. *Novos Estudos*, (73), 111-124.

- Creswell, J. (1998). Five qualitative traditions of inquiry. In *Qualitative inquiry and research design: choosing among five traditions*. (pp. 47-72). Thousand Oak: Sage.
- D'inco, M. A. (2007). Mulher e família burguesa. In *História das mulheres no Brasil*. (pp. 223-240). São Paulo: Contexto.
- Del Priore, M. (2006). *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Del Priore, M. (2007). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Descartes, R. (2005). *As paixões da alma*. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1649).
- Dias, L. (1999). *Outros 500: Uma conversa sobre a alma brasileira*. São Paulo: Ed. Senac.
- Duarte, J. F., Jr. (2006). *O sentido dos sentidos: A educação do sensível*. Curitiba: Criar Edições.
- Figueiredo, L. C. (1999). Psicanálise e Brasil considerações acerca do sintoma social brasileiro. *Psicanálise e Colonização*. (pp. 24-38). Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Foucault, M. (1985). *História da sexualidade 3: O cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (1988). *História da sexualidade 1: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (1999). *As palavras e as coisas: Uma arqueologia das ciências humanas* (8a ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Freud, S. (2006). O mal-estar na civilização. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 67-104). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1929-1930).
- Freyre, G. (2005). *Casa-Grande e senzala*. São Paulo: Global. (Originalmente publicado em 1933).

- Freyre, G. (2006). *Sobrados e mucambos*. São Paulo: Global. (Originalmente publicado em 1936).
- Furtado, J. L. (2008). *Amor*. São Paulo: Globo.
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista.
- Goethe, J. W. (2007). *Os sofrimentos do jovem Werther*. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1775).
- Goode, W. J. (1959, fevereiro). The theoretical importance of love. *American Sociological Review*. 24(1), 38-47.
- Holanda, S. B. (1995). *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Husserl, E. (2006). *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Aparecida, SP: Idéias & Letras. (Originalmente publicado em 1931).
- Husserl, E (2001). *Meditações cartesianas: Introdução à fenomenologia*. São Paulo: Madras. (Originalmente publicado em 1931).
- Illouz, E. (1997). *Consuming the romantic utopia: Love and the cultural contradictions of capitalism*. England: University of California Press.
- Krippendorff, J. (2001). *Sociologia do turismo: Para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. São Paulo: Aleph.
- Lasch, C. (1999). *A mulher e a vida cotidiana: Amor, casamento e feminismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Leal, M. L. (2001). *Pesquisa Nacional sobre Tráfico de Mulheres, Crianças e Adolescentes para Fins de Exploração Sexual Comercial (Pestraf)*.
- Lipovetsky, G. (2007). *A felicidade paradoxal: Ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras.

- Luhmann, N. (1982). *O amor como paixão: Para a codificação da Intimidade*. Lisboa: Difel.
- Maldonato, M. (2001). *A subversão do ser: Identidade, mundo, tempo, espaço - fenomenologia de uma mutação*. São Paulo: Peirópolis.
- Maldonato, M. (2004). *Raízes errantes* (34a ed.). São Paulo: SESC São Paulo.
- Marcuse, H. (1999). *Eros e civilização*. Rio de Janeiro: LTC. (Originalmente publicado em 1966).
- Merleau-Ponty, M. (1999). *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1945).
- Merleau-Ponty, M. (2007). *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva. (Originalmente publicado em 1964).
- Moreira, V. (2004). O método fenomenológico de Merleau-Ponty como ferramenta crítica na pesquisa em psicopatologia. *Psicologia: Reflexão Crítica*, 17(3), 447-456.
- Panosso, A. (2003). *Reflexões sobre um novo turismo: Política, ciência e sociedade*. São Paulo: Aleph.
- Parker, R. G. (1991). *Corpos, prazeres e paixões: A cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Nova Cultural.
- Pereira, R. (2006). Retratos eloqüentes sobre o corpo e outros objetos. In *Psicanálise e Colonização*. (pp. 40-47). Porto Alegre: Artes e Ofícios
- Perét, B. (1985). *Amor sublime*. São Paulo: Brasiliense.
- Perrot, M. (1988). Os excluídos da história: Operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Piscitelli, A. G. (2004). On gringos and natives, gender and sexuality in the of internacional sex tourism. *Vibrant, Virtual Brazilian Antropology*, 1, 27.

- Piscitelli, A. G. (2005). Viagens e sexo on-line: A internet na geografia do turismo sexual. *Cadernos Pagu*, 25, 281-327.
- Piscitelli, A. G. (2007). Sexo tropical em um país europeu: Migração de brasileiras para a Itália no marco do turismo sexual internacional. *Revista Estudos Feministas*, 15(3).
- Platão. (2003a). *O banquete*. São Paulo: Martin Claret. (Originalmente publicado em 384 a. C.).
- Platão. (2003b). *Fedro*. São Paulo: Martin Claret. (Originalmente publicado em 347 a. C.).
- Ribeiro, D. (2006). *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Ricupero, B. (2004). *O romantismo e a idéia de nação no Brasil (1830-1870)*. São Paulo: Martins Fontes.
- Rousseau, J.J. (2007). *Discurso sobre a origem da e os fundamentos das desigualdade entre os homens*. São Paulo: Martin Clarent. (Originalmente publicado em 1755).
- Sales, I. (2007, 01 de janeiro). Prostituição é estratégia migratória. *Diário do Nordeste*.
- Sales, I. (2008, 20 de abril). Estamos vivendo um momento pós-colonialista. *Diário do Nordeste*.
- Schoeplin, M. (2004). *O amor segundo os filósofos*. São Paulo: Edusc.
- Shelley, P. B. (2008). *Uma defesa da poesia e outros ensaios*. São Paulo: Editora Landmark.
- Simmel, G. (2001). *Filosofia do amor*. São Paulo: Martins Fontes.
- Stendhal, M. H. B. (2007). *Do amor*. Porto Alegre: L&PM. (Originalmente publicado em 1822).

Tomás, A. (2000). *Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural. (Originalmente publicado em 1264).

Trigo, M. H. B. (1989). Amor e casamento no século XX. In *Amor e Família no Brasil*. (pp. 88-94). São Paulo: Contexto.

ANEXOS

CARTA DE INFORMAÇÃO E TERMO DE COMPROMISSO

Eu, Maria Iracema Moreira Sales, residente na Rua Rosa Leite de Oliveira, 245, Barra do Ceará, CEP 60.341 – 540, Fortaleza-CE, telefones (085) 3228 5191/88187307 e mestranda em Psicologia na Universidade de Fortaleza da Fundação Edson Queiroz – UNIFOR, matrícula Número 0624157/3 estou desenvolvendo o projeto de pesquisa: “Iracemas” e “Martins” na Terra do Sol – Os Novos Casos de Amor Romântico entre Mulheres Cearenses e Homens Europeus na Contemporaneidade. Meu interesse é investigar como estão sendo construídas as relações afetivo-sexuais entre homens europeus e mulheres cearenses na contemporaneidade, diante das transformações sociais, políticas e econômicas na sociedade atual. Elegemos como principal objetivo, conhecer como se desenvolvem estes relacionamentos, sobretudo, com o aumento do fluxo de turistas europeus no Ceará, a partir da década de 1980. Deste modo, acreditamos que a sua colaboração será de grande importância para os estudos das relações de gênero na contemporaneidade, principalmente, no contexto das migrações. Assim, solicitamos sua colaboração para participar desta pesquisa, respondendo à entrevista, construída a partir da pergunta disparadora: “Como você conheceu seu namorado ou companheiro?” Esclarecemos que:

- As informações colhidas nas entrevistas somente serão utilizadas para os objetivos da pesquisa;
- A senhora tem a liberdade de desistir a qualquer momento de participar das entrevistas;
- Garantimos que as informações ficarão em sigilo e seu anonimato será preservado;
- Em nenhum momento a senhora terá prejuízo físico ou financeiro;
- Peço autorização para gravar as entrevista em fitas K-7 a fim de garantir a fidelidade do que foi relatado;
- Ressalto que sua participação é voluntária.

Em caso de dúvida, entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFOR, localizada na Avenida Washington Soares, 1321, bairro Edson Queiroz, CEP 60811341 – Tel. 34773219/34773217. Agradeço sua colaboração e solicito que a assine o termo de consentimento declarando que, pelo presente instrumento, que atende às exigências legais da resolução 196/97 do Conselho Nacional de Saúde, a Sra. _____, portadora do Registro de Identidade, _____, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO COLABORADOR, devidamente, explicada pela profissional, em seus mínimos detalhes, ciente da entrevista a qual será submetida, não restando quaisquer dúvidas, firma seu consentimento livre e esclarecido concordando em participar da pesquisa proposta.

Fortaleza, ____ de _____ de 2008.

Assinatura da Entrevista

Maria Iracema Moreira Sales
(pesquisadora)



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
ENSINANDO E APRENDENDO

UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
VICE-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Comitê de Ética em Pesquisa – COÉTICA

PARECER N°. 262/2008

Projeto de Pesquisa: Iracemas e Martins na Terra do Sol: Os casos de amor romântico entre homens europeus e mulheres cearenses na contemporaneidade.

Pesquisador Responsável: Maria Iracema Moreira Sales

Data de apresentação ao COÉTICA: 29/07/08

Registro no COÉTICA: 08-259

CAAE: 0117.0.037.000-08

Parecer: APROVADO na data de 02/09/08

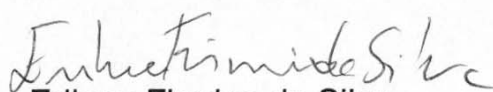
Marilice Joffily Pereira da Costa Parahyba

Prof. Marilice Joffily Pereira da Costa Parahyba
Presidente do Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFOR – COÉTICA

DECLARAÇÃO

Eu, Erilene Firmino da Silva, Identidade 846154/84 – SSP-CE, graduada em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Literatura Portuguesa, conforme parecer do Conselho Federal de Educação nº 104/57, de 04 de janeiro de 1991, com registro 14.050, livro GG11, folhas 4234, processo 064191, declaro para devido fins, que fiz a revisão ortográfica da presente dissertação.

Fortaleza, 22 de abril de 2010.


Erilene Firmino da Silva
RG 846154/84